

DL 148.14 fls 54

Cartas chilenas, poema,  
com prologo de D. Francisco Luiz da Veiga.

Arch.  
~~Rez.~~



~~fls. 2075~~  
~~8~~

L 118

| MICROFILME |             |
|------------|-------------|
| ARMARIO    | 4           |
| PRATELEIRA | 4           |
| ESCANINHO  | 11          |
| PASTA      | 208/4-109/8 |

nº 14



Esta Ms., juntamente com os  
de n.ºs 2.076, 2.124, e 20.596, foi  
oferecida ao Instituto pelo Dr. Luiz Fran-  
cisco da Veiga, a 2 de Julho de 1869, a fim  
de facilitar a uma comissão especial  
o estudo da autoria dos Cartos Chilenos,  
como se vê na ata da sessão daquella  
dia (Revista do Inst. t. XXXII, pag. 258)

2.075



Em uma especie de archivo de minha familia, que tem quasi meio se-  
culo de existencia, existião e existem, cobertos de poeira, alguns ma-  
nuscritos e impressos de tempo muito remoto de nossa historia poli-  
tica e de nossa historia litteraria. Esse reservatorio interessante  
do qual <sup>intermittente</sup> pro-duirão a nosso anno, contemporaneo, e ultramarino, não tem  
sido, entretanto, <sup>intermittente</sup> impetravel da, que amos sinceramente as causas  
patrias, as que reflecto a honra e as glorias da nossa nascente nacio-  
nalidade:



Elles venerando e fallecido <sup>gratitudo</sup> Pai <sup>tambem</sup> Sr. João Pedro Teixeira reunia a  
muitas virtudes, que o ornavaõ, como homem e como cidadão, illi-  
mitada liberalidade: assim foi <sup>gratitudo</sup> frangueado esse curioso depo-  
sito de antiguidades brasileiras a illustres cultores da archeo-  
logia. O Sr. Doutor Nello Moraes foi o primeiro explorador  
nestes ultimos tempos; ignoramos, porém, o que o incansavel littera-  
to retirou de suas pesquisas. Seguiu-se-lhe immediatamente o Sr.  
Martins que, como procurador da Bibliotheca Fluminense, arrea-  
dou mais de 4 ao faldeto. O Sr. Varnhagem em sua ulti-  
ma estada no Rio de Janeiro visitou essa sala e colligiu mui-  
tos centos de brochuras concernentes a historia e litteratura  
patria, sendo muitas impressas em diversas provincias do Bra-  
zil em epoca mui affastada de nós; e ultimamente o di-  
functo <sup>ex-Proprietario</sup> ~~Proprietario~~ da Republica Oriental do Uruguay, o Sr.  
André Lamas, sega, para a sua, naturalmente curiosa Bi-  
bliotheca Sul-Americana, a já muito ceifada messe. Ex-  
pouco eu encontrarei, porque, sem duvida, os seus predecessores não  
se descuidarão, pois, com a autorisacão ampla que tiveram, na-  
turalmente colherão o melhor, a flor da sementeira.

Foi em um recanto desse archivo, occulto ás vistas dos visitantes, que  
encontrei tres copias do poema "As Cartas Chilenas", sendo a mais  
completa da <sup>primeira</sup> ~~primeira~~ de meu Avô o Sr. Francisco Luiz Saturnino da  
Vieira; é d'ella que me serviram para a presente edicão, si é que pô-  
de ter esse nome uma publicacão incompletissima e incapaz de fazer  
nos palmares feita em 1845 pela Redacção da Minerva Bra-  
zilense.



Quem é o autor das Cartas Chilenas? Eis uma pergunta de maxima importancia a qual <sup>entretanto</sup> não posso dar resposta <sup>satisfactoria</sup>, como desejaria. Alguns litteratos <sup>(raros)</sup> brasileiros tem-se occupado com este assumpto interessante, e nenhum até hoje <sup>que eu saiba,</sup> achou descobrio a incognita. O verdadeiro autor de tão notavel e eloquente satyra. O eminente chronicista e distincto litterato o Sr. Varnhagem assim se exprime no seu Florilégio da Poesia Brasileira. vol 1 - pag. XLI da Introdução: //

O governador Lins da Cunha de clemens não soubera ganhar as sympathias da capitania cujo governo lhe fora confiado em 1783. O seu genio vaidoso, os seus erros administrativos, e o puerilismo em pequenas causas, ao ridiculo, deram assumpto para a violenta satyra que em nove epistolas, intituladas "Cartas Chilenas", contra elle escreveu um dos poetas de Villa-Rica. A simplicidade da metrificacão, a naturalidade do estylo, e a propriedade da linguagem faria attribuir esta obra a Claudio, a não desmentir a sua penna algumas expressões chulas e pouco decorosas. Mas pouco na athena a attribui-las a Alvares Pereira, de quem nenhum verso possuímos deste genero: e preferem sem duvida que o faz versos, e não de pessoa exercitada em a fazer, e não havia então em Minas poeta neste caso, mais que o d'as, e Gauraga que fica excluido, por se fallar d'elle nas mesmas cartas. As epistolas supponem-se dirigidas por Britillo a um Dorotheo (Theodoro) que estava na Corte. Porrem precedidas de um verso de outro autor que em certo lugar nos previne a favor da obra de Britillo, como escriptor conhecido. Não faltam nas cartas verdades que deviam de ser duras aos ouvidos não so do governador presente como até de todos a mandas mãos que lhe succedessen. A satyra foi escripta provavelmente em 1786, isto é, depois das festas por occasião dos casamentos da infante de Portugal e Hespanha.

As Cartas Chilenas, que melhor podemos chamar mineiras, são o corpo de delicto de Lins da Cunha de clemens, cujo de governo foi a origem da primeira fermentação em Minas, para a conspiração em que apparecerão complicados, como chefes e cabeças, os reaes de que ultimamente fizemos menção, Claudio, e Pereira, e em apparencia Gauraga. Talvez nenhuma outra his toria litteraria offereça a novidade de se ver assim inseparavel de uma conspiração politica, em que, segundo parece, tiveram



Pereira da Silva - Plutarco Brasileiro. vol-1º pag-205- T. A. Gonzaga  
em nota:

" Ha quem tambem attribua a Thomaz Antonio Gonzaga o poema satyrico das Cartas Chilenas, que appareceu pelo Secundo Tempo na Capitania de Minas-Geraes, e que contém passagens bem escritas e desenhadas; no, porém, combinando-o com as poesias de Gonzaga, consideramos não ser tal poema composição sua.

Pereira da Silva = Os Varões illustres do Brasil durante o tempo colonial  
2º vol = pag. 84 - Ignacio José de Alvarenga Peixoto =

" Foi em 1786, durante o governo de Luiz da Cunha e Menezes, successor do conde de Cavalleiro, que apparecerão as Cartas Chilenas, critica fina e vehemente, que ainda hoje se ignora de quem seja composição, se de Thomaz Antonio Gonzaga, se de Claudio Manoel da Costa, se de Ignacio José de Alvarenga Peixoto, ou de todos, pois em ligas e combinações.

bagem = Florilégio da Poesia Brasileira - vol-1 - pag.  
Introdução



O Sr Dr João Pereira da Silva tão vantajosamente conhecido ~~por~~ <sup>escritos</sup> ~~por~~ suas ~~obras~~ literarias e por seus discursos no Parlamento, em sua obra "Plutarco Brasileiro - vol-1º pag. 206. Thomas Antonio Gauraga, em nota, diz assim: "Ha quem tambem attribua a Thomas Antonio Gauraga o poema satyrico das Cartas Chilenas, que apparece, pelo seu tempo na capitania de Minas Geraes, e que contém passagens bem escritas e desenhadas, mas, porém, combinando-o com as poesias de Gauraga, consideramos não ser tal poema composição sua."

O mesmo Sr Doutor Pereira da Silva assim se exprime na 2ª edição da citada obra <sup>a que deu</sup> o titulo "Os Varões illustres do Brasil Durante o Tempo coloniais, vol. 2º - pag. 84. Ignacio José de Alvaranga Peixoto: "Foi em 1786, durante governo de Luiz da Cunha e Meneres, successor do conde de Saldanha, que apparecerão as Cartas Chilenas, critica fina e vehemente, que ainda hoje se ignora de quem seja composição, si de Thomas Antonio Gauraga, si de Claudio Manoel da Costa, si de Ignacio José de Alvaranga Peixoto, ou si de todos tres em ligação e combinação."

O distincto litterato o Sr Santiago Nunes Ribeiro em um <sup>imp-</sup> <sup>des q</sup> <sup>ur</sup> ta que inserio na primeira pagina da sete cartas que <sup>publica-</sup> <sup>em</sup> 1845 e que <sup>publicada</sup> <sup>parte</sup> de uma collecção intitulada Bibliotheca Brasileira sob o patrocínio dos Redactores da Minerva Brasileira assim se exprime; "Estas cartas merecem a attenção dos poetas e amadores da poesia, não só pelo seu merecimento intrinseco, mas por serem attribuidas ao celebre autor da Marilia de Dirceão, e os criticos pertence examinar-lhes o estylo, a feitura metrica, o balanco e movimento do periodo poetico, e ver si estas e outras qualidades são analogas ás de igual genero, peculiares ao poeta, nas suas obras genuinas

(4) ~~Publicado~~ D. Rodrigo José de Meneres.



autenticada por todas as provas exigíveis. Catejar pois estas cartas  
o phrasedo, maneira e textura rhythmica, com as lyras seria  
em trabalho curioso, e mostraria em quem o fizesse cabalmente, havi-  
grande conhecimento da lingua, do estylo e locução harmonica da  
poesia. Inclinando-nos a crer que effectivamente estas cartas  
são do infeliz Gonzaga, não ausamos fundar-nos em provas de  
cada d'esse exame litterario, porque temos um testemunho, que  
si não he irrecusavel, pelo menos he muito poderoso e digno de  
respeito. Hum ancião entusiasta da litteratura brasileira, e  
hosiario de muita de sua thesouro, e o que he mais, depositario  
que não o ~~tem~~ <sup>acumulou</sup> ~~em seu proveito e sim para~~  
vir dando ao publico, um ancião, por este e outro titulo  
benemerito das lettras brasileiras, a quem a allinerva deve esta  
obra (que em attenção ao Sr. Dr. Chaia foi - no permittido  
imprimir) declara o seguinte a cerca d'ella:

„ Tenho motivo para certificar que o Dr. Thomas Ch-  
tonio Gonzaga he o autor das Cartas babilonicas. — Fran-  
cisco das Chagas Ribeiro. „ „ Tanto basta em nosso sentir  
para que razoavelmente não se possa dizer, sem outras  
provas, que esta obra he apocrypha. „

+ Esta copia <sup>que possui de</sup> ~~feita~~ por Francisco Luiz Saturnino da Veiga e que ser-  
ve de base a presente edição encontra-se no fim da dedicatoria  
(em prosa) o seguinte =: „ Villa Rica. 9 de Fevereiro de 1789. <sup>Thomas</sup>  
Antonio Gonzaga „ et lettra e' differente <sup>como singular</sup> ~~assim~~ o character do  
algarismo; parece que o copista confundindo a lettra do poeta, tra-  
tou de imital-la. Thomas está escrito como se vê, sen'he e c'nto  
nio tem dois tt. Na 4ª Carta existe tambem a seguinte nota do  
mesmo Sr: „ Dizerem que continha esta Carta 299 versos, até ao que diz  
+ „ Que não busque cobril-la, como adiante se mostra copiado no resto da mesma  
Carta; e que ao copiar do original esta Carta, o autor (Thomas Ch-  
tonio Gonzaga) dissera que já estava reformado o que n'ella falta, mas  
ão em estado de se poder copiar. O mesmo succedeo com o fim da



13<sup>a</sup>, que é a última: e que pouco dias depois fôra preso, sem que haja quem dê noticia de tal manuscrito. Esta nota foi <sup>reproduzida</sup> tal qual, sem alteração <sup>inclusive</sup> e uma virgula, ~~e~~ o nome de Thomas Antonio Gauraga, entre parentheses, como existe na mesma nota. Do que fôr dito conclue-se que os litteratos e amadores da <sup>litteratura</sup> ~~poesia~~ <sup>poesia</sup> ~~as~~ <sup>as</sup> ~~estras~~ <sup>estras</sup> accordes sobre a paternidade das presentes Cartas. O Sr. Varnhagem as attribue a Claudio ou a Alvarenga Peixoto, e fôr do litigio o nome de Gauraga por que fallar n'elle nas mesmas Cartas. O Sr. Pereira da Silva na primeira edição do Plutarco Brasileiro depois de combinações e comparações consid. a não ser tal poema composição de Gauraga, mas não o tribue a nenhum. Na 2<sup>a</sup> edição da dita obra o mesmo scritor já não affiança não serem as Cartas da penna de Gauraga, mas, pelo contrario, diz que <sup>na</sup> ~~na~~ <sup>se sabe</sup> ~~se sabe~~ a qual das tres poesias pertencem (Gauraga, Claudio e Alvarenga Peixoto) podendo ser de todas tres em ligação e combinação. O Sr. Santiago inclina-se a crer serem ellas de Gauraga fundado na opinião do Sr. Francisco das Chagas Ribeiro. O Sr. Ribeiro certifica muito positivamente que ~~as~~ <sup>estas</sup> Cartas são do scritor de Marilia de Dirceio; e o Sr. Francisco L. F. de Veiga faz illicitamente a mesma asseveração.

A asseveração do Sr. Francisco L. F. de Veiga tem, para o caso, mais valor, e de maior importancia, ~~e~~

em 1<sup>o</sup> lugar a copia do Sr. Saturnino de Veiga (como era geralmente conhecido) é a mais completa e a mais exacta (+) o que prova que elle obteve informações de fonte mais pura, de pessoa ou pessoas conhecidas da historia desta <sup>litteraria</sup> ~~reprodução~~ <sup>reprodução</sup> e quem conheceu o Sr. Saturnino de Veiga sabe que elle não era nenhum hesitante, nenhum estulto, sendo pelo contrario homem de muito espirito, muito laborioso (como escreveu muito volume <sup>de</sup> <sup>das</sup> <sup>coisas</sup> <sup>dito</sup> <sup>mundo</sup> <sup>de</sup> <sup>seu</sup> <sup>la</sup> <sup>obra</sup>) e homem notavelmente incredulo (mesmo em religião e coisas da igreja em que era jubilado) para ser facilmente enganado onde <sup>se</sup> <sup>tem</sup> <sup>na</sup> <sup>occupações</sup> <sup>mais</sup> <sup>abastante</sup>.



João Francisco L. S. Sáez - residio em Villa Rica, desde Setembro de 1788 até fins de 1792  
tendo chegado ao Brasil em 1783 com 8 annos, esteve por tanto em Chile  
quando se deu a Inconfidência do Cayurucu - Turadun.  
Gonzaga era Ouvidor em Villa Rica. Claudio Emanuel da Silva  
Secretario do Governador, Luis Salazar e Llerena, Capitão  
Coronel de Milicias da Campanha do Rio Verde. João de  
Almeida Villa Rica (Cris).

serão para certificar ao meu para a creditar

Ungi-se claramente uma contrafeição de Llerena, nome do João



1785 e illudido. Em 2º lugar o Sr Saturnino da Veiga residindo em Villa-Rica (Barro Preto) desde Setembro de 1788 até fins de 1789 foi testemunha presencial de todo o facto da frustrada conspiração Tira-dentes, conheceo naturalmente n'essa Villa os nomes mencionados poetas, heroes d'aquella infeliz insurreicão, inclusive Gonzaga, Ouvidor residente n'aquelle lugar; naturalmente tambem ahi soube da existencia e da paternidade do poema; e assim, tem a sua asseveracão todo o requizito para ser reputada a verdade, nesta controversia. Em conclusão, parece que sobra-me razões muito poderosas para acreditar, <sup>se não certificar</sup> ~~que as Cartas Chilenas~~ que as Cartas Chilenas foram escritas por Thomaz e Antonio Gonzaga, o autor da Ilarilia de Dirceo. E nem de ho e essa minha creença o facto apontado pelo Sr Varnhagen como decisivo de se fallar em Dirceo (Gonzaga) nas mesmas Cartas; n'aquelle bello tempo em que o governo era o arbitrio e a liberdade de uma mefutura, ~~podendo~~ <sup>era</sup> (e não deixa hoje de ser) um meio muito habil para anedar de si toda a suspição e responsabilidade, o tratar-se da propria pessoa como si de outrem, em uma satyra vehemente dirigida contra o fante e omnipotente governador, que, mesmo nesta dourada era da Constitucão tem tido uncriveis e gloriosos imitadores. E tanto assim é, que o autor dos ai presentes Cartas titulos de Chilenas, apresenta-as como traducção e como sendo dirigidas a um governador do Chile de nome Ellinero, que <sup>claramente</sup> ~~uma~~ contrafeição da Chilenas, nome do governador da capitania de Minas-geraes. Portanto o fallarem as Cartas em Dirceo, não prova não serem ellas de sua lavra, sendo isso pelo contrario, um disfarce muito natural, em plena harmonia com outros de que fanceou mão para occultar-se.

1) O Sr Francisco Luiz Saturnino da Veiga nascido em Lisboa a 30 de novembro 1741, chegou ao Rio de Janeiro em 1783, onde conservou até 1788 em que partiu para Villa Rica onde residio até fins de 1789, tendo, por consequencia, nestas ultimas datas de 44 a 18 annos; já de seu trabalho, ensinando o latim, a grammatica e a arithmetica, materias estas em que se tornou perito.



agora, duas palavras sobre a presente edição.

As Cartas publicadas pela *Collegia Brasileira* na *collecção* intitulada *Bibliotheca Brasiliica* são em numero de 7; no final da 7.<sup>a</sup> em declarado = Fim; o que prova que o *Sr. Thago Ribeiro*, tão conhecido das coisas patricas como assegura o *Sr. Santiago* (e eu acredito) ignorava a existencia das outras Cartas que hoje sa a luz, e isso não admira, quando o *Sr. Varnhagen*, no *noto* mais profundo *chronista*, diz sem nome as menço na das Cartas. E não ha só isso. A 6.<sup>a</sup> Carta impressa em 1845, ante o verso que diz "Da larente armadura flonga, annu" - o seguinte, haue uma omissão de 28, e que se pode ver quem quiser, confrontar a dois impressa; a 7.<sup>a</sup> Carta não foi publicada, mas, em lugar d'ella publicarão a 8.<sup>a</sup> com aquelle titulo; a 7.<sup>a</sup> encontrara o leitor na presente edição. Esta 8.<sup>a</sup> publicada em 1845 como 7.<sup>a</sup> ante o verso que diz "Esta alta verdade com exemplo," e o seguinte, haue uma omissão de 34 versos, o que tam bem se pôde verificar; em fim, exist na publicação das 7 Cartas feita em 1845, um grande numero de erros, muitos dos quaes, devem ser attribuidos a *typographia* que as imprimio. Entretanto, conveniê-lo, o meo manuscrito é ainda incompleto como, em nota, affiança o *Sr. Saturnino da Veiga*, o qual, até no ademo *em* qui copiou o poema, deixou, nos lugares competentes, espaços em branco, que infelizmente nunca pôde preencher. Nesta edição não faço senão d'agueras *typas*, e assim me posso exprimir, o manuscrito que encontrei, não se julgando autorizado a fazer a melhor alteração ou correção em um escrito *qual* não sou autor, e qui devia resistir, tornando-o publico <sup>em topla a</sup> ~~então~~ sua integridade e com perfeita fidelidade.

No trabalho da revisão e confrontação dos tres manuscritos que possuo, para o fim de conhecer qual d'elles era o mais completo



to e o mais perfeito vales-me muito a poderosa coadjuvação de um  
noço distincto por seu talentos, illustração e qualidade do cora-  
ão o meu cunhado o Sr Doutor José Joaquim do Carmo.  
Eis o que tenho a dizer sobre a presente edição das Cartas Chi-  
lenas.

Quanto ao merecimento intrinseco da obra, valor artistico dos versos, pro-  
priedade e pureza da linguagem, bellura dos desenhos, elevação  
das ideias, espirito das faccias e dos epigrammas, elegancia e na-  
turalidade da locução e acerto dos similis, nada posso acrescentar  
o que, a respeito, disserão os Srs Varnhagen, Pereira da Sil-  
a e Santiago Nunes Ribeiro, autoridades competentes nes-  
ta materia, os quaes (como de outro livro e de H. Thersclano di-  
um escritor contemporaneo), salvarão as Cartas Chilenas  
do prurido de mesquinhas invejas com que a mediocridade  
tenta sempre suffocar as explosões intellectuaes que  
des lumbrão."

Rio 29 de Setembro de 1857.

Luiz Francisco da Silva.



Epistola a Critilo.

1

Alf. Gus. ulian  
Ano. 9

Vejo, ó Critilo, do Chileno Chefe  
Tão bem pintada a historia nos teus versos;  
Que não fui decidir, qual seja a cópia,  
Qual seja o original. Dentro em minha alma  
Que diversas paixões, que affectos vários  
A um tempo se suscitão! Fêlo, e tremo  
Ultimas vezes de horror, de mágoa, e fústo,  
Outras vezes do não apenas posso  
Resistir aos impulsos igualmente  
Me sinto vacillar entre os combates  
Da raiva, e do prazer. Mas ah! que disse!  
Eu retratto a expressão, nem me subscrevo  
Ao suffragio daquelle, que assim pensa  
Fôto da razão, que me surprende.  
Tracta-se aqui da humanidade afflicta:  
Exige a natureza os seus deveres:  
Nem da mofa, ou do riso pôde a idea  
Já mais nutrir-se, emquanto aos olhos nos fôos  
Se propõe do teu Chefe a infame historia.  
Quem me dirá, que da ~~república~~ as obras  
Infestas á virtude, e dirigidas  
A despertar oucandolo, conseguem  
Ao prudente varão mover o riso?  
Eu vejo, que um Caligula se empenha,  
Em fazer, que de Roma ao Consulado  
Se jure o seu cavallo por collega:  
Vejo, que os cidadãos, e as tropas arma  
Filho de Agrippina, que os transporta  
Em grossos vasos sobre o Tibre; e logo  
Por inimigos lhes assigna os matos,  
Que atacar manda com guerreiro estrondo:  
Dirá, que me recreia esta loucura?  
Que devo rir-me, e suffocar o pranto,  
Que pula nos meus olhos? Não, Critilo,  
Não é esta a mocção, que n'alma prova,  
Por entre estes delirios insensível  
Me conduz a razão brilhante, e sábia,  
Agemer igualmente na desgraça  
Dos miseros vassallos, que honrar devem  
De um Tyrão o poder, o throno, o sceptro.  
Se Thalia, e Melpómene nos puntao  
Nos seus theatros as paixões humanas  
Ao ridiculo gisto, ou ao semblante  
Da scena, que o Cothurno me apresenta,  
Eu me conformo ao interesse, quando  
Aborreço a maldade, e quando rendo  
Aformosa a virtude os dignos votos.  
Despudice Medea os charos filhos,



Guia Aires de seus netos as entranhas,  
Eu terei sempre horror às impiedades.  
Já mais da irreligião, da fé mentida  
Me hão de enganar os perfidos rebucos,  
Ou da fingida scena os vãos adornos.  
Devo pois confessar, Critilo amado,  
Que teus escriptos de uma idade a outra  
Pirpirão sempre des esplendor cingidos:  
Que a humanidade emfim desagravada  
Das injurias, que soffre, portu' braco  
Os ferros soltara, que desagraça,  
Tintos do furo, gotejado sangue.

Subditos Infelices, que provastes  
Os estragos da barbara desordem,  
Respirai, respirai: ao beneficio  
Deveis do bom Critilo a paz suave,  
Que a vossa liberdade alegre goza:  
Sim, Critilo, são estas as agoiros,  
Que lendo a tua historia, ao mundo faço.  
De pejo, e de vergonha os bons Monarchas,  
Que pias intencões sempre alimentão,  
De reger como filhos os seus povos,  
Tocados se verão. Prudentes, sabios,  
Consultarão primeiro sobre a escolha  
Daquelle Chefes, que a remotas terras  
Determinão mandar, d'elles fiando  
A importante porção do seu Governo:  
Prevenidos, que a vã brutal soberba  
So nas obras influe destes monstros,  
Pelo escrutinio da vertude espero,  
Que regulados os seus votos sejião.

De uma estéril mortal genealogias,  
Que o merito produz de seus maiores,  
Elles, Amigo, argumentar não devem  
Propagados talentos. A virtude  
Nem sempre aos netos por herança desce.  
Pode o pai ser piedoso, sabio, e justo,  
Manso, affavel, pacifico, e prudente:  
São se segue daqui, que um impio filho,  
Perverso, infame, discolo, e malvado,  
São desordine de seus Pais a gloria.  
Nem sempre as aguias de outras aguias nascem,  
Nem sempre de Leões. Leões se gerão:  
Quantas vezes as pombas, e os cordeiros  
São partos dos Leões, das aguias partos!

Para reger, o' Reis, os vossos povos,  
De balde ides buscar braços, e escudos  
Entre os vossos Dynastas. Roma, Roma  
As fúrias, as fécures, mais as outras  
Imperias insignias só tirava



Da provada virtude. Se das Fugas  
Distingua uma, e outra especie, Athenas  
E quem a todas o caracter dava:

Igualmente Civil Juris Consulto,  
Que instruido quemeiro, era mandado  
Um cidadão, que da provincias as redeas  
Manejasse fiel. Daqui os Fabios,  
Daqui os Scipioes, e os bons Emilios,  
Os Livios daqui, que os factos ornão.  
Que differentes hoje os nosos Grandes!

É filho do Marquez, do Conde é filho;  
Vai das Indias reger o vasto Imperio.  
O Deus He que infelices os vassallos  
Que tão longe do Throno prostitue  
O vosso Imperio aos abortivos Chefes!  
Lá vai aquelle, que de avara sede  
E por génio arrastado: i que thesouros  
Não espera ajuntar! Do alheio cofre  
Se ha de esgotar a aferrolhada soma:  
Desgraçada Justiça! Da igualdade  
Tu não sabes o ponto: é a balança  
Do interesse, que fo' porta decide.

Que despachos injustos, que dispendias,  
Que mercês, e que postos não se comprão  
Ao grave peso de sellada firma!

Outro vai, que lascivo, e desenvolto  
Se da carne as paixões adora, e segue:  
Honras, decoros, vós fereis despojos  
Do seu bruto appetite. Em vão cançados,  
Pães de familias, zelareis vós outros  
Da vossa casa o pundonor herdado.  
Aos vrs ataques do atrevido orgulho  
Não de ceder as prevenções mais fortes;  
Victimas da voraz sensualidade  
Vossas filhas ferdo, vossas mulheres.

Que viri do soberbo, do vaidoso,  
Do colérico, e de outros varios monstros,  
Que freio algum não conhecendo, pasão  
A sustentar no auctorizado cargo  
Tudo quanto a paixão lhes ditta, e manda!  
Não soffra aquelle, que o vassallo occulta  
Os cabedais, que d' sua industria deve;  
E que a seus filhos, e a seus netos possa  
Deixar, moimenda, uma opulenta herança;  
Um falso crime lhe figura, aonde  
Esquite as forcas, que levar procura  
Além das frias apagadas cinzas.

Este medita, que a nobreza illustre  
Suffocada se veja. Aprisação dura,  
Odistante de gredo, é que promette



Da prevista vingança o fim prescripto.  
O' Kenhores! Vós Reis! o' Grandes, quanto  
São para nós as vossas Leis inúteis!  
Mandais de balde, sem julgada culpa,  
Que o vosso Chefe arbitrário seu não possa  
Exterminar os réos; punir os impios:  
E' cõs Ministros de menor esfera.  
Que fallão vossas Leis. Vós Chefes vossos  
Fomenta o despotismo impior, e reina.  
Fosar da sombra do copado tronco  
E' só livre ao que perto tem o abrigo  
Dos seus ramos frondosos. Se se aparta  
Da clara fonte o passageiro, prova  
Turbadas águas em maior distancia.  
Mas Ah! Critilo meu, que eu estou vendo,  
Que já chegão a ler as cartas tuas:  
Esses barbaros monstros são cobertos,  
De vivo pejo ao vêr os seus delictos,  
Que em tão disforme vulto hoje apparecem.  
Dizto Pintor, em um só quadro a muitos  
Soubeste descrever. Sim, que o teu Chefe  
As maldades de todos comprehende.  
Aqui vê-se o soberbo, que se agiganta pensando  
Do resto dos mais homens nada serem  
Mais que humildes insectos, só de fúrias  
Nutre o vil coração, e as seus pés calca  
A pobre humanidade. Aqui se encontra  
O impio, o libertino, que ultrajando  
Tudo que é sagrado, tem por timbre  
Ao publico mostrar, que o santo Culto,  
Que nos intima a Religião, fomenta  
Aos pequenos obriga, e que por arte  
Os conferra a' illusão no fanatismo,  
Porque da obediencia às Leis se dobrem.  
Aqui se acha o lascivo, e o vaidoso,  
E o estúpido, em fim e' o demente,  
O que ao vivo apparece nesta imprensa.  
Tu, feroz Catão, tu reprehendes  
Com teu mudo semblante a Pátria Roma:  
Nem seus theatros de lascivia cheios  
Soffem teus olhos nobremente irados:  
Fede o Congresso, de terror ferido,  
Que o rígido Censor o Círculo deixe,  
Ou que se não produza a torpe scena.  
Este, o' Critilo, o precioso effeito  
Dos teus versos fêra, como em espulho,  
Que as côres toma, e que reflecte a imagem;  
Os impios, Chefes de uma igual conducta  
A elle se verão, sendo arguidos  
Pela face brilhante da virtude.



Luz nos defeitos de um castiga a tantos.  
 Lições prudentes de um discreto aviso.  
 No mesmo horror do crime, que os infama,  
 Teus escriptos lhes dê. Sobrada usura  
 É este o premio das fadigas tuas.

Eles dirão, voltando-se a Critilo:  
 Quanto devemos, ó Cenfor facundo,  
 Ao castigado metro, com que afeas,  
 Nossos delictos, e buscar nos fazes  
 Da candida virtude a fã doutrina!

Mos. e Ex. mos Senhores. -

Apenas concebi a idea de traduzir na nossa lingua, e de  
 dar ao prelo as Cartas Chilenas, logo assentei comigo, que V.  
 Ex. <sup>cia</sup> havia de ser os Mecenas, a quem as dedicasse. São  
 V. Ex. <sup>cia</sup> aquelles, de quem os nossos Soberanos costumão fi-  
 ar os Governos das nossas Conquistas: são por isso aquelles,  
 a quem se devem consagrar todos os escriptos, que os po-  
 dem conduzir ao fim de um acertado Governo. Dois são  
 os meios, porque nos instruímos; um, quando vemos accoẽs  
 gloriosas, que nos despertão o desejo da imitação: outro,  
 quando vemos accoẽs indignas, que nos excitão o seu aborre-  
 cimento. Ambos estes meios são efficazes: esta a razão, porque  
 os theatros instituidos para a instrucção dos Cidadãos <sup>daes</sup> umas vezes  
 nos representão a um Heróe cheio de virtudes, e outras vezes  
 nos representão a um monstro coberto de horrores vicios.  
 Entendo, que V. Ex. <sup>cia</sup> se desejão instruir por um, e  
 outro modo. Para se instruirem pelo primeiro, tem V. Ex. <sup>cia</sup>  
 os louváveis exemplos de seus Illustres Progenitores. Para se ins-  
 truirem pelo segundo, era necessario, que eu fosse descobrir  
 a Tanfamao Mineiro em um Reino estranho. Felizes  
 Reino, e felizes Grandes, que não tem em si um modelo  
 destes!

Peco a V. Ex. <sup>cia</sup>, que recebam, e protejam estas Cartas.  
 Quando não mereçam a sua protecção pela eloquencia,  
 com que estão escriptas, sempre a merecem pela fã dou-  
 trina, que respirão, e pelo louvavel fim, com que talvez  
 as escrevo o seu Autor Critilo.

Beija as mãos

De V. Ex. <sup>cia</sup> -

O seu menor Criado.



Seu Amigo Leitor, arribou a certo porto do Brasil, onde eu-  
 vivia, um Galeão, que vinha das Americas Hespanholas.  
 Nello se transportava um Mancebo, Cavalheiro, instruido  
 nas Humanas Letras. Não me foi difficiloso travar com  
 elle uma estreita amizade; e chegou a confiar-me os ma-  
 nuscriptos, que trazia. Entre elles encontrei as Cartas Chi-  
 lenas, que são um artificioso compendio das disordens,  
 que fez no seu Governo Tanfarrão. Minicio, General de Chile.

Logo que li estas Cartas, asentei comigo, que as devia tra-  
 duzir na nossa lingua; não só porque as julguei merecedo-  
 ras deste obsequio pela simplicidade do seu estilo, como  
 tambem pelo beneficio, que resulta ao publico, de se verem  
 satirizadas as insolencias deste Chefe para emenda dos  
 mais, que seguem tão vergonhosas pisadas.

Um Dom Quixote pôde destemar do mundo as loucuras  
 dos Cavalheiros Andantes: um Tanfarrão Minicio pôde  
 tam<sup>bern</sup> corrigir a desordem de um Governador despotico.

Eu mudei algumas cousas menos interessantes, para as  
 accomodar melhor ao nosso gosto. Peço, que me desculpes  
 algumas faltas; pois se é árduo, has de conhecer a mesma dif-  
 ficuldade, que ha na traducção em verso. Lê, diverte-  
 te, e não queras fazer juizes temerarios sobre a pessoa  
 de Tanfarrão. Ha muitos Tanfarrões no mundo, e talvez  
 que tu fejas tambem um delles, &c.

Quid rides mutato nomine, de te  
 Fabula narratur....

Horat. Sat. 1.<sup>a</sup> versos 69. e 70



Cartas Chilenas, em que o Poeta Critilo conta a Dorotheo  
os factos de Sanfarrão Minusio, Governador de Chile.

Carta 1.ª.

J. J. Parrisham

~~10.ª~~ 2.ª versos

Em que se descreve a entrada, que fez Sanfarrão  
em Chile.

com 10

Amigo Dorotheo, presado Amigo,  
Abre os olhos, boceja, estende os braços,  
E limpa das pestanas carregadas  
Opagajoso humor, que o fecho ajunta.  
Critilo, o teu Critilo é quem te chama;  
Enque a cabeça da engomada fronha  
Acórda, se ouvir queres cousas raras.  
E Lue cousas, (tu dirás,) que cousas podes  
Contar, que valhão tanto, quanto vale  
Dormir a noite fria em mole cama,  
Quando falta a farraiva notelhados,  
E quando o sudoeste, e os outros ventos  
Movem dos troncos os frondosos ramos?

E doce esse descanso, não to nego.  
Tambem, presado Amigo, também gosto  
De estar amadornado, mal ouvindo  
Das aguas despenhadas brando estrondo;  
E vendo ao mesmo tempo as vans quimeras,  
Lue então me pintão os ligeiros sonhos.  
Mas, Dorotheo, não fintas, que te acorde;  
Não falta tempo, em que do fecho goses;  
Então verás Leões com pés de pato,  
Verás voarem Tigres, e Camelos,  
Verás parirem homens, e nadarem  
Os rólcos fmeados sobre as ~~agras~~ ondas.  
Porém, é que tem que ver estas delirios  
Cos successos reaes, que vou contar-te?  
Acórda, Dorotheo, acórda, acórda;  
Critilo, o teu Critilo é quem te chama:

Levanta o corpo das macias pennas,  
Ouvirás, Dorotheo, successos novos,  
Estranhos casos, que já mais pintarão  
Na idea do doente, ou de quem dorme  
Agudas febres, desvairados sonhos.

E Não és tu, Dorotheo, aquelle mesmo,  
Lue pedes, que te diga, se é verdade,  
O que se conta dos barbados monos,  
Lue a meza trazem os fumantes piratos?



É Não dejes saber, se ha grandes peixes,  
Que abraçando os navios com as longas,  
Robustas barbatanas, os suspendem,  
Inda que o vento, que d'alheta sopra,  
Lhes inche os folhos, desrinzados pannos?  
5. Não queres, que te informe dos costumes  
Dos incultos Gentios? Não perguntas,  
Se entre elles ha Nações, que ~~abeico~~ <sup>abeico</sup> ~~osurão~~ <sup>osurão</sup>?  
E outras, que matao com piedade falsa  
Os Reis, que afropao ao poder dos annos?  
Pois se queres ouvir noticias velhas,  
Dispersas por ~~minhos~~ <sup>minhos</sup> algarabios,  
Escuta a historia de um moderno Chefe,  
Que acaba de reger a nossa Chile,  
Mostre imitador a Sancho Pança.  
E quem dissera, Amigo, que podia  
Gerar segundo Sancho a nossa ~~Flor~~ <sup>Flor</sup> ~~panha~~ <sup>panha</sup>!

Não penses, Dorotheo, que vou contar-te  
A verdadeira historia uma novella  
Da classe das patranhas, que nos contaõ  
Verbosas Navegantes, que já dêraõ  
Ao globo deste mundo volta inteira:  
Uma velha madраста me perfiga,  
Uma mulher zelosa me atormente,  
E tenha um bando de gatuños filhos,  
Que um chavo não me deixem, se este Chefe  
Não fez ainda mais, do que eu refiro.

Agora pois, doce Amigo, vou pintallo  
Da forte, que o topei a voz primeira;  
Nem esta digressão motiva tédio,  
Como aquellas, que são dos fins alheas,  
Que o gesto, mais o trage nas pessoas  
Faz o mesmo, que fazem os Letreiros  
Nas frentes enfeitadas dos livrinhos,  
Que dão, do que elles tractaõ, boa idea.

Tem, puzado semblante, a cõr é baça,  
O corpo de estatura um tanto esbelta,  
Feições compridas, e olhadura fea,  
Tem grossas sobrancelhas, testa curta,  
Nariz direiro, e grande; falla pouco  
Em rouco baixo som de mão fallita;  
Sem ser velho, já tem cabelo ruco;  
E cobre este defeito, e fria calva  
A florça de polvilho, que lhe deita.  
Ainda me parece, que o estou vendo  
No gordo rocinante escamanchado!  
As longas calças pelo embigo atadas,  
Amarello ~~colado~~ <sup>colado</sup>, e sobre tudo  
Vestida uma vermelha, e justa farda:  
De cada bolço da fardeta pendem



Listradas pontas de dous brancos lenços, *Se Eduardo*  
Na cabeça vasia se atravessa

Um chapéo desmarcado, nem fei, como  
Sustenta a pobre fô do laço opaco.

Ah! Tu, Catão fevero, tu, que estranhas,  
Oir-se um Consul moço, que fixuras,  
Se em Chile agora entras, e se vises  
Ser o Rei dos piratas, quem governa?

Já lá vai, Dorotheo, aquella idade,  
Em que os proprios mancebos, que fobiao  
A honra do governo, aos outros davão  
Exemplos de modestia até nos trages.

Devia, Dorotheo, mover os povos,  
Apenas os maiores imitárao  
Os rostos, e os costumes das mulheres,  
Seguindo as modas, e rapando as barbas.

Os grandes do Paiz com gesto humilde  
The fexem, mal o encontrao, seu cortejo;  
Elle austero os recebe, e fô se digna  
Afronchar do toutico a mole um nada,  
Ou pôr nas abas do chapéo os dedos.

Caminha atraz do Chefe um tal Roberio,  
Que entre os criados tem respeito de aio;  
Estatura pequena, largo o rosto,  
Delgadas pernas, e francudo ventre,  
Sobre de hombros, de pescoco fulto;  
Tem de pisorga ascôres, e conserva  
As bufantes bochechas sempre inchadas:  
Bem que já velho seja, inda presume  
De fexer aos olhos das Madamas grato,  
E o demo *Hei* encaixou, que tinha pernas  
Capazes de montar no bom ginite,  
Que rincha no Parnasso. Pobre tonto,  
Quem te mette em camizas de onze varas!

Tu fô podes cantar em corpos versos,  
Eão fôm da mã rebeca, com que atroas  
Os feitos de teu tamo, e os feus Despachos.

Ao lado de Roberio vem Matuzio,  
Que respira do Chefe o modo, e gesto:  
É peralta rapaz de tezas gámbas,  
Tem cabello castanho, e brancas faces,  
Tem um ar de Mylord, e a todos tracta  
Como inuteis bichinhos, fô conversa  
Com o rico rendeiro, ou quem the conta  
Das moças do paiz as frescas priacas:  
Das bolços da casaca dependura  
As pontas perfumadas dos lencinhos,  
Que é signal, ou caracter, que distingue  
As ferventes das casas dos mais homens;  
Assim como as familias se distinguem, conhecem



Por herdadas Orações de antigas Armas.

Montado em nédia mula vem um Padre;  
Que tem de Capellão as justas honras:

Formou-se em Salamanca; é homem fábio:

Já do Mystério do Pilar um dia

Um irmão recitou, que foi um pasmo;

Labregão no feitiço, e meio idoso,

Tem olhos encovados, barba tessa,

Fechadas sobranceiras, rosto fusco,

Cangalhas no nariz. Ah! quem dissera,

Que n'um corpo, que tem de nabo a forma

Harvião pôr os Céos tão grande caco!

O resto da família é todo o mesmo;

Escuso de pintallo. Tu bem sabes

Um visão, que nas dix; que dis Domingos

Se tirão muito bem os dias santos.

! Ah pobre Chile! que desgraça esperas!

! Quanto melhor n'as fôra, se sentisses

As pragas, que no Egypto se chorarão;

Doque veres, que sobe ao teu governo

Parrancudo Casquilho, a quem rodeão

Os nescios, os marotas, e os peraltas!

Seguido pois dos Grandes entra o Chefe

No noço Sant'iago junto d' noite.

Acasa me recollo, e cheio destas

Tristissimas imagens, no discurso

Nôil cousas feias, sem querer revolve.

Por vêr, se a dór de virto, sou sentar-me

Na janella da sala, e a o ar levanto

Os olhos já molhados. ! Céos! i que vejo!

Não vejo estrellas, que ferenas brilhem;

Nem vejo a Lua, que pratica os mares:

Vejo um grande Cometa, a quem os doutos

Caudato appellidamão. Este cobre

Atoma toda cò disforme rabo.

Afflicto o coração no peito bate;

Enica-se o cabello, as pernas tremem;

O sangue se congela, e todo o corpo

Se cobre de suor. Tal foi o medo.

Ainda bem o acôrdo não restou;

Quando logo me lembra, que este dia

É o dia fatal, em que se entende,

Que andão no mundo soltas os diabos.

Não rias, Dorotheo, dos meus agouros;

Os antigos Romanos fôrao fábios,

Tiverão agoureiros: estes mesmos

Muitas vezes chorarão, por tomarem

Os visos Celéstes como acasas.

Ajuntavaõ-se os Grandes desta terra

A noite em casa do benigno Chefe,



6  
Que o Governo largou. Aqui alegres  
Com elle se entretinham largas horas:  
Depostos os mulindres da grandera,  
Fazia a humanidade os seus deveres  
No jogo, e na conversação delitosa;  
A estas horas entra o novo Chefe  
Na casa do recreio; e reparando  
Nos membros do Congresso, a testa enrugada,  
E virada a cara, como quem se enoja:  
Porque os mais junto d'elle não se assentem,  
Se deixa em pé ficar a noite inteira;  
Não se assenta civil da casa o dono;  
Não se assenta, (que é mais,) a Ilustre Esposa;  
Não se assenta também um velho Bispo;  
E a exemplo destes o Congresso todo.

5 Pensavas, Dorotheo, que um puto nobre,  
Que teve Meitres, que habitou na Corte,  
Havia praticar acção tão feia  
Na casa respeitavel de um Fidalgo,  
Distincto pelo Cargo, que exercia,  
E mais ainda pelo sangue herdado?  
Pois ainda, Charo Amigo, não sabias,  
Quanto pôde a tolice, e vã foberba.  
Parece, Dorotheo, que algumas vezes  
A libia natureza se descuida.  
Devêra, doce Amigo, fim devêra  
Regular os nactius conforme os genios.  
Quem tivesse as virtudes de Fidalgo,  
Nascesse de Fidalgo; e quem tivesse  
Os vícios de villão, nascesse embora,  
Se devêse nascer, de algum lacão;  
Como as pombas, que gerão fracas pombas,  
Como os Tigres, que gerão Tigres bravos.  
Ah! se visto, Dorotheo, assim succede,  
Estava o nosso Chefe mesmo ao proprio  
Para nascer Sultão do Turco Imperio;  
Metido entre vidraças, reclinado  
Em coxins de velludo, e vendo as moças,  
Que de todas as partes o cercavam,  
Logando-lhe umas levemente as pernas,  
E as outras abanando-o com toallhas:  
Se assim, Dorotheo, o nosso Chefe  
Ficaria de si um tanto pago.

Chegou-se o dia da funesta posse;  
Mas os Grandes se ajuntão, disce a escada,  
E sem mover cabeça, vai metter-se  
Debaixo do lustroso, e rico Pallio.  
Caminhão todos juntos para o Templo:  
Um Palmo se repete em doce coro,  
Aque elle assiste desta forte inchado:



Entisa mais qui nunca o seu pescoco,  
Em ar de minuite o pi: conôrta,  
E arquêa o braco esguendo sobre a ilhargia.  
Eis aqui, Dorotheo, o como pãrão  
Os mdoz Comediantes, quando fingem  
As pessoas dos Grandes nos theatros.  
Acabada a função, a casa volta,  
Os grandes o acompanhão descontentes,  
E a mesma pompa, com que foi ao templo.  
Tu já viste o Ministro camareuado,  
Aquem os tristes pretendentes cercão,  
Quando no Regio Tribunal se apêa,  
Que bem que humildes em tropel o figão,  
Não pára, não responde, não corteja.  
E Tu já viste o Casquilho, quando sobe  
A casa em que se canta, e em que se joga,  
Que deixa d' porta as bestas, e os lacaios,  
Sem se quer se lembrar, que ventos, e chove.  
Fois assim nos tractou o nosso Chefe;  
Mal d' porta chegou do Chefe antigo,  
Com elle se recôlhe, e até ao mesmo  
Luxido, sobre o corpo do Senado  
Não falla, não corteja, nem despuide.  
Da forte que o Lacão a fege arruma,  
Por não tomar a rua as outras fezes,  
Assim os Coladaos o Tallio encostão  
Ao batente da porta, e quaes lacaios  
Na rua espirão, que seu anno desca,  
Ou, a elle ficar, que os mande embora.  
A vista desta accão indigna, e fêa  
Todo o Congresso se confunde, e pasma:  
Sobe as faces de alguns a côr rosada,  
Perdem outros a côr das rocas faces,  
Louva este o proceder do Chefe antigo,  
Aquelle o proceder do novo estranha,  
Eos que podem vencer do genio a força,  
Aos mais escutão sem dizer palavra.  
E São estes, louco Chefe, os fâos exemplos,  
Que na Europa te daõ os homens grandes.  
E os mesmos Preis não honraõ a os Casfallos.  
E Deixaõ de ser por isso uns bons Monarchas,  
E Como errado caminhas! O respeito  
Per meio das virtudes se consegue,  
E nellas se sustenta; nunca nasce  
Do fusto, e do temor, que aos povos mette  
Injúrias, descortijos, e camancas.  
Findou-se. Dorotheo, a longa historia  
Da entrada deste Chefe: agora vamos,  
Que é tempo, descansar um breve instante,  
Nas outras contarei, presado Amigo,



Os factos, que elle obrara no seu Governo,  
Se accaso os justos Coos quizerem dar-lhe,  
Para tanto escrever, papel, e tempo.

Fl. 1<sup>a</sup> - 49

Carta 2.<sup>a</sup>

Em que se mostra a piedade, que Tanfamao fingio  
no principio do seu Governo para chamar a si  
todos os negocios.

As brilhantes Estrellas já cahião,  
E a vez torceira os gallos já cantavaõ,  
Quando, presado Amigo, punha o sello  
Na volumosa carta, em que te conto  
Do nosso immortal Chefe a grande entrada.  
E reflectindo entãõ fer quasi dia,  
A despir-me começo com tal ancia,  
Que entendo, que ainda estava o tãcre quente,  
Quando eu já sobre os membros fatigados  
Cuidadoso estendia a grossa manta.

Não cuides, Dorotheo, que brandas pennas  
Me formão o colchão macio, e fofo:  
Não cuides, que é de paina a minha fronha,  
E que tenho lençóis de fina Hollanda.  
Com largas rendas sobre os crespos folhos.  
Lustrosos pavilhões, dourados leitos,  
E colchas matixadas não se encontrão  
Na casa mal provida de um Poeta,  
Aonde, ha dias, que o rapaz, que ferve,  
Nem na cuja cozinha accende o fogo.  
Mas nesta mesma cama toca, e dura  
Descanço mais contente, do que dorme  
Aquelle que só põe o seu cuidado  
Em deixar a seus filhos o thesouro,  
Que ajunta, Dorotheo, com mão avara,  
Furtando ao rico, e não pagando ao pobre.  
Aqui..... mas onde vou, presado Amigo?  
Deixemos episodios, que não fervem,  
E vamos proseguindo a nossa historia.

Fui deitar-me ligeiro, como disse;  
E mal estendo nos lençóis o corpo,  
Dou um sopro na vela, os olhos fecho,  
E pelos deãos rézo a muitos Santos,  
Por vêr, se chega mais depressa o sono;  
Conselho, que me derão fábrias velhas.  
Já meu bom Dorotheo, o sono vinha.



Umas vezes dormindo, rezando,  
Outras vezes rezando inda bolia  
Com os devotos beicos, quando finto  
Passar um carro, que me abala o luto.  
Assustado desperto, os olhos abro;  
E conhecendo a causa, que me acorda,  
Um tanto impaciente o corpo viro:  
Fecho os olhos de novo, e cruço os braços,  
Para vêr, se outra vez me torna o sono.  
Segunda vez o sono já tornava,  
Quando o estrondo forcebo de outro carro.  
Outra vez, Dorotheo, o corpo volto;  
Outra vez me agasalho, mas que importa?  
Já foão dos soldados grossos beiros,  
Já tinhas cadêas dos forceados,  
Já chiao os quindastes; já me atrôão  
Os golpes dos machoados, e martellos;  
Eo pi de tanta bulha já não posso  
Mais esperança tir de algum forego.

Salto fora da cama, accendo a vela;  
A banca vou sentar-me exasperado,  
E por vêr, se entretenho as longas horas,  
Aparo a minha penna, o papel dobro,  
E com mão, que ainda treme de cansada,  
Não fui presado Amigo, o que te escrevo.  
Lo' fui, que o que te escrevo, são verdades,  
E que vêm muito bem ao nosso caso.

Apenas Dorotheo, o nosso Chefe  
As rédeas manejou do seu Governo,  
Fingir-nos intentou, que tinha uma alma  
Amante da virtude. Assim foi Viro;  
Governou aos Romanos pelas regras  
Da formosa justiça; porém logo  
Trocou o Sceptro de ouro em mão de ferro.  
Manda pois aos Ministros lhe dêem listas  
De quantos presos as cadeas guardão:  
Faz a muitos soltar, e aos mais alenta  
De vivas, bem fundadas esperanças.  
Estranha ao Subalterno, que se arroga  
O poder castigar ao delinquente  
Com troncos, e galés; emfim ordena;  
Que aos presos, que em trez dias não tiverem  
Assentos declarados, se abraão logo  
Em nome d'elle Chefe os seus assentos.

Aquelle, Dorotheo, que não é Santo,  
Mas quer fingir-se Santo aos outros homens,  
Pratica muito mais, do que pratica  
Quem segue os fáos caminhos da verdade.  
Mal se põe nas Igrejas de joelhos,  
Abre os braços em cruz, a terra beija,



Entorta o seu pescoco, fecha os olhos, *St. Evandro*  
Faz que chora, suspira, fere o peito;  
Executa outras muitas macaquices,  
Estando em parte, onde o mundo as veja.  
Assim o nosso Chefe, que procura  
Mostrar-se compassivo, não descança  
Com estas poucas obras: passa a dar-nos  
Da sua compaixão maiores provas.

Tu sabes, Dorotheo, qual seja o crime  
Dos soldados, que furtão aos soldados;  
E sabes muito bem, que penas incorrão  
Aqueelles, que vicião ouro e prata;  
Agora, Dorotheo, attende o como  
Castiga o nosso Chefe em um sujeito  
Estes graves delictos, que reputa  
Inda menos, do que leves faltas.

Apanha um Militar aos Camaradas  
Do soldo uma porção: astuto, e destro  
Para não se sentir o grave furto,  
Mistura nos embrulhos, que lhes deixa,  
Igual quantia de metal diverso.

Faz-se quixota ao bom Chefe deste insulto;  
Im, faz-se ao Chefe quixota; mas debalde;  
Que este Hercules não cinge a grossa pelle,  
Nem traz na mão robusta a forte Clava  
Paraquema fazer aos torpes Tacos.

É já leste, Dorotheo, a Dom Quixote?  
Pois eis aqui, Amigo, o seu retracto;  
Mas diverso nos fins; que o doido Mancha  
Forceja por vencer os mãos Gigantes,  
Que ao mundo são molestos; e este Chefe  
Forceja por sustentar no seu districto  
Aqueelles, que se mostrão mais velhacos.

Não pune, doce Amigo, como deve,  
Das sacrosantas Leis a grave offensa;  
Antes benigno manda ao bom Matheusio,  
Que do seu ouro proprio se refarça  
Aos afflictos roubados toda a perda.

É já viste, Dorotheo, igual desordem?  
O dinheiro de um Chefe, que a Lei guarda,  
Accode aos tristes orphãos, e ás viúvas;  
Accode aos miseraveis, que padecem  
Em dums, rotas camas, e soccorre,  
Para que honradas sejam, as donzellas;  
Porém não paga furtos, porque fiquem  
Impunes os culpados, que se devem  
Para exemplo punir com mão fereira.

Envia, Dorotheo, visinho Chefe  
Ao nosso grande Chefe outro soldado  
Por varios crimes convencido, e preso:



Lança-se o tal soldado de joelhos  
Aos pés do seu Herói; suspira, e treme;  
Não nega, que ferira, e que matara;  
Mas pede, que lhe valha a mão piedosa,  
Que tudo pôde, que elle apertou, e beija.  
Pergunta-lhe o bom Chefe, se os seus crimes  
Divulgados estão; e o Camarada  
Com semblante já leve lhe responde:  
Que suas graves culpas foram feitas  
Em sitios mui distantes desta Traca.  
Então, então o Chefe compassivo  
Manda tirar os ferros dos seus braços;  
Dá-lhe um salvoconducto, com que possa,  
Com tanto que na terra não se saiba,  
Fazer impunemente insultos novos.

Caminha, Dorotheo, á força um negro,  
Conforme as Leis do Reino bem julgado.  
Tu sabes, Dorotheo, que o proprio Augusto  
Estas fataes sentenças não revoga  
Sem um justo motivo, em que se firme  
Do seu perdão a causa. Também sabes,  
Que estas mesmas mercês se não concedem,  
Senão por um Decreto, em que se expende,  
Que o sabio Rei usou por motivo proprio  
Do mais alto poder, que tem o Sceptro.  
Agora, Dorotheo, attende, e pasma:  
Por um simples Despacho manda o Chefe,  
Que o triste padecente se recolha.  
Assenta, vale tanto lá na Corte  
Um grande - El Rei - impreso, quanto vale  
Em Chile um - Como pede - eo seu garrancho.

E Aonde, louco Chefe, aonde corre  
Sem tino, e sem conselho? Quem te inspira  
Que remittir as penas é virtude?  
E ainda a ser virtude, é quem te disse;  
Que não é das virtudes, que só pôde  
Benigna exercitar a Mão Augusta?  
Os Chefes, bem que Chefes, são Vassallos,  
E os Vassallos não tem poder Supremo.  
O mesmo grande Jove, que maderas  
Ollar, a Terra, eo Ceo, não pôde tudo,  
Que ao justo só se estende o seu Imperio.

O povo, Dorotheo, é como as moscas,  
Que correm ao lugar, aonde sentem  
O derramado mel; é semelhante  
Aos corvos, e aos abutres, que se ajuntão  
Nos ermos, onde fêde a carne podre.  
A vista pois dos factos, que excita  
O nosso grande Chefe decisivos  
Da piedade, que finge, a louca gente



De toda a parte corre a vêr, se encontra  
Alguns pequenos allivio á sombra d'elle.  
E Não viste, Dorotheo, quando ambenta  
Ao pé de alguma Ermida a fonte santa,  
Que a fama logo corre, e todo o povo  
Concebe, que ella cura as graves quixas?  
Pois desta fonte entende o nêcio vulgo,  
Que o nosso General, Lugar-Tenente,  
Em todos os delictos, e demandas  
Pode de absolvição lavar sentenças.  
Não ha livre, não ha, não ha captivo,  
Que ao nosso Sant' Iago não concorra;  
Todos buscão ao Chefe, e todos querem  
Para serem bem vistos, revesti-se  
Do triste privilegio de mendigos.  
Um as botas descalça, tira as meias,  
E põe no duro chão os pés mimosos:  
Outro despe a casaca, mais a veste,  
E de varios molambos mal se cobre:  
Este deixa crescer a ruça barba,  
Com palhas de alhos se defuma aquelle;  
Qual as pernas emplastã, e move o corpo,  
Metendo nos sabacos as muletas;  
Qual ao torto pescoco dependura  
Despido o traco, que fô cotre o lenço:  
Uns com bordão apalpaõ o caminho;  
Outros um grande bando lhe apresentão  
De cujas mocas, a quem chamaõ filhas.  
E já foste, Dorotheo, a um Convento  
De Padres Franciscanos, quando chegão  
As horas de jantar? E Pasfaste acaso  
Por fitio, em que momeo mineiro rico,  
Quando da casa sahe pomposo entero?  
Pois eis aqui, Amigo, bem pintada  
A porta, mais a rua deste Chefe  
Nos dias de audiencia! Oh quem pudira  
Nestes dias meter-se um breve instante,  
A vêr o que alli vai na grande Sala!  
Escusavas de lêr os Entremeses,  
Em que os sabios Poetas introduzem  
Por interlocutores Chefes asnos.  
Um pede, Dorotheo, que lhe dispunse  
Casar com uma irmã da sua amasia;  
Pede outro, que lhe queime o mão processo,  
Onde está criminoso, por ter feito  
Cumprir exactamente um seu Despacho:  
Diz este, que os herdeiros não lhe entregão  
Os bens, que lhe deixou em testamento  
Um filho de Noé. Aquelle ralha  
Contra os mortos Juizes, que lhe deraõ



Por empenhos, e puitas a sentença,  
Em que toda a fazenda lhe tirarão:  
Um quer, que o devedor lhe pague logo;  
Outro para pagar pretende espera.  
Todos emfim concluem, que não podem  
Demandas conservar, por serem pobres,  
E grandes as despesas, que se fazem  
Nas casas dos Leitrados, e Cartórios.  
Então o grande Chefe sem demora  
Decide os casos todos, que lhe occorrem,  
Ou seja de Moral, ou de Direito,  
Ou sentença também a Medicina,  
Sem botar, (que ainda é mais,) abaixo um livro  
Da sua sempre virgem Livraria.  
La vai uma sentença revogada,  
Que já pudera ter cabellos brancos.  
La se manda que entreguem os Ausentes  
Os bens ao successor, que não lhes mostra  
Sentença que lhe julgue a grossa herança:  
A muitos de palavra se decreta,  
Que impedir os seus bens não mais profigão:  
A outros se concedem breves horas  
Para pagarem fômas, que não devem.  
Ah tu, meu Sancho Pança, tu que foste  
Da Paratária o Chefe, não lavraste  
Nem uma ~~fo~~ sentença tão discreta!  
É que queres, Amigo, que succeda?  
É esperavas acaso um bom governo  
Do nosso Tanfanaão? É Tu não o viste  
Em traços de Casquitho nessa Corte?  
É pôde, meu Amigo, de um peralta  
Formar-se de repente um homem serio?  
Carece, Dorotheo, qualquer Ministro  
Apertados estudos, mil exames;  
É pôde ser o Chefe omnipotente,  
Quem não sabe escrever uma só regra,  
Onde ao menos se encontre um nome certo?  
Ungio-se para Rei do povo eleito  
A Saul, o mais Santo, que Deos viu;  
Prevaricou Saul, prevaricarão  
No governo dos povos outros justos.  
É ha de bem governar remotas terras  
Aquelle, que não deo em toda a vida  
Um exemplo de amor a fã virtude?  
As Letras, a Justica, a Temperança,  
Não são, não são morgados, que fizesse  
A fãcia Natureza para andarem  
Por successão nos filhos dos Fidalgos.  
Do cavallo Andaluz é fim provavel  
Nascer também um potro de esperança;



Que tenha frente aberta, largas pitos, 10  
Que tenha alegres olhos, e compridos,  
Que seja em fim de mãos, e pés calçados;  
Porém de um bom ginete também pôde  
Um catralvo nascer, nascer um xarco.  
Aquelle mesmo potro, que tem todos  
Os formosos signaes, que aponta o Rêgo,  
Parece, Dorotheo, correr em roda  
No grande picadeiro muitos mezes  
Para um, e outro lado: necessita,  
Que o destro picador lhe ponha a fella:  
E que montando nelle, pouco a pouco  
O faça obedecer ao leve toque  
Do duro cabecão, da branda rédea.  
Dos mesmos, Dorotheo,.... porém já toca  
Ao almoco a garrida da Cadea:  
Vou ver, se dormir posso, enquanto durar  
Estes breves instantes de fôrego:  
Que sem barriga farta, e sem descanso  
Não se pôde escrever tão longa historia.

Carta 3.<sup>a</sup> ~~ex~~  
Em que se contão as injustiças, e violencias, que  
Fangarrão executou por causa de uma Cadea,  
a que deu principio.

! Que triste, Dorotheo, se paa a tarde!  
Asopra o vento Sul, e densa nuvem  
Os horisontes cobre; a grossa chuva,  
Cahindo das biqueiras dos telhados,  
Forma regatos, que os portões inundão.  
Rompem os ares colubrinas faixas  
De fogo devorante, e ao longe fôa  
De compridos trovões o baixo estrondo.  
Agora, Dorotheo, ninguém passeia;  
Todos em casa estão, e todos buscão  
Divertir a tristeza, que nos pitos  
Infunde a tarde mais que a noite feia.  
O velho Altimidonte certamente  
Tem postas nos narizes as cangalhas,  
E revolvendo os grandes, grossos livros,  
Nos dedos inda cujos de tabaco  
Ajunta ao mão processo muitas folhas  
De vans auctoridades carregadas.  
O nosso bom Dirceo talvez que esteja



Com as pis escondidas no capacho  
Metido no capote a ligar gataso  
O seu Virgílio, o seu Camões, e Tasso.  
O terno Floridoro a estas horas  
No mólle ispreguiceiro se reclina  
A ver brincar alegres as filhinhos,  
Um já montado na comprida cana,  
Outro pendurado no piscoço  
Da mãe formosa, que risonho abraça.  
O gordo Josefino está deitado,  
Nada lhe importa, nem do mundo sabe;  
Ao som do vento, dos trovões, e chuva,  
Como em noite tranquillã dorme, e ronca.  
O nosso Damião emfim abana  
Ao lento fogo, com que fábrio tira  
Os uteis fias da terra, ex teu Critilo,  
Que não encontra aqui com quem murmure,  
Quando só murmurar lhe pede o genio,  
Pega na penna, e desta forte vóz,  
De cá tão longe a murmurar comtigo.

565 Já disse, Dorotheo, que o nosso Chefe  
Apenas principia a governar-nos,  
Não pretende matrar, que tem um peito  
Muito mais terno, e brando, do que pedem  
Os severos officios do seu cargo.  
E Agora cuidaris, preso do Amigo,  
Que as chaves das cadeas já não abrem,  
Comidas da ferrugem? Que as algemas  
Como trastes inúteis se furtarão?  
E Que o torpe executor das graves penas  
Liberdade ganhou? E Que já não temas  
Descalços guardiães, que a fonte levem  
Mettidos nas correntes os forçados?  
Assim, preso do Amigo, assim devia  
Em Chile acontecer, se o nosso Chefe  
Tivesse em governar algum sistema.  
Mas, meu bom Dorotheo, os homens nascem  
As folhas dos Olmeiros se comprão;  
São como o leve fumo, que se move  
Para partes diversas, mal as ventos  
Começam a apontar de partes variadas.  
Hora pois, Doce Amigo, attende, o como  
No seu contrario vicio degenera  
A falsa compaixão do nosso Chefe.  
Qual o feroz mar, que n'um instante  
As ondas sobre as ondas encapella.  
Pretende, Dorotheo, o nosso Chefe  
Erquer uma Cadea magestada,  
Que possa escurecer a velha fama  
Da torre de Babel, e mais dos grandes



Custosos edificios, que fixerao J. Envaru te  
 Para sepulchros seus os Reis do Egypto.  
 Talvez, querido Amigo, que imagine,  
 Que neste monumento se conserve  
 Eterna a sua gloria; bem que os posos  
 Ingratos não consagrem ricos bustos,  
 Nem montadas estatuas ao seu nome.  
 Desiste, louco Chefe, dessa empreza;  
 Um soberbo edificio levantado  
 Sobre osos de innocentes, construido  
 Com lagrimas dos pobres, nunca serve  
 De gloria ao seu auctor, mas fim de opprobrio.

Desenha o nosso Chefe sobre a banca  
 Desta forte Cadeia o grande risco  
 Aproporeção do genio, e não das forças  
 Da terra decadente, aonde habita.  
 Hora pois, doce Amigo, vou pintar-te  
 Aomenos o formoso frontispicio:  
 Viras, se pede muchina tamanha  
 Humilde povoado, aonde os Grandes  
 Morão em casas de madeira apique.

Em cima de espacosa escadaria  
 Se forma do edificio a nobre entrada  
 Por dous soberbos arcos dividida:  
 Por fora destes arcos se levantão  
 Foz jonicas colūnas, que se firmão  
 Sobre quadradas bases, e se adornão  
 De lindos capitēis, aonde assenta  
 Uma formosa regular varanda;  
 Seus balaustes são das alvas pedras,  
 Que brandos ferros cortão sem trabalho.  
 Debaixo da Cornija, ou projectura  
 Estão as armas deste Reino abertas  
 No liso centro, de vistosa tarja.

Do meio desta frente sobe a torre  
 E pegão desta frente para os lados  
 Vastas galarias de janellas,  
 A quem enfeitão as douradas grades.  
 E sabes, Dorotheo, quem edifica  
 Esta grande Cadeia? Não, não sabes:  
 Pois ouve, que eu to digo: um pobre Chefe,  
 Que na forte habitou em umas casas,  
 Em que já nem se abrião as janellas.  
 E sabes para quem? Também não sabes:  
 Pois eu também to digo: para uns negros,  
 Que vivem, (quando muito) em vis cubanas,  
 Fugidos dos senhores lá nos matos.  
 Eis aqui, Dorotheo, ao que se pode  
 Muito bem applicar a quella moça,  
 Que fez o nosso Mestre, quando pinta



Um monstro meio peixe, e meio dama.

Não sabia proporção é que consiste

Não pede, Dorotheo, a pobre Aldeia

Os soberbos Palácios, nem a Corte

Pode também sofrer as tocas, choças.

Para haver de supprir o nosso Chefe

Das obras meditadas as despesas,

Conforme do Senado os rendimentos,

E passa a maltratar ao triste povo

Com estas nunca usadas violências.

Quer cópia de forçados, que trabalhem

Sem outro algum jornal, mais que ofustento,

Emanda a um bom Cabo, que lhe traga

A quantos Luilombotas se apanharem,

Em duras gargalhuras. Voa o Cabo:

Agarra a um, e outro, e n'um instante

Enche a Cadeia de alentados negros.

Não se contenta o Cabo com trazer-lhe

Os negros, que tem culpas: prende, e manda

Tambem nas grandes terras os escravos,

Que não tem mais delictos, que fugirem

Os fomes, e os castigos, que padecem

Do poder de senhores deshumanos.

Ao bando dos captivos se accrescentão

Muitos pretos já livres, e outros homens

Da raça do Paiz, e da Europeia,

Que diz ao grande Chefe, são vadios,

Que perturbão dos povos o fôlego.

Não há, meu Dorotheo, quem não se molde

Aos gestos, e aos costumes dos maiores.

Brincando os innocentes os imitão.

Se as tropas se exercitão, elles fingem

As horridas batalhas. Se se fazem

Devotas Procições, também carregão

Aos hombros os Andores, e as charolas

Os mesmos Magistrados se revestem

Do genio e das paixões de quem governa.

Se o Rei é piedoso, são benignos

Os severos Ministros: se é tirão,

Mostrão os pios corações de feras.

Por isso, Dorotheo, um Chefe indigno

É muito, e muito máo: porque elle pôde

A virtude estragar de um vasto Imperio.

Os nossos Comandantes, que conhecem

Arontade do Chefe, também quere

Imitar deste Cabo o ardente zelo:

Envião para as pedras os vadios,

Que na forma das ordens mandar devem

Habitar em desterro novas terras.



Agora pois, doce Amigo, já que fallo  
Nos nossos Comandantes, será justo,  
Que te dê destes bichos uma ideia.

12 20  
J. P. Resili

Agente, Dorotheo, que não se alista  
Nas Tropas regulares, forma corpos  
De bisonha Ordenança. Não ha terra,  
Sem ter um corpo destes. Os seus Chefes  
Ao Capitão Maior estão sujeitos,  
E são os que se chamão Comandantes,  
Porque as partes comandão destes Terços.

Estes famosos Chefes quasi sempre  
Da classe dos Tendeiros são tirados.

Alguns, inda depois de grandes homens,  
Se lhes faltão os negros, a quem deixão  
O governo das vendas, não entendem,  
Que infamão as bengalas, quando pesão  
Alibra de toucinho, e quando medem  
O frasco de cachaca. Agora attende,  
Verás, que desta escória se levanta  
De Magistrados uma nova classe.

Als ricos Tavernheiros, disfarçados  
Em arde Comandantes, manda o Chefe,  
Que tratem da Policia, e que não deixem  
Viver nos seus Districtos as pessoas,  
Que forem revoltosas. Quer, que fação  
Atodos os vadios uns fúmaros,  
E que sem mais processos os remittão  
Para remotas partes, sem que destas  
Juridicas sentenças se faculte  
Algun recurso para mór Alcada.

É já viste, Dorotheo, um tal desmancho?  
As santas Leis do Reino não concedem  
Ao Magistrado Regio, que execute  
No crime o seu julgado, se o nosso Chefe  
Quer, que dê as sentenças <sup>sem</sup> apello  
Incultos Comandantes, que nem sabem  
Fazer um bom diario do que vendem!  
Concedo, charo Amigo, que estes homens  
São uns grandes Consultos, que metterão  
Os corpos do Direito nos seus cascos:

Ainda assim, pergunto: é e como pôde  
O Chefe conceder-lhes esta Alcada?

É Ignora a Lei do Reino, que numera  
Entre os Direitos proprios dos Augustos  
A criação dos novos Magistrados?

O grande Salomão lamenta o povo,  
Que sobre o Throno tem um Rei menino:  
Eu lamento a Conquista, a quem governa  
Um Chefe tão soberbo, e tão estulto,  
Que tendo já na testa brancas repas,



Não sabe ainda, que nasceo Salsallo.  
Os nescios Comandantes e o bom Cabo,  
Que fez o naseo Heróe geral Meirinho,  
Permettem nas correntes povo imenso.  
Nace, Dorotheo, que temos guerras;  
Que para recrutar as Companhias,  
De toda a parte vem chorosas levar.

Aqui, presado Amigo, principia  
Esta triste tragedia: fim prepara,  
Prepara o branco lenço; pois não podes  
Ouvir o resto, sem banhar o rosto  
Com grossos rios de salgado piranto.  
Nas levas, Dorotheo, não vem somente  
Os culpados ródios; vem aquelle,  
Que a dívida pedio ao Comandante;  
Vem aquelle, que por impuros olhos  
Na sua mocetona: e vem o pobre,  
Que não quiz emprestar-lhe algum negrinho,  
Para lhe ir trabalhar na roça, e labra.

Estes tristes mal chegam, são julgados  
Pelo benigno Chefe a cem acoutes.  
Tu sabes, Dorotheo, que as Leis do Reino  
So mandão, que se acoutem com a fo'la.  
Aquelles agressores, que estiverem  
Nos crimes quasi iguaes aos réos de morte.  
Tu tambem não ignoras, que os acoutes  
So se dão por desprezo nas espadas;  
Que acoutar, Dorotheo, em outra parte,  
So pertence aos senhores, quando punem  
Os caseiros delictos dos escravos.

Pois todo este Direito se pretere:  
No pelourinho a escada já se asenta,  
Já se ligão dos réos as pés corabrias;  
Já se descem calções, e se levantão  
Das imundas camizas rotas faldas;  
Já pegão deus verdugos nos zurragues;  
Já descarregão golpes deshumanos;  
Já são os gemidos, e respingão  
Muitas gotas de pisado sangue.  
Uns gritão que são livres: outros clamão,  
Que as sábias Leis do Reino julgão brancos.  
Este diz, que não tem algum delicto,  
Que tal rigor mereça; aquelle pede  
Do injusto accusador ao Leo vingança.  
Não agropão os braços dos verdugos;  
Mas antes com taes quaias se duplica  
A raiva nos tirãos; qual o fogo,  
Que aos sopros dos ventos ergue a chama.  
As vezes, Dorotheo, se perde a conta  
Dos cem acoutes, que no meio estava;



Mas outra nova conta se começa.  
 Os pobres miseráveis já nem gritão  
 Cansados de gritar; apenas soltão  
 Alguns fracos suspiros, que enternecem.  
 E Luc-éus, Dorotheo, e tu já retirais  
 Os olhos do papel? E tu já desmaias?  
 E já fentes as moções, que alheos males  
 Costumão infundir nas almas ternas?  
 Pois és, presado Amigo, muito fraco;  
 Aprende a ter o valor do nosso Chefe,  
 Que a janella se põe, e a tudo assiste,  
 Sem voltar o semblante para a illharga;  
 E pôde ser Amigo, que não tenha  
 Espaço para ver correr o sangue;  
 Que em defesa do Throno se demana.

A os pobres acoutados manda o Chefe,  
 Que presos nas correntes dos forcados  
 Vão juntos traballar. Então se entregão  
 Ao famoso Tenente, que os governa,  
 Como sabio Inspector das grandes obras.  
 Aqui, presado Amigo, principião  
 Os seus duros trabalhos. Eu quizeria  
 Contar-te o que elles soffrem nesta Carta;  
 Mas tu, presado Amigo, tens o peito  
 Dos males, que já lêste, magoado;  
 Por isso é justo, que suspenda a historia,  
 Em quanto o tempo não te cura a chaga.

Carta 4.<sup>a</sup> ~~Carta 12~~

Em que se continha a mesma materia. 10

Maldito, Dorotheo, maldito seja  
 O vicio de um Poeta, que tomando  
 Entre dentes a quem, em quanto encontra  
 Materia, em que discorra, não descança.  
 Agora, Dorotheo, mandou dizer-me  
 Onasfo Amigo Aceo, que me embulhasse  
 No pardo casacão, ou no capote,  
 E que pondo o casquete na cabeça  
 Fosse ao fitio Covão jantar com elle.  
 Eu bem fei, Dorotheo, que tinha fopa  
 Com ave, e com presuntos; fei, que tinha  
 De māmota vitella um gordo quarto;  
 Que tinha fricasseis, que tinha massas,



11  
Com vinho de Canarias, finos doces,  
E de mimosas fructas muitos pratos.  
Porém, que importa, Amigo, perdi tudo,  
Só para te escrever mais uma carta.

Maldito, Dorotheo, maldito seja  
Orcio de um Poeta; pois o priva  
De encher o seu botalulho pelo gosto  
De fazer quatro versos, que bem podem  
Ganhar-lhe uma maçada, que só serve  
De damno ao corpo, sem provelto d'alma.

A carta, Dorotheo, a longa carta,  
Que descreve a Cadea, finaliza  
No ponto de que os presos se remettem  
Ao fevoro Tenente, que preside,  
Como sabio Inspector, as grandes obras.  
Agora prosigamos nesta historia;  
Edêmos-lhe o principio por tirarmos  
Ao famoso Inspector, ao grão Tenente  
Com cores delicadas uma cópia.

É de marca maior que a mediana,  
Mas não passa a Gigante: tem uns hombros,  
Que o puseço algum tanto lhe suffocão.  
O seu cachaco é gordo, o ventre inchado,  
Acara circular, os olhos fundos,  
De genio soberbão, grosseiro tracto,  
Allopra de continuo, e falla muito;  
Presta-se de Fidalgo e não se lembra  
Que seu Pae foi um pobre que vivia  
De cobrar dos Contractos os dinheiros,  
De que ficou devendo grandes somas,  
Signal de que elle foi um bom velhaco.  
O filho, Dorotheo, tomou-lhe as manchas;  
Era um triste pingante, que só tinha  
O seu pequeno soldo; agora veio  
Para Inspector das obras, e já ronca,  
Já empresta dinheiros, já tem casas,  
Já tem trastes de custo, e ricos móveis;  
Mas logo Dorotheo, verás o como.

Mal o duro Inspector recebe os presos,  
Vão todos para as obras; alguns abrem  
Os fundos alicerces; outros quebrão  
Com ferros, e com fogo as pedras grossas.  
Aqui, presoado Amigo, não se attende  
As forças, nem aos annos. São robusta  
De atrevido soldado move o relho,  
Que a todos igualmente faz ligeiros.  
Aqui se não concede de descanso  
Aquelle mesmo dia, o grande dia,  
Em que Deos descansou, e em que nos manda;  
Fazamos obras santas, sem que dêmos



As jumentos, e bois algum trabalho. *Do Evanes in*

Tu sabes, Dorotheo, que um tal serviço  
Por uma civil morte se reputa.  
É que pinto, Dorotheo, que duro peito  
Não deve ter um Chefe, que atormenta  
Atantos innocentes por capricho?  
Que se amigue o Vassallo na Campanha,  
E uma digna accão, que a Patria exige.  
Nem este grande risco nos estraga  
O pundonor, que vale mais que a vida;  
Antes nos abre as portas para entrarmos  
No templo do heroismo: fim nós temos,  
Nós temos mil exemplos, muitos, muitos,  
Que, ha seculos monêrão pela patria,  
Na memoria dos homens inda vivem.  
Mas amiscar Vassallos innocentes  
As pedras, que se soltão dos quindastes,  
Eaos montes de picarra, que desabão  
Nos fundos alicerces, sem vencerem  
Nem como jornaleiros tinue paga;  
Bollas ainda em cima na figura  
Dos indignos vassallos, que se julgão  
Em pena dos delictos, como escravos;  
Bão só para erguer se uma obra grande,  
Que outra pequena suppre! é mais que injusto;  
E uma das accões, que só praticão  
Aquelles torpes monstros, que nascêrão  
Para serem na terra o mal de muitos.

Dizais tu, Dorotheo, que o nosso Chefe  
Não quer, que os innocentes se maltractem;  
Que o fero Comandante é quem abusa  
Dos poderes, que tem. Presado Amigo,  
Que aima a fã verdade, busca os meios  
De a poder descobrir, e o nosso Chefe  
Despreza os meios de poder achalla.  
É que d'elles os processos, que nos mostrão  
A corteza dos crimis. E quaes dos presos  
Os Libellos das culpas contestarão?  
E quaes forão os Juizes, que inquirirão  
Por parte da defexa, e quaes Patronos  
Disferão de Direito sobre os factos?  
A Santa Lei do Reino não consente  
Punir-se, Dorotheo, aquelle monstro,  
Que é reo de Magestade, sem defexa.  
É podem fer punidos os vassallos  
Por aerios insultos, sem se ouvirem,  
E sem outro processo mais que o dicto  
De um simples Comandante vel, e nescio?  
Um louco, Dorotheo, faz mais ainda  
Do que nunca fixerão os Monarchas.

765 81



11  
Faz mais que o proprio Deus, que Deos, querendo  
Punir em nososães a culpa grave,  
Primeiro lhes pediu, que lhe dissessem,  
Qual foi do seu delicto a torpe causa.

Bastão, preso do Amigo, de quinhentos  
Os presos, que se ajuntão na cadeia.  
Uns dormem encolhidos sobre a terra,  
Mal cobertos dos trapos, que molharão  
De dia no trabalho: os outros ficam  
Ainda mal sentados, e descansão  
As pesadas cabeças sobre os braços,  
Em cima dos joelhos enervados  
O calor da estação, e os maus vapores,  
Que tantos corpos lanção, mui bem podem  
Impestar, Dorotheo, extensos ares.

A pallida doença aqui bafeja,  
Batendo brandamente as negras asas.  
Aquelle, Dorotheo, a quem penetra  
Este halito mortal, as forças perde;  
Tem dores de cabeça: e n'um instante  
Abrasa-se em calor, de frio treme.  
Fazem os seus deveres os affectos  
Do nosso grão Tenente, amor, e odio;  
Aquelle, que risinho lhe trabalha  
Nas suas proprias obras, é mandado  
Curar-se á Santa Casa, como pobre.  
Os outros são tractados como feros,  
Que fogem ao trabalho dos Senhores:  
Para as correntes vão; arrancam pedra;  
E quando algum fraqueia, o mão soldado  
Dá-lhe um berro, que atroa, a mão levanta,  
E nas costas o retho descarrega.

1. Ah tu, Cidade Santa, agora, agora  
Os teus ouvidos tapa, e fecha os olhos;  
Ou foge de uma terra, aonde um sero,  
Aonde os seus seguidores cada dia  
Para o pranto te dão motivos novos!

O fogo, Dorotheo, que vai moendo,  
Depois de bem moer, a chama atea,  
E a materia consome em breve instante.

Assim a podre febre que roia  
As miseros enfermos, pouco a pouco  
Erquendo, qual o fogo, a lavareda;  
A força do cancro, que resulta  
Do trabalho, e do Sol, conforme, e mata.  
Uns cahem com os percos, que carregão,  
E das obras os tirão pios braços  
Dos tristes companheiros: outros ficam  
Alli raspiadas obras estendos.  
Accodem mãos piedosas: qual trabalha,



Por vêr se pôde abrir as grossas pégas;  
 Igual o copo de agua lhes ministra,  
 Que fechados os dentes já não bebem.  
 Uns as caras berrifão, outros tomão  
 Os débeis pullos, que parando fogem.  
 Ah! Não mais compaixão! Não mais ~~devido!~~  
 O socorro chegou, mas foi mui tarde:  
 Cobrem-se os membros de um suor já frio;  
 Os cheios puitos arquejando roncão,  
 E vertem umas lagrimas sentidas,  
 Que só lhes descem dos esquelidos olhos;  
 Amarella-se a côr, baccêa a vista,  
 O semblante se afeta, o queixo afropa,  
 Os gestos, e os arrancos se suspendem;  
 Nenhum mais bole; nenhum mais respira.  
 Assim, meu Dorotheo, sem um remédio,  
 Sem fazerem despesa em um só caldo,  
 Sem sábio Director, sem sacramentos,  
 Sem a vela na mão, na dura terra  
 Estes pobres acabão sem trabalhos.  
 Que esperas, duro Chefe, que não contas  
 A Corte os teus triumphos! Tu não podes  
 Mandar alqueires dos anneis tirados  
 Dos dedos, que cortaste nas campanhas:  
 Mas de algimas, de pégas, e correntes  
 Podes mandar á Corte imensos carros.  
 Tu podes... mas, Amigo, não gastemos  
 Todo o tempo em contar sentidas causas,  
 Façamos menos triste a nossa historia;  
 Misturemos os casos, que magoão  
 Com successos, que sejam menos tristes.  
 Não bastão, Dorotheo, galês imensas,  
 São outros mais soccorros necessários,  
 Para crescerem as soberbas obras.  
 Ordena o grande Chefe, que os roceiros,  
 E outros quaesquer homens, que tiverem  
 Alguns bois de serviço, promptos mandem  
 Os bois, e mais os negros, que os governem,  
 Durante uma semana de trabalho:  
 Ordena ainda mais, que neste tempo  
 Não recebam jornal; antes que tragão  
 Omilho para os bois das feiscellarias.  
 É que é isto, Dorotheo, abriste a boca?  
 É ficaste embasbacado? É Não suppunhas,  
 Que o nosso grande Chefe se fahisse  
 Com uma tão formosa providencia?  
 Isto de economia é elle o spectre;  
 Está para compor uma obra, aonde  
 Quer o modo ensinar de não gastar em  
 As Tropas cousa alguma no sustento.



Deas odeipe viver até que ~~chegue~~  
Apólla, Dorotheo, no mesmo estado,  
Emque estão os volumes, onde existem  
Os Despachos, que deo no seu Governo.  
Hora ouve ainda mais: atende, e pasma.

Para se sustentarem os forçados,  
Os generos se comprão com bilhetes,  
Que paga o Thesoureiro, quando pôde;  
E sobre esta fiança ainda se tomão  
Formuito menos preço, do que correm.  
As tropas, que carregão mantimentos,  
Apenas descarregão, vão de graça  
A distante Cateira com soldados  
Buscar queimada pedra. Daqui nasce  
Os tropeiros fugirem, e chorar mos  
A grande carestia do sustento.  
Responde, louco Chefe, se tu podes  
Tães violencias fazer, E não era menos  
Lançares sobre os povos um tributo?  
Os homens, que tem carros, e osque vivem  
De viveres venderem, e são acaso  
Aos mais inferiores nos direitos?  
Esta Cadea é sua, porque deva  
Sobre elles carregar tamanho peso?  
E o povo, quando compra tudo caro,  
Não paga ainda mais, doque pagára,  
Se um modico tributo se lançasse  
A proporção dos bens de cada membro?  
Amigo Dorotheo, quem rege os povos,  
Deve ler de continuo os doutos livros;  
E deve se tractar com sábios homens.  
Aquelle, que consome as largas horas  
Em fallar com os nescios, e peraltos,  
Em metter entre as pernas os perfumes,  
Em concertar as pontas dos lencinhos,  
Não nasceo para cousas, que são grandes;  
Que nestas bagatelas não consomem  
O tempo proveitoso as nobres almas.

Quem não quer, Dorotheo, mandar o carro.  
O famoso Tenente se concerta;  
Onde vai tal dinheiro, ninguém sabe;  
Só sabemos mui bem, que o bom Tenente,  
Sem ter outro negocio, que lhe renda,  
De pingante passou a potentado.  
Sabemos tambem mais... porém, Amigo,  
Em fallar nestas cousas já me enfada.  
Omitto outros successos, que lastimão.  
E fecho, Dorotheo, a minha carta  
Com um maravilhoso estranho caso.  
Distante nove legoas desta terra



Ha uma grande Ermida, que se chama  
 Senhor de Matosinhos: este Templo  
 Os devotos fieis assi convoca  
 Por sua architectura, pelo sitio,  
 E ainda muito mais pelos prodigios,  
 Com que Deos embebece a Santa Imagem.  
 Este famoso Templo tem um carro,  
 Comprado com esmolas, que carrega  
 As pedras, e madeiras, que ainda faltão.  
 O Comandante austero notifica  
 A veneranda Imagem, na pessoa  
 Do zeloso Ermitão, para que mande  
 O carro com os bois ferver nas obras,  
 Mal lhe couber o turno da semana.  
 Faz-se uma petição ao nosso Chefe  
 Em nome do Senhor: a que se allega,  
 Que o carro, que elle tem, se occupa ainda  
 Na pia construcção da sua Casa;  
 Que elle Christo não tem nenhuma rendas,  
 Senão esmolas ténues, que só devem  
 Gastar-se no seu Templo, e no seu Culto  
 Conforme as intenções de quem as pede.  
 Apenas vio o Chefe o peditorio,  
 Quiz ao Christo mandar, que lhe ajuntasse  
 O titulo, que tinha, porque estava  
 Isento de pagar os seus impostos.  
 Que elle sabe mui bem, que o mesmo Christo  
 Mandou ao velho Pedro, que pagasse  
 Ao Cesar os tributos em seu nome.  
 E Christo, figurado em uma Imagem,  
 Não tem mais isenções, que teve o proprio.  
 Pegava o seu Matheus já na penna,  
 Quando lembra ao bom Chefe, o que decretão  
 Os Canones da Igreja, que concedem;  
 Que para se fazerem obras pias,  
 Até os sacros Vasos se alienem.  
 Inferre da qui logo, que este carro  
 Não goza de isenção; porque supposto  
 Se possa numerar nos bens da Igreja  
 Conforme as Decretaes, até podia  
 Neste caso vender-se, por ser obra  
 Mais pia, do que todas, a Cadêa.  
 Lança mão elle mesmo então da penna;  
 E põe na petição um Escusado-  
 Com uns rabiscos tales, que ninguem sabe  
 Ao menos conhecer-lhe uma só letra.  
 Agora dirás tu: Meu bom Critico,  
 Não se isentar a Christo disse imposto,  
 Foi um grande tisão; mas necessario,  
 Por não se abrir a porta a maos exemplos:



Antes o Santo Christo, e: que devia  
Mandar o camo logo, como Mestre  
Da sublime Virtude: e desta forte  
Obrou o mesmo Christo em outro tempo,  
Mandando, que pagasse Pedro ao Cesar  
O tributo por elle, quando estava  
Por um dos filhas ser, mui bem isenta  
Mas se esse Santo Christo não podia  
Por dias disfarçar os bois, e camo,  
E porque não se valeo do tal Matheusio,  
Do Poeta Proberio, e de outros trastes,  
Porquem aqui se conta, que pratica  
O grande Tanfarnão os seus milagres?  
Tu inatas, Dorotheo, qual o Mestreço,  
Quando por defender a sua escola,  
Arregacando o braco, o pé batendo,  
E enchendo as cordoveas, grita, e raltha.  
Mas eu, presado presado Amigo, com bem pouco  
Te boto esse argumento todo a Chaixo.  
Em primeiro lugar o Santo Christo  
E' homem muito serio; e por ser serio,  
Não tem com essa gente um leve tracto.  
Em segundo lugar e' muito pobre,  
So dá aos seus devotos Indulgencias  
Com annos de perdão, e destas drogas  
Não fazem taes validos nenhum caso.

Hora pois, louco Chefe, vai seguindo  
Atua pertençaõ: trabalha, e força  
Por fazer imortal a tua fama;  
Levanta um edificio em tudo grande;  
Um soberbo edificio, que desputa  
A dura emulação na propria Roma.  
Em cima das janellas, e das portas  
Põe sabias inscripções, põe grandes bustos;  
Que eu lhus porei por baixo os tristes nomes  
Dos pobres innocentes, que gemêrão  
Ao peso dos grilhões; porei os ossos  
Daquelle, que os seus dias acabaráo  
Sem Christo, e sem remedios no trabalho.  
Enõs, indigno Chefe, e nõs veremos,  
A quães destes padroões não gasta o tempo.



Em que se contão as desordens feitas nas festas,  
que se celebrarão nos Desposorios do nosso Serenis-  
simo Infante com a Serenissima Infanta de Por-  
tugal.

Tu já tens, Dorotheo, ouvido historias,  
Que podem comover a triste pranto  
Os seccos olhos dos crueis Ulixes.  
Agora, Dorotheo, ensiga o rosto,  
Que eu passo a relatar-te cousas lindas.  
Cuviras uns successos, que te obriguem  
A faltar gargalhadas decompostas,  
Por mais que a boca com a mão apertes,  
Por mais que os beijos já convulsos mordas.  
Eu creio, Dorotheo, ... Porémiaonde  
Me leva tão enado o meu discurso?  
Não esperes, Amigo, não esperes  
Por mais galantes casos, que te conte,  
Mostrar no teu semblante um ar de riso.  
Os grandes desconcertos, que executão  
Os homens, que governão, fô' motivão  
Na pessoa composta horror, e tédio.  
E quem pôde, Dorotheo, rombar contente  
Do Cesar dos Romanos, que gastava  
As horas em caçar imundas moscas?  
Apenas isto lêmos, o discurso  
Se afflige na certeza, de que um Cesar  
De espiritos tão baixos não podia  
Obrar um facto bom no seu governo.  
Não esperes, Amigo, não esperes  
Mostrar no teu semblante um ar de riso;  
Espera, quando muito, lír meus versos,  
Sem que molhe o papel amargo pranto,  
Sem que rompa a leitura alguns suspiro.  
Chegou á nossa Chile a doce nova,  
De que Real Infante recebera  
Bem digna do seu leito Casta Esposa,  
Preveste-se o Príncipe de um genio alegre,  
E para bem fartar os seus desejos,  
Quir que a despexas do Senado, e povo  
Arda em grandes festins a terra toda.  
Escreve-se ao Senado extensa Carta  
Em ar de Magestade, em frase Moura;  
E nella se lhe ordena, que prepare  
Ao gosto das Hispanhas bravos touros.  
Ordena-se tambem, que nos theatros  
Os trez mais bellos Dramas se estropeem,



Repetidos por bocas de mulattos.  
Não esquecem enfim as Cavalhadas.  
Ló fica, Dorotheo, no livre arbitrio  
Dos pobres Camaristas repartirem  
Alimentos de convite pelas Damas.

Amigo Dorotheo, ah! tu não podes  
Pisar o desconcerto desta Carta,  
Em quanto não fouberes a Lei propria,  
Que a os festejos Pecaes prescreve a norma.

Em quanto, Dorotheo, a nossa Chile  
Em toda a parte tinha a flor da terra  
Extensas, e abundantes minas de ouro;  
Em quanto os Taberneiros ajuntavão  
Imenso cabedal em poucos annos,  
Sem terem nas Tabernas fedorentas  
Outros mais fortimentos, que não fossem  
Os queijos, a cachaça, o negro fumo;  
E sobre as partelhas poucos frascos:

Emquanto enfim as negras quitandeiras  
A custa dos Amigos se trajavão  
Vermelhas capas de galoes cobertas,  
De galacés, e tiços ricas fôrmas:

Então, presado Amigo, emqualquer festa  
Tirava liberal o bom Senado

Dos cofres, chapeados grossas barras.  
Chegarão taes desperas a noticia  
Do Rei prudente, que a virtude preza;  
Vendo, que estas rendas se gastavão  
Em touros, Cavalhadas, e Comedias,  
Applicar-se podendo a cousas santas;  
Ordena providente, que os Senados  
Nos dias, em que devem mostrar gosto  
Pelas Pecaes fortunas, se moderem,  
E só fação contar no Templo os Hymnos,  
Comque se dão aos Leos as justas gratias.

Ah! i meu bom Dorotheo, que feliz fôra  
Esta vasta Conquista, se os seus Chefes  
Com as Leis dos Monarchas se ajustavão!  
Mas alguns não presumem ser vassallos,  
Ló julgão, que os Decretos dos Augustos  
Tem forza de Decretos, quando ligão  
Os braços dos mais homens, que elles mandão;  
Mas nunca, quando ligão os seus braços.

Com esta fábria Lei replica o Corpo  
Dos pobres Senadores, e pondera,  
Que o fevere juiz, que ascontas toma,  
Lhes não ha de approvar tão grandes gastos.  
Da forte, Dorotheo, que o bravo potro,  
Quando a sella recebe a vez primeira,  
Emquanto não facode a sella fôra,



E faz em dous pedaços culha, e rédea,  
 Mette entre os duros braços a cabeça,  
 Edá, saltando aos ares, mil corcovos.  
 Assim oirado Chefe não atura  
 Ofreio desta Lei, espuma, brama,  
 Arrepella o cabello, a barba torce,  
 E enquanto entende, que o Senado zela  
 Moais as Leis, que o seu gosto, não descança.

Aos tristes Senadores não responde,  
 Mas manda-lhes dizer, que a não fazem  
 Os pomposos festejos, se preparem  
 Para serem os guardas dos forçados,  
 Trocando as varas em chicote, e relho.

E já viste, Dorotheo, que o grande Chefe,  
 O defensor das Leis, o mesmo seja,  
 Que insulte, que ameace ao bonasasfallo,  
 Que intenta obedecer ao seu Monarcha.  
 Pois ainda, Dorotheo, não viste nada.

Um monstro, um monstro d'isto não conhece,  
 Que exista algum maior, que ousado possa  
 Ou na terra, ou no Coo tomar-lhe conta.

Infeliz, Dorotheo, de quem habita  
 Conquistas do seu dono tão resnotas!  
 Aqui o povo geme, e os seus gemidos  
 Não podem, Dorotheo, chegar ao Throno;  
 E se chegão, succede quasi sempre  
 O mesmo, que succede nas tormentas,  
 Aonde o leve barco se focobra,  
 Aonde a grande não resiste ao vento.

Que peito, Dorotheo, que peito pôde  
 Constante presistir nos fâos projectos,  
 Ouvindo as ameaças do Tirano,  
 E junto já de si o som dos ferros.  
 Sómente, Dorotheo, os homens santos,  
 Que a sua Lei defendem, vêm os potros,  
 Vêm cruces, cada fálfo, e cutelos  
 Com xosto focogado. Os outros homens  
 Não podem, Dorotheo, não podem tanto.

A força do temor o bom Senado  
 Constancia já não tem; afroxa, e cede.  
 Sómente se disputa sobre o modo  
 De ajuntar-se o dinheiro, com que possa  
 Supprir tamanho gasto o grande Albergia.  
 Uns dizem, que das rendas do Senado  
 Tiradas as despesas, nada sobra.  
 Os outros accrescentão, que se devem  
 Parcelas numerosas impagaveis  
 As consternadas a mais dos expostos.  
 Uns ralhão, outros ralhão, mas é que importa.  
 Todos arbitrios dão, nenhum acerta.



Então o grande Alberga, que preside,  
Vendo esta confusão, na Mesa bate,  
Elevando a voz pausada, e forte,  
A importante questão assim decide:  
"Ha dinheiro, Senhores, ha dinheiro;  
Mandão-se os castiçoes, tinteiros, e bancas,  
Mandão-se o proprio panno, e mesa velha;  
Quando isto não baste, ha bom remedio;  
As fazendas se tomem, não se paguem;  
E para auctorisar esta industria,  
Eu vos dou, Cidadãos, o meu exemplo."  
Intentão replicar-lhe os Camaristas,  
Atão baixos calotes nunca affeitos;  
Mas elle, que não soffre mais instancias,  
As grasas jobrancelhas arqueando,  
Desta forte prosegue em tom arado:  
"Se os meus santos conselhos se desprezo,  
Depressa vou dar parte ao nosso Chefe.  
i. th. pobres Cidadãos, se assim o fazeo!  
Já se me representa, que vos represento  
"Comer debaixo dos pesados ferros."  
"Só tu, maroto Alberga, fô' tu podes  
Desta forte fallar aos teus collegas!  
Que importa, que os accuses, e que importa,  
Que os prendas com grilhões adum Chefe?  
São ferros estes ferros muito honrados;  
Que a honra fô' consiste na innocencias.  
Apenas, Dorotheo, o vil Alberga  
Falla em queira fazer ao nosso Chefe,  
De fusto os Camaristas nem respirão;  
Quais chorosas meninas, que emudecem,  
Quando as amas lhes dizem: cá-la, cá-la,  
Que lá vem o titiu, que pappa gente.  
Mandão-se apregoar as grandes festas:  
Acompanha ao pregão luzida tropa  
De velhas denadores: estes trajão  
Ao modo cortação, chapéos de plumas,  
Cupas com bandolas de vistosas sedas.  
Chega enfim o dia suspirado,  
O dia do festejo: todos correm  
Com rostos de alegria ao santo Templo:  
Celebra o velho Bispo a grande Missa;  
Porém o sabio Chefe não lhe assiste  
Debaixo do espaldar ao lado esquerdo;  
Para a tribuna fôbe, e alli se assenta.  
Uns dizem, Dorotheo, fugio prudente,  
Por não ver assentados os Padrecos  
Na Capella maior a fim de elle.  
Os outros sabichões, que a causa indagaão,  
Discorrem, que o Senado lhe devia



Erguer no Presbyterio docil branco, *Dr Examin*  
Em honra delle ser Lugar-Tenente.  
Mas eu com estes votos não concordo,  
Ejulo apito, que a razão foi esta:  
Porque estando patente, e tendo posto  
O seu chapéo em cima da cadeira,  
Tudera duvidar se, se devia  
O Bispo ter a Mitra na Cabeça.  
Acaba-se a função: e o nosso Chefe  
Acasa com o Bispo se recolhe,  
A Nobreza da terra os acompanha,  
Até que montão a dourada sege.  
Aqui, meu Dorotheo, o Chefe mostra  
O seu desembaraço, e o seu talento!  
Tô n'uma função destas se conhece,  
Quem tem andado terras, onde habitão  
Despidas dos abusos fábrias gentes!  
Vai passando por todos, sem que abaixe  
Amparoada cabeça, qual Mandante,  
Que passa pelo meio das fileiras.  
Chega junto da sege, a sege sobe,  
E da parte direita toma assento.  
O Bispo, o velho Bispo atraz caminha  
Em ar de quem se teme da desfeita.  
Com passos vagarosos chega á sege;  
Encaixa na estribeira o pé cançado,  
E duas vezes por saber forceja.  
Acodem alguns Padres respeitosos,  
E por baixo dos braços o sustentão.  
Então com mais alento o corpo move,  
Dá o terceiro arranco, o salto vence,  
E sem poder saltar uma palavra,  
Hora vermelho, hora amarello fica.  
Do nosso Tanfarrão ao lado dequendo.  
Agora dirás tu: é que bruto é esse?  
É pôde haver um tal homem, que se atreva  
A pôr na sua sege ao seu Prelado  
Da parte da bôlida? eu tal não creio.  
Amigo Dorotheo, estás mui ginja;  
Já lá vão os rancosos formillarios,  
Que guardavão á vista os nossos velhos.  
Em outro tempo, Amigo, os homens ferios  
Na rua não andavão sem florite,  
Trazião cabelleira grande, e branca,  
Nas mãos os seus chapéos; agora, Amigo,  
Os nossos proprios Picas tem cabelo;  
Os grandes sem florite vão á Missa,  
Com a chibata na mão, chapéo fincado,  
Na forma, em que passeão os Caixeiros.  
Ninguém antigamente se sentava



Senão direito, e grave nas cadeiras;  
Agora as mesmas Damas atravessão  
As pernas sobre as pernas. Noutro tempo  
Ninguém se retirava dos Amigos,  
Sem que ~~disse~~ a Deus: agora é moda,  
Saírmos dos congressos em segredo.  
Pois corre, Dorotheo, a paridade,  
Que os costumes se mudão com os tempos.  
Se os antigos Fidalgos sempre davão  
O seu direito lado a qualquer Padre,  
Acabou-se esta moda: o nosso Chefe  
Vindicou os seus direitos: vê, que o Bispo  
É um grande, que foi, há pouco, Frade.  
E não pôde hombrear com quem descende  
De um bravo Patagão, que sem desculpa  
Lá nos tempos de Adão já era grande.  
Na tarde, Dorotheo, do mesmo dia  
Leve uma Proissão de poucos negros,  
E Padres revestidos só com posta,  
Que os brancos, e os mulatos se occupavão  
Em quarnecer as ruas; pois que todos  
Occupados estão nas Régias Tropas  
Caminha o nosso Chefe todo Adonis  
Diante da Bandeira do Senado;  
Alguns dos Rigoristas não lho approvão,  
Dizendo, que devia respeitoso,  
Da maneira, que sempre praticarão  
Os seus Antecessores, ir ao lado,  
Por ser esta Bandeira um Estandarte,  
Onde tremulão do seu Reino as Armas.  
Mas eu o não censuro, antes lhe louvo  
A prudencia, que teve, pois suppunha,  
Que á vista do seu sangue, e seu caracter  
Podia muito bem querer metter-se  
Debaixo, Dorotheo, do proprio Pallio.  
Que de tras evoluções não fez a Tropa!  
Uns ficão ao passar do Sacramento  
Com as suas barretinas nas cabeças,  
Os outros se descobrem, e ajoelhão;  
Em quanto não se avança o nosso Chefe,  
Prostrados se conservão, e devotos  
Não cessão de ferir os brandos peitos.  
Ah! grande General com esta Tropa  
Tu podes conquistar o mundo inteiro!  
Forão muito felices os Lorenas,  
Os Condés, os Eugénios, e outros muitos,  
Em tu não floreceres nos seus tempos.  
Nem chamo Dorotheo, os Capateiros  
Entendem do seu couro; os Mercadores  
Entendem de fazenda; os Affixates



Entendem de vestidos; em fim todos  
Podem bem entender dos seus officios;  
Porém querer o Chefe, que se formem  
Disciplinadas tropas de tendeiros,  
De moccos de tabernas, de rapazes,  
E bisonhos roceiros, é delirio.

Que o soldado não fica bom soldado,  
Somente porque veste curta farda,  
Porque limpa as correas, tingi as botas,  
E com trapos engrossa o seu rabicho.

Anegra noite em dia se converte  
A força das tigelas, e das tochas,  
Que em grande cópia nas janellas ardem.

Aqui o bom Proberio se distingue;  
Compõe algumas quadras, que baptiza,  
Com o distincto nome de Epigramas.  
Espedante Pendeiro as dependura  
Na dilatada frente, que illumina,  
Fazendo-as estorever em lindas tarjas.  
! Rancoso, e máo Poeta, não nasceste  
Para cantar Heróes, nem cousas grandes!  
Se te queres moldar aos teus talentos,  
Em tosca frase do Paur fomenta  
Escreve trovas, que os mulatos cantem.

Andava, Dorotheo, alegre a gente  
Em bandos pelas ruas. Então vejo  
Ao famoso Proquerio neste traje:  
As chinelas nos pés, descalça a perna;  
Um chapéo muito velho na cabeça,  
E fora dos calções a porca fralda;  
Em um roto capote mal se embrulha,  
E grande varapão na mão sustenta,  
Que mais de estorvo, que de animo ferre;  
Pois a cachaca ardente, que o alegra,  
Lhe tira as forças dos robustos membros,  
E põe. lhe pso na cabeça leve.

Não repares, Amigo, que te conte  
Este successo, que parece estranho.  
Este grande Proquerio é um daquelles,  
Que assenta a sua muza o nosso Chefe.  
Agora, Amigo, vê, se esta pintura  
Não pôde muito bem a nosa historia,  
Sem violencia servir também de ensite.

Fiquemos, Dorotheo, aqui por hora;  
Pois de tanto escrever a mão já cança,  
Em outra contarei o mais que resta,  
E vi no grão Tasseio, e mais no luro,  
Aonde as Cavalhadas se fizeram,  
Aonde os máos Capinhos maltratá-vão  
Em vez de touros manfos bois, e vacca.



Enrique se conta o resto dos Festejos.

Eu hontem, Dorotheo, fechei a carta,  
 Enrique te relatei da Igreja as Festas;  
 E como trabalhava, por lembrar-me  
 Do resto do festejo, mal descanso  
 Na cama os lascos membros, me parece,  
 Que vou entrando na formosa Praça.  
 Não vejo, Dorotheo, um Curro feito  
 De pedacos informes de outros curros,  
 Sim vejo o mesmo Curro, que o bom Chefe  
 Pisceu na fecca praia; e nelle vejo  
 As mesmas armações, e as mesmas caras.  
 Hora vou, doce Amigo, aqui pintallo.  
 Na frente se levanta um camarote  
 Mais alto do que todos uma braça:  
 Enfeitão seu prospecto lindas colchas,  
 E pendentes cortinas de Damasco,  
 A direita se assenta o nosso Chefe.  
 Os Regios Magistrados não o cercão,  
 Nem o cerca também o nobre Corpo  
 Dos velhos Cidadãos; aquelle mesmo,  
 Que faz de toda a festa os grandes gastos.  
 Com elle só se assenta a sua Corte,  
 Que toda se compõe de novos Martes.  
 Aqui alguns conheço, que inda vivem  
 De ddrem o sustento, o quarto, a roupa,  
 E capim para a besta a quem viaja.  
 Conheço finalmente a outros miuitos,  
 Que foram almoceves, e tendeiros,  
 Que foram Alfaiates, e fixerão,  
 Puzhando a dente o couro, bem capatos.  
 Agora, doce Amigo, não te rias,  
 Deveres, que ellas são aquelles Grandes,  
 Que em presença do Chefe encostar podem  
 As queixas nos bastões das finas canas.  
 Os postos, Dorotheo, aqui se vendem,  
 E como as outras drogas, que se comprão,  
 Devem daquelles ser que mais os pagão.  
 No meio desta turba vejo um vulto,  
 Que moça me parece pelo traje.  
 Não posso conceber o como deya  
 Estar uma Senhora em tal palanque.  
 O Chefe (eu discomia) inda é folteiro.  
 E quando não o fosse, a sua esposa  
 Não havia sentar-se com barbados.  
 Mil cousas, Dorotheo, mil cousas feias



Me fugere a malicia, e todas falsas. *St. Evandro* 21  
Aplicio mais ~~avista~~ <sup>avista</sup>, então conheço,  
Que é uma miúdo esperta mulatinha,  
Que dizem filha ser do seu Lacaio.  
Cisagui, Dorotheo, o como as vezes  
Fuzames testemunhos se levantão  
As pessoas mais feras: isto Deus sabe  
O que também dirão do teu Crítico!  
Mas tu, prezado Amigo, não te afflijas,  
Eu tudo é desta classe, e se viveres,  
Ainda o houveres obrar milagres.

Pegado ao camarote do bom Chefe  
Se vê outro palanque igual em tudo  
Aos raios camarotes do mais povo.  
Aqui têm seu lugar os Senadores;  
Com elles se incorporão outros miútos,  
E lograrão de Edis as grandes honras.

Nos outros adornados camarotes  
Assistem as familias mais honestas:  
Aqui nada se vê, que seja pobre.  
Acreia, Dorotheo, recreia a vista  
O varão dos matizes; ciga os olhos  
O continuo brilhar das finas pedras.  
No meio de um palanque então descubro  
A minha, a minha Nise: está vestida  
Da cor mimosa, com que o Céu se veste.  
«Oh quanto!» «Oh quanto é bella!» Averde Olajá,  
Quando se cobre de cheirosas flores.  
Filha de Thaumante, quando arquia.  
No meio da tormenta o lindo corpo;  
A mesma Venus, quando toma, e abraça  
O grosso escudo, e lança, porque vença  
A paizão do deus Marte com mais força;  
Ou quando lacrimosa se apresenta  
Na sala de seu Páe, para que salve  
Aos seus Troianos das fobertas ondas;  
Não é, não é como ella, tão formosa.  
Qual o tinro menino, aquem se chega  
De fronte do semblante a vela accesa,  
Um as vezes suspenso, outras ridonho,  
Os olhos arregala, e bem que o chamem,  
A tesa vista não separa della:  
Assim eu, Dorotheo, apenas vejo  
A minha doce Nise, qual menino  
Os olhos nella fito chiros de agua.  
E por mais que me chamem, ou me abalem,  
De embebedo que estou, não sinto nada.  
No meio, Dorotheo, de tanto asfombro  
Me finge a perturbada fantasia  
Novo Jucriso, que me afflige e cança.



Apparece no Cumro passeando  
Sexagenario velho em ar de moço,  
Traja uma curta veste, calções largas  
Da côr da secca rosa, a quem adorna  
Obrilhante galão de fina prata:  
Na bolça do cabello, que se enfeita  
De duas negras plumas, e de flocos,  
Branquejão os vidrilhos; e no peito  
De flores se sustenta um grande mólho.  
Traz dous aneis nos dedos, e fivêlas  
De amarellos Topacios. Não caminha,  
Sem que ávante caminhe um branco pagem,  
Atraz da cadeirinha, ex seu muleque  
Em forma de lacaio. i. Ah! velho tonto,  
Este teu tractamento imita, imita  
Oestado, que tem o Rei do Congo!

Ponho os meus olhos no cadáver Adonis,  
Então se me figura, que elle offerta  
A Mãe uma das flores, e que Nise  
Com ar risonho no seu peito a prega:  
Aos zelos, Dorotheo, ninguém resiste;  
Sentem a sua força os altos deuses;  
Os homens, mais as feras; e em Critilo  
Não podes esperar paixões diversas.  
Apenas isto vejo, exasperado,  
Nette mão ao florete, e quando intento  
O peito traspassar-lhe, então acôrdo;  
Evendo-me as escuras sobre a cama,  
Conheço, que isto tudo foi um sonho.

Pintar-te, Dorotheo, o grande Cumro  
Da forte que minha alma orio sonhando;  
Agora vou pintar-te os mais successos,  
Que impresos ainda tenho na memoria.

Ainda, Dorotheo, no largo Cumro  
Laretas não brincarão, nem se vião  
Nos raios camarotes altas poppas,  
Enfeites com que brithão nobres Damas;  
Quando já no castello de madeira  
As peças fusilavão, signal certo,  
De que o nosso Heróe, ex velho Bispo  
No adornado palanque se assentavão.  
Agora dirás tu: i é forte pressa!  
Os Chefes nos theatros entrão sempre  
As horas de correr-se acima o panno.  
Amigo Dorotheo, tu nunca viste  
Uma criança, a quem a Mãe promette  
Levallá a vir de tarde alguma festa,  
Que logo de manhã a Mãe persegue,  
Pedindo, que lhe dispa os fatos velhos?  
Pois eis aqui, Amigo, o nosso Chefe:



Não quer perder de estar casquilho, e tem *M. Culunio* 22  
No erguido camarote um breve instante.

Chegão-se enfim as horas do festejo;  
Entra na Praça a grande comitiva;  
Trazem os frangens as compridas lanças  
De fittas adornadas, vem á dextra  
Os formosos ginetes arreados.

Seguem-se os Cavalleiros, que cortejão  
Primeiro ao bruto Chefe, logo aos outros,  
Dividindo as fileiras sobre os lados:

Não ha quem o cortejo não receba  
Em ar civil, e grato: só o Chefe  
O corpo da cadeira não levanta;  
Nem abaissa a cabeça; qual o dono  
Dos miseros escravos, quando juntas  
Abenção vão pedir-lhe, porque sejam  
Ajudados de Deos no seu trabalho.

Feitas as cortezias do costume,  
Os destros Cavalleiros galopão  
Em circulos vistosos pelo campo.  
Logo se formão em diversos corpos  
A maneira das Tropas, que apresentam  
Sanguinosas batalhas. Soão trompas,  
Soão os atabales, os fagotas,

Os clarins, os bois, e mais as flautas.  
O fogoso ginete as ventãs abre,  
E bate com as mãos na dura terra:

Os dous mantenadores já se avançam.  
Aqui, preso do Amigo, aqui não luctão,  
Como nos espectaculos Romanos,  
Com forçosos Leões, malhados Tigres,  
Os homens peito a peito, e braço a braço:

Jogão-se encontradas, e se atirão  
Redondas alcancias, curtas cegas,  
De que destro inimigo se defende  
Com faxellas noar em dous pedacos.

At fogo das pistolas se desfazem  
Nos postes as cabeças: umas ficam  
Dos ferros traspassadas; outras voão  
Saludidas das pontas das espadas.

Airoso Cavalleiro ao hombro encosta  
A lança no principio da carreira;  
No ligeiro cavallo a ispora bate,  
Desfaz com mão igual, o ferro, e logo  
Que leva uma argolinha, a redea toma,  
E faz, que o bruto pare. Doces côros  
Applaudem o successo, enchendo os ares  
De grata melodia. Então vaidoso  
Gulido de um padrinho ao Chefe leva  
O signal da victoria, que segura



Na destra aguda lança. O bruto Chefe  
Aceita a offerta em ar de Magallães,  
A maneira dos amos, quando têm mão  
As cousas, que lhes dão os seus criados.  
Vestes, e noutros brincoz innocentes,  
Se passas, Dorotheo, a alegre tarde.

Já no sereno Céo resplandeciaõ  
As bellhantes estrellas: os morcegos,  
E as toucadas Corujas já voaõ,  
Quando, preso Amigo, nas janellas  
Donoso Sant'ago se accendiaõ  
Em signal de prazer as luminarias;  
Ardeem pois nas janellas de Palacio  
Duas tochas de pão, e sobre a frente  
Da casa do Senado se levanta  
Uma extensa armacão, a quem enfeitão  
Quatro mil tigelinhas. Men. Albergã,  
Aqui o premio tens do teu trabalho;  
Tu farás de torcidas, e de azeite  
Aos tristes Camaristas contas largas;  
E as amobas de cebo, que não arde,  
Desfeitas em sabão mui bem te podem  
Toda a roupa lavar por muitos annos.

Nas margens, Dorotheo, do cujo corgo,  
Que banha da Cidade a longa ffilella,  
Ha uma curta praia toda cheia  
De já lavados feixos: neste sitio  
Um formoso passeio se prepara.  
Ordena o fabio Chefe, que se cortem  
De verdes laranjeiras muitas ramos;  
E manda, que se enterrem nesta praia,  
Fingindo largas ruas. Cada tronco  
Sem debaixo das folhas uma taboa  
Sem lavor, nem pintura, que sustenta  
Doze tigelas do grosseiro barro.

No meio do passeio estão abertas  
Duas pequenas covas pouco fundas,  
Que lagos se appellidão; sobre as bordas  
Ardeem mil tigelinhas, e o azeite,  
Que corre, Dorotheo, das covas cacos,  
Inda é mais, do que são as cujas aguas,  
Que nem os fundos cobrem destes tanques.  
Stão formoso sitio tudo acode,  
Ou seja de um, ou seja de outro sexo,  
Ou seja de uma, ou seja de outra idade.  
Aqui lascivo amante sem rebuço  
A torpe concubina offerta o braco;  
Alli mancebo ouzado assiste, e fallã  
A simples filha, que seus Pais recatão.  
A ligeira mulata em trages de homem  
Dança o quente Lundu, e o vil batuque;



E aos cantos do passeio inda se fazem  
 Accoês mais feias, que a modestia occulta.  
 Meu charo Dorotheo, meu doce Amigo,  
 Se queres, que este fúrio te compare,  
 Como ferio Poeta, aqui tens Chipre  
 Nos dias, em que os povos tributavão  
 A Deusa tutelár alegres cultos.

Se queres, que o compare, como um homem,  
 Que alguma noção tem das Sacras Letras,  
 Aqui Sodoma tens, e mais Gomorra.

Se queres finalmente, que o compare  
 A lugar mais humilde em tom jocoso,  
 Aqui, Amigo, tens esse afamado  
 Luilombo, em que viveo o Páe Ambrosio.

Depoê o nosso Chefe a Magestade;  
 E por vêr as Madamas, rebucado  
 No capote de bérne corre as ruas,  
 Seguindo, Dorotheo, das suas guardas;  
 Depois de dár seus giros, vái sentar-se  
 Em um dos toscos bancos, onde tomão  
 Assento certas moças, que pudêrão,  
 Não sei porque razão, cahir-lhe em graça;  
 Não diz uma finexa ás taes moceinhas;  
 Pois não é, Dorotheo, porque não sabia,  
 Que elle tem muito estudo de Florinda,  
 Da Roda da Fortuna, e de outros Livros,  
 Que dão aos seus Leitores grande massa.  
 É fim por sustentar a gravidade,  
 Que no publico pede o seu emprego;  
 Mas para lhes mostrar o quanto as preza,  
 (O' força milagrosa de Destimto!)

Descobre esta Selix, e nova traça:  
 Váí sentar-se na ponta do banquinho,  
 Umás vezes suspende ao ar o corpo,  
 Outras vezes camga sobre a taboa,  
 Edesta forte faz, que as bellas moças  
 Movidas do balanço dêem no vento  
 Milhares e milhares de embigadas.

Chega se, Dorotheo, defronte d'elle  
 Um máscara prendado. não estima  
 Os discretos conceitos; nem se agrada  
 De vêr executar vistosos pasfos.  
 Abanda fim, que arremede um nosso Bispo;  
 Que arremede também o modo, e gosto  
 De um nosso General. São estes momos  
 Os unicos, que podem cômovellos  
 No publico a mostrar risonha cara.  
 O' alma de Fidalgo, o' Chefe digno  
 De vestir a libré de um vel lacaiio!  
 Crescêrão, doce Amigo, alguns foguetes



Da noite, em que o Senado fez no Curro  
De polvora queimar barrios imensos.  
Em uma noite clara, qual odia,  
Ordena, que as fogueiras vão aos ares;  
Vai-se pôr no passivo reclinado  
Sobre um monte de pedras, faz-lhe corte  
A velha Poetisa, que repete  
Um Soneto, que fez a certas males.  
Começam os vapores do Ribeirão

A formar sobre a terra nuvens densas.

Não se vêm dos fogueiras os chuveiros,  
Não se vêm as estrellas, nem as cobras,  
Mas elle os deixa arder, e gasta a noite  
Contente com ouvir alguns estalos,  
E a bulha, que elles fazem, quando sobem.

Já chega, Dorotheo, o novo dia,  
Odia, em que se correm bois, e vacas.

Amigo Dorotheo, é tempo, é tempo  
De fazer-te excitar no peito brando  
Affectos de ternura, de odio, e raiva.

No dia, Dorotheo, em que se devem  
Correr os manfos touros, acontece

Morrer a casta esposa de um mulato,  
Que avida ganha por tocar rebeça.

Dá-se parte do caso ao nosso Chefe:

Este, presado Amigo, não ordena,

Que outro Mulato vá no lugar d'elle  
A rebeça tocar no prompto carro:

Ordena, que elle escolha ou a Cadeia,

Ou ir tocar a doce rebequinha

Naquelle mesma tarde pela praia.

É que é isto, Dorotheo, estás confuso?

É Duvidas, que isto seja, ou não verdade?

Então é que has de fazer, quando me ouvires  
Contar desordens, que ainda são mais calvas?

Indigno, indigno Chefe, as Leis sagradas

Não querem se incomodem alguns dias

Os parentes chegados dos defuntos,

Ainda para cousas necessarias;

É tu, cruel, violentas um marido

A deixar sobre a terra o frio corpo

Da sua terna Esposa, sem que tenhas

Ao menos uma honesta, e justa causa!

Barbaro, tu praticas tudo junto,

Quanto obrarão no mundo os mãos tirâmos!

Necessario ajuntava os corpos vivos

Aos corpos já corruptos; e tu seques

Outros caminhos, que inda são mais novos.

Separas dos defuntos os que vivem;

Não queres, que os parentes sejam pios,



Dando as ultimas honras aos seus mortos!

Chega-se finalmente a tarde alegre

Do festejo dos Touros. Já no Curro

Aparecem os dous formosos Carros.

O primeiro derrama sobre a terra

For bocas de serpentes escamosas

Dous puros chorros de agua: no segundo

Se levantão alegres doces vozes,

Eue varios instrumentos a acompanhão.

Aqui entre os que toçã se devisa

Um triste rosto, que se alaga em pranto.

¿ Não sabes, Dorotheo, quem este seja?

Pois é, presado Amigo, aquelle triste,

Eue tem a mulher morta sobre a cama.

O nosso grande Chefe mal conhece

Ao pobre do Viuvo, compassivo

Mette a mão no feu bolso, e delle tira

Um famoso cartao, que lhe entrega;

O nosso Prebiquista, que a acção nota,

Um pouco suavisa a sua mágoa;

E enquanto não recebe o tal embrulho,

Com siço assem discore: ¿ Eue ditosa,

Eue ditosa violencia, que soccorre

Em tal occasião a minha falta!

Já tenho, com que <sup>ao meu</sup> pagar o Vigario;

Já tenho, com que pague a cera, a cova,

A mortalha, o caixão, e mais os Padres.

Assim o bom Viuvo discorria,

Quando pega no embrulho, e mal o rasga,

Encontra, Dorotheo, confeitos grandes,

Encontra manuscritos, e rebucados.

¿ Eue é isso, Dorotheo, de novo pasmas?

¿ De novo desconfias da verdade?

Amigo Dorotheo, o nosso Chefe

Estudou Medicina, e como alcança,

¿ Eue o chorar faz defluxo, providente

Ministra rebucados a quem chora;

Para com elles acudir-lhe ao peito.

Principião os Touros, e se augmentão

Do Chefe as parvoices. Abanda a Traca

Sem regra, sem discurso, e sem concerto.

Agora fahê um Touro levantado,

Eue ao mão Capinha sem fugir espera;

Acena-lhe o Capinha, elle recua,

Estira com as mãos ao ar a tova.

Acena-lhe o Capinha novamente;

Demovo raspa o chão, e logo investe;

La' vai o mão Capinha pelos ares,

La' se estende na arêa; eo bravo Touro

Lhe dá com o focinho um par de tombos,



Nem deixa de pisallo, em quanto o nescio  
Não segue o meio de fingir-se morto.  
Nheu esperto boidinho, em paz te fica;  
Que o nosso Chefe ordena, te recolhaõ,  
Sem fazeres mais forte, e te reserva  
Para ao Curro sahires, quando forem  
Do Senhor do Bom Fim as grandes festas.  
Agora faze um Touro, que é prudente;  
Se o Capinha o procura, logo fôge;  
Os caretas lhe dão mil apulpaçadas.  
Um lhe pega no rabo, e o segura;  
Outro intenta montallo; e o grande Chefe  
O deixa passear por largo espaço;  
Manda soltar-lhe os cães, manda metter-lhe  
As garrochas de fogo, que primeiro  
Lhe a pelle rompia do ligeiro bruto,  
Nos dedos dos dedos do Capinha estalão.  
Com estes máos festejos, que aborrecem,  
Se gastão muitos dias. Já o povo  
Se canca de assistir na triste Praça;  
E ao ver-se solitário o bruto Chefe,  
Nos trata por incultos, mais ingratos.

É soberbo, e louco Chefe, que proveito  
Tiraste de gastar em frias festas  
Immenso cabedal, que o bom Senado  
Devia consumir em cousas santas.  
Aspirão pobres amas, e padecem  
Crianças innocentes, e tu podes  
Com rosto enpinto vêr tamanhos males?  
Embora sacrificas ao proprio gosto  
As fortunas dos povos, que governas.  
Vivês dia, em que mão robusta, e santa,  
Depois de castigar-nos, se condôa,  
E lança na fogueira as varas torpes.  
Então virão aquelles, que chorarão;  
Então talvez, que chores; mas debalde.  
Que suspiros, e prantos nada lucraõ  
A quem os guarda para muito tarde.



Não tempo, Dorotheo, que não profigo  
Do nosso Fanfarrão a longa historia.

As lumbas de fronto



Que não busque cobrillos com tal capa,  
Que inda se persuada, que os mais homens  
Lhes ficam respeitando como acertos?  
Emquanto ao conhecer destes despêjos,  
Despega a lei a boa intelligencia,  
Que extensiva se chama: sem entende,  
Que aonde o Rei ordena, que só haja  
Recurso a elle mesmo, nos faculta  
Recurso aos Generaes; pois que estes fazem  
Em tudo, e mais que tudo as suas vezes.  
Ah! dize, meu Amigo, se podia  
Dar-lhe outra intelligencia o mesmo Acurcio?  
Este grande Doutor, que já nos finge  
Nos principios de Roma conhecida  
A Divina Trindade, e que pondera,  
Que do Cão, que na palha está deitado,  
A velha Furia. Lei se diz Camina.  
i Maldito, Dorotheo, maldito seja  
O Pae de Fanfarrão, que deo ao mundo,  
Ao mundo literario tanta perda,  
Creando ao habil filho numa Corte,  
Qual morgado, que habita em pobre Aldeia!  
Ah! se elle, doce Amigo, assim discorre,  
Sabendo apenas ler redonda Letra,  
Que abismo não feria, se foubesse  
verter o Brevariario em tosca prosa!  
Se entrasse em Salamanca, e alli ouvisse  
Explicar a questao daquella escrava,  
Que foi manumittida em testamento,  
Se trez filhos parisse: e outras muitas,  
Que os Lentes nos ensinão desta casta?  
Emquanto, Dorotheo, a o outro ponto  
De julgar aos expulsos innocentes,  
Tambem razao lhe dou; porque primeiro  
Se informa com aquelles, que os réos dizem,  
Que sabem mais que todos do seu caso.  
Nem é de presumir, que estes lhe falem  
A verdade jurando: pois tem alma.  
Se boa testemunha, meu paesinho,  
Aquem o vulgo chama pé de pato.  
Confessa, se não foste, o que juraste,  
Que diste uma denuncia, e fôra falsa.  
Indigno, e bruto Chefe, em que direito  
Entendes, que se firmão tais processos?  
Alm réo, aquem condemna o Magistrado,  
Pode mostrar o injusto da sentença,



Dando umas testemunhas, que jurarão  
sem haver citacão da sua parte?  
Dando umas testemunhas inquiridas  
por juiz, que não pôde perguntallas?  
E como, louco Chefe, e como fakes,  
Que a defesa convence, se nem vieste  
Os autos, em que a culpa está formada?  
Supponho, que jurarão novamente  
Aquelles mesmas, que as denuncias derão.  
O segundo contrario juramento  
Não é que se reputa sempre o falso?  
E quem chega a conspirar um grande Chefe,  
Não pôde inda melhor comprar um negro?  
Amigo Dorotheo, esta pretestos  
São como as bigodeiras, que não podem  
Fazer, se não conheçam as pessoas,  
Que dançam nos theatros por dinheiro.  
Não lucra, doce Amigo, o nosso Chefe  
Sómente em revogar os extermínios,  
Que fazem os Ministros: elle mesmo  
Ordena se despejem os ricacos,  
Ainda que estes vivão sem suspeita  
Do infame contrabando: desta forte  
Os obriga tambem a vir a tenda  
Comprar por grossas barras seus despachos.  
Todos largão em sem, e todos entrão  
No recellido districto, sem que importe  
Haver, ou não haver de crime indicio.  
So' tu, meu Jacosino, so' tu ficas  
No mandado destyro, por teimares  
Em não querer largar ao vil Apatusio  
Uns tantos mil cruzados, que pudias.  
So' tu... Porém, Amigo, é tempo, é tempo  
De fechar esta Carta, pois ainda  
Que a materia por nova te delecte,  
Amiúta diffusão tambem enxada.  
Eu a perna deponho, e so' te peço,  
Que tomes a lição, que te apresenta  
Onoso Fanfarrão no seu mulato.  
Não desfaças, Amigo, as ruças Baccas:  
Vai-as distribuindo aos teus Lacaios,  
Bem como faz o Chefe ás suas fardas;  
Que enquanto estes a rompem, pouparam  
As Libris amarellas, accedadas.



Em que se tracta da venda dos Despachos  
e Contractos.

Os grandes, Dorotheo, da nossa Hespanha  
Tem diversas herdades: umas dellas  
Dão trigo, dão centão, e dão cevada,  
As outras tem cascotas, e pomares  
Com outras muitas pecas, que fô fervem  
Nos calmosos Ventos de algum recreio.  
Assim os Generaes da nossa Chile  
Tem diversas fazendas: n'umas pasão  
As horas de descanso; as outras gerão  
Os milhos, os feijões, e os uteis fructos,  
Que podem sustentar as grandes casas.  
As quintas, Dorotheo, que mais lhes rendem,  
Abertas nunca fão do torto arado,  
Quer chova de continuo, quer se gretem  
As terras ao rigor do sol intenso,  
Sempre gerão mais fructos, do que as outras  
No anno, em que lhes corre ao proprio o tempo.  
Estas quintas, Amigo, não produzem  
Em certas estações, produzem sempre;  
Que os nossos Generaes tomando a foice  
Vão fazer nas fearas a colheita.  
Produzem; que india é mais, sem que os bons Chefes  
Se cansem com a machos, nem ainda  
Com lançarem nos sulcos as fementes.  
Agora dirás tu de asombro cheio:  
'Que ditosas Campiñas! Deusa forte  
Só pintão os Elisios os Poetas.  
Amigo Dorotheo, és pouco esperto.  
As fazendas, que pinto, não fão dessas,  
Que tem para a cultura largos campos,  
E virgens matarias, cujos troncos  
Levantão sobre as nuvens grossos ramos.  
Não fão, não fão fazendas, onde pae  
O lamudo Carneiro, e a gorda vacca,  
A vacca, que salpica as brandas herbas  
Com o leite incorporado, que lhe ucome  
Das lisas tetas, que no chão lhe amastão;  
Não fão em fim herdades, onde as louras  
Tumidoras abelhas de mil castas  
Nos concavos das arvores já velhas,  
Que balfamos destilão, escondidas  
Fabricum rumas de gostosos favos.  
Estas quintas fão: quintas fô no nome;  
Pois fão os dous Contractos, que utilisão



Aos Chefes inda mais que ao proprio Estado.

Cada triennio pois os nossos Chefes  
Levantão duas quintas, ou herdades,  
E quando o lavrador da terra inculta  
Despunde o seu dinheiro no principio,  
Fazendo levantar de paos robustos  
As casas de virenda, e junto dellas  
Em volta de um terreiro as vis sanzalas;  
Os nossos Generaes pelo contrario,  
Quando estas quintas fazem, logo embolçam  
Uma grande porção de louras barras.

A primeira fazenda, que o bom Chefe  
Enquo nestas Campinas, foi a grande  
Herdade, que amendoou no seu Marquessio.

As linguas depravadas espalhãto,  
Que para o tal Marquessio entrar de posse,  
Largara ao grande Chefe só de luras  
Uns trinta mil cruzadlos: bagatella.

Os mesmos maldizentes accrescentão,  
Que o pancudo Roberto fora aquelle,  
Que fez de Corretor no tal Contracto.

Amigo Dorotheo, eu tremo, e fugo  
De encarnegar minha alma. O bom Virgilio

Talvez, talvez que afflicto se revolva  
No meio da fogulira devorante;

Por dizer, que adorára ao pio Eneas  
Uma casta Rainha, cujos ossos  
Estavão no sepulchro já minados,  
Havia cousa de trezentos annos.

Eu não te affirmo pois, que se fixesse  
Arenda vergonhosa: só te affirmo,

Que o mundo assim o julga, e que esta fama  
Não deixa de firmar-se em bons indícios.

As Leis do nosso Reino não consentem,  
Que os Chefes dêem Contractos contra os votos  
Dos rectos Deputados, que organizão

A Junta da Fazenda, e o nosso Chefe  
Mandau arrematar ao seu Marquessio

O Contracto maior, sem ter um voto,  
Que favoravel fosse aos seus projectos.

As mesmas Santas Leis já mais concedem,  
Que possa arrematar-se algum Contracto

Ao rico lançador, se houver na Praça  
Um só competidor de mais abono.

E o nosso General mandou, se desse  
Oratio ao lançador, que apenas tinha

Uns vinte mil cruzados em palavras,  
Deixando preterido outro fugeito

De muito mais abono, e a quem devia  
Um grosso cabedal o Regio Erario.



Mal acaba Marquêsio o seu triennio,  
 Outro novo triennio lhe arremata,  
 Sem que um Membro da Junta em tal convenha;  
 Etendo o tal Marquêsio no Contracto  
 Perdido grandes fôrmas, lhe dispensa  
 Outras fianças dar a nova renda.  
 Amigo Dorotheo, o nico Chefe,  
 Lhe procura tirar conveniencia  
 Dos pequenos negocios, e Despachos,  
 E daria este Contracto ao bom Marquêsio,  
 Este grande Contracto, sem que houvesse  
 De paga equivalente ajuste expresso?  
 Amigo Dorotheo, se não sou fábulo,  
 Não sou também tão necio, que nem faiba  
 Das permissas tirar as consequencias.  
 Agora dera's tu: e se o patrimonio  
 De Marquêsio consiste, como affirmas,  
 Em vinte mil cruzados em palavra,  
 Como de luras deo ao Chefe os trinta?  
 Amigo Dorotheo, estou pilhado;  
 A palavra, que sahe da boca fôra,  
 É como a calhoadá, que se atira,  
 Lhe já não tem remedia; paciencia:  
 Eu as hervas arranco, e desde agora  
 Com-tigo fallarei com mais cautela.  
 Mas que reço! e Tu ri-te? É acaso penhas,  
 Lhe me tens apanhado na verdade?  
 Amim nunca apanhãrão os Capuchos,  
 Quando no raso asento defendia,  
 Lhe a natureza não tolira o vácuo,  
 Lhe os cheiros são occultas entidades,  
 Com outras mil questões da mesma classe.  
 E tu, meu doce Amigo, pertendias  
 Convencer-me em materia, em que d'ar passo  
 A todos de partido a fôta, e o basto?  
 Desiste, Dorotheo, do louco intento;  
 Faze uma grande cruz na lisa testa;  
 Dá figas ao demonio, que te attenta.  
 Hora ouve a soluçao desse argumento:  
 Bem que furente seja quem remata  
 Este grande Contracto, mercadeja  
 Com perto de um milhao; por isso todos  
 Lhe emprestão promptamente os seus dinheiros.  
 Os Chefes, Dorotheo, que fô procurão  
 De luras entulhar as fôrtes luras,  
 Destructão juntamente as mais fazendas,  
 Lhe os seus antecessores levantãrão.  
 Nem deixão descansar as fôrtes terras,  
 Em quanto não as põem em sambambaias.  
 Aqui agora tens, meu Silverino,



O teu proprio lugar. Tu és honrado,  
E prezas, como eu priso, a fã verdade;  
Por isso não confessas, que tu ganhás  
Agracia deste Chefe, por que envias  
Bela mão de Apatasio seu agente  
Em todos os trimestres as mezadas.  
Eu fei, meu Silverino, que quem vive  
Na nossa infeliz Chile, não te impugna  
Tão notoria verdade. Porém deve  
Correr estranhos climas esta historia;  
E como tu não vais também com ella,  
É justo que lhe ponha algumas provas.

A fãbia Lei do Reino quer, e manda,  
Que os nossos devedores não se prendão.  
Responde agora tu, é porque motivo  
Concede o grande Chefe, que tu prendas  
A quantos miseraveis te deverem?  
É porque meu Silverino? Porque largas,  
Porque mandas presentes, mais dinheiro.  
As mesmas Leis do Reino também vedão,  
Que possa ser Juiz a propria parte.

Responde agora mais, é porque principio  
Consente o nosso Chefe, que tu fejas  
O mesmo, que encomente a quem não paga?  
É porque, meu Silverino? Porque largas,  
Porque mandas presentes, mais dinheiro.  
Os fãbios Generaes reprimir devem  
Do atrevido vasallo as insolencias.

Tu mettes homens livres no teu tronco;  
Tu mandas castigallos, como negros.  
Tu zombas da Justica: tu apprehendes.  
Tu passas Portarias, ordenando,  
Que com certas pessoas não se entenda.

É porque, porque tuas a nãso, chefe largas  
Consente, que tu faças tanto insulto;  
Sendo um touro, que parte ao leve aceno?  
É porque, meu Silverino? Porque largas,  
Porque mandas presentes, mais dinheiro.

A Lei do teu Contracto não facultas,  
Que possas applicar aos teus negocios  
Os publicos dinheiros. Tu com elles  
Pagaste aos teus credores grandes somas.  
Ordena a fãbia Junta, que dê logo  
Da tua comissão estreita conta.

O Chefe não assigna a Portaria,  
Não quer, que se descubra a ladroaria;  
Porque te favorece ainda á custa  
Dos Pregios interesses, quando finge,  
Que os zela muito mais, que as proprias rendas.  
É porque, meu Silverino? Porque largas,



Porque mandas presentes, mais dinheiro. *H. Eduardo*

22

Apenas appareces... Mas não posso  
Tô comtigo gastar papel, e tempo.  
Eu já te deixo em paz, roubando o mundo:  
E passo a relatar ao choro Amigo  
Os estranhos successos, que ainda saltão;  
Nem todos lhe direi, pois são imensos.

Pertende, Dorotheo, o nosso Chefe  
Mostrar um grande zelo nas cobranças  
Do imenso cabedal, que todo o povo  
Aos cofres do Monarcha está devendo:  
Envia bons foldados ás Comarcas,  
E manda-lhes, que cobrem, ou que mettão  
Aquantos não pagarem nas Cadeas.  
Não quero, Dorotheo, lembrar-me agora  
Das Leis do nosso Augusto; estou lançado  
De confrontar os factos deste Chefe  
Com as disposições do São Direito;  
Por isso pintarei, preso Amigo,  
Somente a confusão, e a grã desordem,  
Em que a todos nós pôz tão nova idéa.  
Entrarão nas Comarcas os foldados,  
E entrarão a gemer os tristes povos;  
Uns tirão os brinquinhos das orelhas  
Das filhas, e mulheres: outros vendem  
As escravas já velhas, que os creavam,  
Formenos duas partes do seu preço.

Aquelle que não tem captivo, ou joia,  
Satisfaz com papeis, e o soldadinho  
Estas dividas cobra mais violento,  
Do que cobra a Justiça uma parcela,  
Que tem executivo aparelhado  
Por sábia ordenação do nosso Reino.  
Por mais que o devedor exclama, e grita,  
Que os creditos são falsos, ou que foram,  
Ha muitos annos pagos: o Ministro  
Da severa cobrança a nada attende;  
Despreza estes embargos, bem que o triste  
Proteste de os provar em continente.

Não se recebem só, preso Amigo,  
Os creditos alheios para embolso  
Das dividas fiscaes. O soldadinho  
Descobre um ramo aqui de bom Commercio;  
Aquelle que não quer propor demandas,  
Promette-lhe ametade, ou mais ainda  
Das fomas, que lhe entrega; e elle as cobra,  
Fingindo, que as tomou em pagamento  
Das dividas do Rei. Ainda passa  
Amais esta desordem por penhoras,  
E manda arrematar ao pé da Igreja



As casas, os captivos, mais as rocas  
Agora, Fanfarrão, agora fallo  
Comtigo, e só comtigo. É Porque causa  
Ordens, que se faça uma cobrança  
Tão rápida, e tão forte contra aquelles,  
Que ao Erario só devem tenues fôrmas?  
E Não tens Contractadores, que ao Rei devem  
De mil cruzados centos, e mais centos?  
E Uma só quinta parte, que estes dessem,  
Não matava do Erario o grande empenho?  
O pobre, porque é pobre, pague tudo;  
E o rico, porque é rico, vái pagando  
Sem soldados á porta, com Gorego!  
E Não era menos torpe, e mais prudente,  
Que os devedores todos se igualassem?  
E Que sem haver respeito ao pobre, ou rico,  
Mettessem no Erario um tanto certo,  
A proporção das fôrmas, que devessem?  
Indigno, Indigno Chefe! tu não buscas  
O publico interesse. Tu só queres  
Mostrar ao sabio Augusto um falso zelo,  
Poupando ao mesmo tempo os devedores,  
Os grossos devedores, que repartem  
Comtigo os cabedaes, que são do Reino.

Talvez meo Dorotheo, talvez que entendas,  
Que o nosso Fanfarrão estima, e prezão  
Os rendeiros, que devem, por systema;  
Só para ver, se os ricos desta terra  
Agora de favores animados, +  
Se esforçam a lancar nas Regias rendas.  
Amigo Dorotheo, o nosso Chefe  
Se faz alguma cousa, é só morido  
Da loucura, ou do fardido interesse.  
Eu vou, presado Amigo, eu vou mostrar-te  
Esta santa verdade com exemplos.

Morre um Contractador, e se nomeia,  
Para tractar dos bens, um seu parente,  
Que Ribério se chama. Não te posso  
Explicar o fervor, com que Ribério  
Demanda os devedores, vence, e cobra  
Os cabedaes desperfos desta herança.  
Estava quasi extincto o que devia  
A Fazenda do Rei: então o Chefe  
Lhe ordena satisfaca todo o resto  
No preemptorio termo, que lhe assigna;  
Exclama o bom Ribério, que não pôde;  
Pois todo o cabedal, que tem cobrado,  
Ou está nas demandas consumido,  
Ou tem entrado já no Regio Erario.  
E para bem mostrar esta verdade,



15-10-14

Arcebispo

Supplica ao grande Chefe, que lhe escolha  
Um recto Magistrado, que lhe tome  
Da sua cõfissão estrita conta.  
Por isto, Dorotheo, não vale nada:  
Sem contas lhe tomarem, manda o Chefe,  
Que gema na Cadea, ate que pague.  
É já vista uma insolencia semelhante?  
Aos grandes devedores não se assignão  
Os termos peremptorios para a paga;  
Nem vão para as Cadeas, bem que comão  
A fazenda do Rei, se fô Priberio,  
Tendo um Procurador, que nada deve,  
Vai viver na prisão por tempos largos?  
Amigo Dorotheo, o nosso Chefe  
Pátricina aos velhacos, que lhe mandão,  
Para que mais lhe mandem. Tende, e vicia  
Aos justos, que entusourão suas barras,  
Para vêr, se opprimidos se resolvem  
A seguir os caminhos dos que largão.  
Remata-se um Contracto a um fugido,  
Que o pôde bem pagar, por mais que furca;  
Tentando um fiador d'este Contracto  
Ir tractar no Perú do seu Commercio:  
Vai licença pedir ao grande Chefe,  
E o Chefe lhe concede. Escuta agora;  
Ouvirdes uma accão a mais indigna  
De quantas por marotos se fizeram.  
Apenas o tal homem fahu da terra,  
Se despede uma esquadra de soldados,  
Que mal com elle topa, lhe dá busca;  
As cargas se resolvem, nem lhe escapão  
As galeirias cangalhas, que se quebrão.  
Não achão contrabandados, porém sempre  
Lhe tomão os dinheiros, que elle leva.  
E o grande Chefe ordena, que se mettão  
No Pregio Enrrio todos, inda aquelles,  
Que são de varios donos. Dize, Amigo,  
É já vista uma injustica assim tão clara?  
Aos grossos devedores não se tomão  
Os seus proprios dinheiros, bem que tenham  
Comido os cabedões dos seus Contractos.  
É ao simples fiador de um rematante,  
Que nada ainda deve, e que tem muito,  
Vão-se a força tomar os seus dinheiros,  
E os dinheiros, que é mais, de estranhas partes.  
Agora, Dorotheo, não tens, que digas:  
Hasde enfim confessar, que o nosso Chefe  
Somente não opprime a quem lhe larga.  
Hora ouve as circumstancias, que <sup>inda</sup> accehem,  
E que inda affeio mais o torpe caso.



Esparthão as mãos linguas, que Matusio  
Adira ao tal fugeito, the comprasse  
Uns finos guardanapos, e toalhas;  
Que o fiador mesquinho lhas trouxera;  
E vendo, que Matusio se esquecia,  
The chegou a pedir sem pejo a paga:  
Que o Chefe resentido desta injúria,  
The mandou dar a busca por vingança:  
E que até ao presente inda não consta,  
Que o preço da encômenda se pagasse.  
Que mais pôde fazer o seu lacabo?  
E isto não é mais feio que despir-se  
A preciosa capa ao grande Jovê;  
E mandar se tirar do fabio filho,  
Ao famoso Esculapio, as barras de ouro?  
Amigo Dorotheo, se acaso vires  
Na Corte algum Fidalgo pobre, e roto,  
Dize-lhe, que procure este Governo:  
Que a não accreditar, que ha outro Vidua,  
Com fazer quatro mimos aos rendeiros,  
Harde a Pátria voltar casquinha, e gorda.

### Carta 9.<sup>a</sup>

Em que se contaõ as desordens, que Sanfarnão  
obra no governo das Tropas

Agora, Dorotheo, agora estava  
Bamboando na rede preguiçosa,  
E tomando na fina porcellana  
O mate laboroso, quando escuto  
De grossa artilharia o ruco estrondo.  
O sangue se congela, a casa treme,  
E patada porção de estuque velho  
A violencia do aballo despegada  
Da barriguda esteira, faz que eu perca  
A tigella esmaltada, que era a cousa.  
Que tinha nesta casa de algum preço.

Apenas torno em mim daquelle susto,  
Me lembra fer o dia, em que o bom Chefe  
Aos seus áceriães lições dava,  
Da que Suci chamou pequena guerra.  
Amigo Dorotheo, não sou tão fresco,  
Que os avisos de Jovê não conheça.  
Castigou, castigou o meu descuido,  
Mas não me deo a réa do Bota,



Nem me trouxe por mares impolados  
 A Chile, para que gostoso, e molle  
 Descance o corpo na franjada rede.

Nasceo o fabio Homero entre os antigos,  
 Para o nome cantar do Grego Achilles,  
 Para cantar tambem ao Pio Eneas,  
 Tere o povo Romano o seu Virgilio.  
 Assim para escrever os grandes feitos,  
 Que o nosso Sanfarrão obrou em Chile,  
 Entorçado, Dorothéo, que tua Providencia  
 Lançou na culta Hespanha o teu Critilo.  
 Hora pois, Dorothéo, eu passo, eu passo  
 A cumprir respeitoso os meus deveres.  
 E já que o meu Herói agora adiestra  
 Esquadras bellicosas, tambem hoje  
 Tomarei por empreza só mostrar-te  
 Que elle fez na milicia grandes cousas.

Na nesta Capital um Regimento  
 De tropa regular, aquem se paga.  
 Tu sabes, Dorothéo, que não há corpo,  
 Que todo de iguaes membros se componha.  
 Das ordens mais austeras, que fixerão  
 Os santos Penitentes Patriarchas,  
 Sahirão contra o Throno rebellados  
 Os infames Clementes, e sahirão  
 Contra o Dogma os Calvinos, e os Lutheros.  
 Omemo Apostolado teve um Judas.  
 Se isto pois, Dorothéo, assim succede  
 Nos corpos, que se formão de escolhidos,  
 Que não succederá nos grandes corpos,  
 Aonde se recebem as pessoas,  
 Que timbre fazem dos seus proprios vicios.

Omelo, Dorothéo, o forte meio,  
 Que os Chefes descobrirão para terem  
 Os corpos, que governão, em fozego,  
 Consiste em repartirem com mão recta  
 Os premios, e os castigos, pois que poucos  
 Os delictos evitão, porque presão  
 A candida virtude: os mais dos homens  
 Aos vicios fogem, porque as penas temem.  
 Hora oure, Dorothéo, o como o Chefe  
 Os castigos reparte aos seus guerreiros.

Não ha, não ha disturbio nesta terra,  
 Deque mão militar não seja auctora.  
 Chega, preso do Amigo, a auctoria  
 De um indigno soldado a este excessos.  
 Aperta na direita o ferro agudo,  
 E penetra as paredes de Salado,  
 No meio de uma fila, aonde estavão  
 As duas sentinellas, que defendem



Da casa do docel a nobre entrada:  
Aqui, meo Dorotheo, aqui se chega  
Ao camarada inerte, e pelas costas  
Odeixa quasi morto a punhaladas.

¿Que esperas tu agora, que eu te diga?  
¿Que o militar conselho já se apresia?  
¿Que já se liga ao poste o delinquente?  
¿Que os olhos com o lenço já lhe cobrem?  
¿Que a bala humidora já lhe rompe  
O peito palpitante. E que suspira?  
¿Que lhe cahe sobre os hombros a cabeça?  
Abra charo Dorotheo, o nosso Chefe  
É muito compassivo: fim bem pôde  
Opprimir os paisanos innocentes,  
Com pesadas cadeas: pôde ainda  
Ver o sangue esguichar das rotas costas  
A fôrça dos zumbagues; mas não pôde  
Consentir que se dêem nos seus soldados  
Por maiores insultos, que committão,  
Apenas inda mais leve: assim praticão  
Os famosos guerreiros, que nascerão  
Para obtermem no mundo emprezas grandes.

Elle fim bem conhece, que não ha de  
Talar com estas Tropas as Campiñas;  
Que o Céo lhe não concede a esperanza  
De entrar no Templo augusto da Victoria,  
Loberto de poeira, e negro sangue.  
Mas sempre, Dorotheo, as quer propicias:  
Pois ainda que não cingito as espadas  
Para cortar Louzeiros, e Carrvalhos,  
Que a testa lhe circulem; são aquellas,  
Que promptas executão seus mandados;  
São aquellas, que infundem nestes povos  
O medo, e fuzição, com que tolerão  
O virem em desprezo as Leis Sagradas.

Conhece, Dorotheo, o proprio Chefe,  
Que vai passando a muito a liberdade  
Das fardas atrevidas, e querendo  
Atuar desordens pôr remedio, e freio:  
Não manda que se cumprão as Leis Santas,  
Que aos delictos arbitrao justas penas:  
Manda fim um cartaz aonde innova  
Que todos os Domingos na parada  
Se lêa o Militar Regulamento.  
Indigno, e bruto Chefe, deque serve,  
Que se lêão as Leis, se os malfeitores  
Porque mandão não vêm um só exemplo?  
Tens visto, Dorotheo, o como o Chefe  
Os delictos castiga; agora, sabe  
Da forte que reparte aos bons os premios.



Morreu um Capitão, e sabio logo  
 Ao posto devoluto um bom Tenente.  
 Porque foi, Dorotheo? Fera acaso  
 Por ser Tenente antigo? É ou porque tinha  
 Com honra militado? Não, Amigo,  
 Foi só porque largou trez mil cruzados;  
 Ah não mudes a cor de teu semblante,  
 Prudente Maximino! não, não mudes;  
 É que importa que comprasse a patente?  
 Se tu a merecias, a vileza

Da compra não te infama, sem ao Chefe;  
 Que nunca faz justiça, sem que a venda.  
 Reforma um Capitão, e no seu posto  
 Encaixa sem vergonha a Thomazine,  
 Um moço na milícia pouco esperto,  
 Que um anno inda não tinha de Tenente.  
 É em que guerras andou, em que Campanhas?  
 É quaes as feridas, que no corpo mostra?  
 Aonde, aonde estão as diligencias,  
 As grandes diligencias amarcadas,  
 Que fez este mancebo, com que possa  
 Preferir aos antigos, destes cabos?  
 Ah! sim, eu já me lembro! tem serviços,  
 Tem famosos serviços na verdade.  
 A casa deste moço, bem que pobre,  
 É a casa fômente, aonde o Chefe  
 Entra em ar de visita, bebe, e folga.

Aqui tens teu lugar, meu bom Lobesio;  
 Tu fôrte a Capitão, e tu passaste  
 Ao posto de Major em breves mezes.  
 Quaes são os teus serviços? É Quaes? Responde.  
 Meas não, não me respondas: eu conheço  
 Que és tolo, que és bregeiro, e mais que mandas  
 As redradas pedrinhas. Estes dotes  
 Te fazem no conceito do teu Chefe  
 Um digno Pae da Patria, Herói do Reino.  
 Também tu, Padella te distinguies  
 Na corja dos marotos. Tu conservas  
 De Capitão o Cargo; mas tu logras  
 O soldo de Major, e mais as honras.  
 Que foi que te fez digno de saberes  
 A privança do Chefe? Ah! sim, eu vejo  
 O teu merecimento. É coisa grande,  
 Ultrajas aos Ministros, e proteges  
 A todos os tratantes, que exercitam  
 O furto, e o contrabando. Tu piedoso  
 Não queres ver perdido um só soldado.  
 Se algum, se algum consente, que se escalem  
 Os sedados lugares, tu escreves  
 Ao successor honrado, e lhe supplicas



Que parte não te dê de um tal desmancho.  
O teu fidalgo peito não se vence  
Da fardilla avareza. Tu repartes  
Os luxentes feixinhos cõ teu Chefe.  
E bem que o seu Matúcio em nome delle  
Os achê miudinhos, sempre ferrem.  
Tambem tu, digno irmão, ~~tambem~~ cavalgas  
O posto de Tenente, por dizes,  
Que honrado Comandante na parada  
Austero te corriges por fallares  
Dos rectos Magistrados sem respeito.  
Que vazes a cachaca. . . mas, Amigo,  
Deixemos de fallar na paga Tropa,  
E vamos a fallar do grande corpo  
Da gente auxiliar: aqui podemos  
Acabar de dizer o mais que falta.

Tinha este continente levantados  
De tropa auxiliar uns treze corpos.  
O nosso Chefe ainda não se farta:  
Alista o Obro inteiro, e delle forma  
Inda mais de quarenta Regimentos;  
Mais faminto de ver galots, e fardas,  
Que Abidas em trocar em duro puro  
As cousas, em que punha o torpe dedo.  
O Coronel Valente agarra tudo  
Quanto tem de varão a forma, e trage:  
Nem lhe obsta, Dorotheo, que os seus soldados  
Meninos inda sejam, que elles crecem,  
E cresce com os corpos igualmente  
O santo amor das armas. Muitos, muitos,  
Quando vão para a Igreja receberem  
As aguas salvadoras do Baptismo,  
Já vão vestidos com a curta santa.  
Este mesmo costume tem, Amigo,  
O pago Regimento: apenas nasce  
Nos Cabos algum filho, logo á pressa  
Lhe assenta o Chefe de cadete a praça.  
O Venturoso costume, que promette  
Produzir de cordeiros tigres bravos!  
Anibal, Dorotheo, desde menino  
Com seu Páe militou: talvez não fosse  
O terror dos Romanos, se passasse  
A tenra, inda imberbe mocidade  
Entre os molles praxeres de Carthago.  
Comtudo, Dorotheo, o Céo permitta,  
Que guerras não tenhamos; pois a termos  
Alguns acampamento, que constrança  
A fahirem da praça os Regimentos,  
Não de haver bom trabalho, em conduzir-se  
O rancho de crianças em jacacas.



Não de também haver despesa grande,  
Em levar-se uma tropa de mulheres,  
Que dêem o pinto a uns, e a outros pappas.

Tu sabes, Dorotheo, que as nossas Tropas  
De Infantaria são, porém montadas:

Que as Leis do nosso Reino não consentem,  
Que estas montadas Tropas se componhão  
De membros, que não tenham certas rendas,  
Com que possão manter os seus Cavallos.

Hora ouve, Dorotheo, quão são as posses  
Dos miseros paisanos, que se alistão  
Nos fortes Regimentos. Quasi todos  
Um fendeiro não tem, e muitos delles  
Gemêrão nas prisões, por não poderem  
Aggitar uma grossa, e curta farda.

Eu topui, Dorotheo, por varias vezes  
Atraz de um Regimento os Raparinhos

Em veste, e mais descalços: fina idéa,

Em que derão os Cabos para verem,

Se a força de vergonha se fardarão.

Eu fei, eu fei, Amigo, que alguns d'estes,

Lançados de soffrerem mais opprobrios,

Fizerão fardamentos dos productos

Dos unicos escravos, que venderão,

E dos tractos alheios, que furtarão.

E Perguntarás agora, doce Amigo,

Aonde estão os ricos Taverneiros?

Aonde os Mercadores, que tem lojas,

Aque chamão de secco, e de molhado?

E Aonde, Dorotheo? eu já t'o digo.

Estão, estão também nos Regimentos:

Mas trazem nas directas, que conservão

Inda lixosas pelles, as bengaldas.

Não rias, Dorotheo, das nossas Tropas.

De que gente formou um corpo invicto

O Lusó Viriato? Foi de mocos

Criados desde a infancia nas Campanhas?

Não foi, meu Dorotheo, foi de uns Pastores,

De uns Pastores incultos, que animados

Do esforço do seu Chefe, conseguirão

Victórias singulares, contra um Tovo,

Que o Abundo fugitou a força de armas.

Os homens, Dorotheo, são todos fortes

Em cima das muralhas, que defendem

As chorosas mulheres, e as fazendas,

Os ternos filhos, e os avós cançados.

A desordem, Amigo, não consiste

Em formar Esquadrões; mas sim no excessso.

Um Reino bem regido não se forma

Somente de soldadlos, tem de tudo;



Tem milícia, lavoura, e tem Comércio.  
Se quantos forem ricos, se adornarem  
Das golas, e das bandás, não teremos  
Um só depositario: nem os Orphaõs  
Terão também tutores, quando nisto  
Interessa igualmente o bem do Imperio.  
Carece a Monarchia dez mil. homens  
De Tropa auxiliar? Não haja embora  
De menos um soldado: mas os outros  
Vão á Patria servir nos mais empregos:  
Pois os corpos Civis são como os nosos,  
Que tendo um membro forte, e os outros debéis,  
Se devem, Dorotheo, julgar enfermos.

É também, Dorotheo, contra a policia  
Franquearem-se as portas, a que subão  
Aos distinctos empregos as pessoas,  
Que vem de humildes troncos. Os Tendeiros  
Mal se vêm Capitaes, são já Fidalgos.  
Seus nacios descendentes já não querem  
Consevar as tavernas, que lhes derão  
Os primeiros capatos, e os primeiros  
Capotes com capuz de grosso panno.  
Que Imperio, Dorotheo, que Imperio pôde  
Um povo sustentar, que só se forma  
De nobres sem officios? Estes membros  
Não amão, como devem, as virtudes,  
Seguem a rédea solta os torpes vícios.  
Daqui sahem os torpes malfeitores,  
Os vis alcoviteiros, os perjuros,  
Os famosos ladroes, numa palavra  
Atropa insultadara dos vadios.

Este corpo imenso de milicia  
Concede Tanfarrão as regalias,  
Que as nosas Leis não dão aos bons Vasallos,  
Que chegam aos empregos mais honrosas,  
Em paga de proezas, e serviços.  
Não quer, não quer o Chefe, que aos seus Cabos  
Mandem citar os tristes accreedores  
Por ordem de Justiça. Quaes as grandes,  
Que não vem a juizo, sem licença  
Do Principe, a quem servem; nesta terra  
Sem licença do Chefe não se citão  
Os negros, os crioulos, e os mulatos.  
Mal vestem a fardinha, e muito menos  
Mal cingem na cintura honrosa banda.  
Se alguém regner ao Chefe, que permitta  
Para isso facilidade, põe-lhe em fima  
Da humilde petição, que o supplicado  
Componha ao supplicante o que lhe deve;  
Se diz o supplicado ao supplicante,



Que não lhe deve nada, foi-se embora  
O sólido direito; que a policia  
Do Chefe não consente, que se ponha  
Aos seus officiaes, inda que sejam  
Velhacos, e ladrões, no foro um pleito.  
E já viste regalia igual a esta?

A Patria, Dorotheo, concede aos nobres,  
Que os postos exercitam, grossas rendas,  
Com que possam pagar aos mais vassallos  
As cousas, que elles comprão: não concede  
Ao mesmo General, que vista, e coma  
A custa do suor dos outros homens.  
E quando o Rei não quer pagar a todos  
Com dinheiro contado, remunera  
Os servicos com graças, mas daquellas,  
Que deixão sempre intacto o jus alheio.

Não são somente ventos da Justica  
Os Cabos valerosos: onde habitão,  
Se acolhem, Dorotheo, os malfeitores.  
E quaes antigas casas de Fidalgos,  
Ou famosos Conventos, que na porta  
Têm as grossas cadeas, onde pegão  
Os miseros culpados; aqui todos  
Se livrão dos Meirinhos, bem que sejam  
Indignos, torpes rios de Magistrado.

Se os ousados meirinhos entrar querem  
Nas casas destes cabos, a que chamão  
Militares quartéis; os fortes donos  
Encaixão nas cabeças os casquetes,  
Apertão as corrias, põem as bandas,  
E cingindo as torcidas laogas folhas,  
Ultrapassão com palavras a Justica,  
Resistem, gritão, ferem, matão, prendem.

Os zelosos Juizes punir querem  
A injúria da Justica; formão autos,  
Procedem as devassas, pronunciação,  
E mandão, que estes nomes se descrevam  
Nos rios dos mais culpados. Abas, Amigo,  
De que serve fazer-se o que as Leis mandão  
Na terra, que governa um bruto Chefe,  
Que não tem outra Lei mais que a vontade?  
O Chefe omnipotente logo envia  
Atrevidos soldados, que chegando  
A casa do Escrivão, os nomes riscão  
Do rol dos delinquentes, e lhe amancão  
Da fechada gaveta os proprios autos.  
Quando, indigno Chefe, que governo,  
Que governo nos fazes? a milicia  
Empia-se para guarda dos vassallos,  
E tu, e tu trabalhas, porque seja



A mesma, que nos priva do fôcego,  
Que providas nos dão as Leis sagradas.  
Agora, Dorotheo, talvez trabalhas  
Em achar o motivo, porque o Chefe  
Concede tanto indulto aos seus soldados.  
Pois elle, Dorotheo, não é o enigma,  
Que vem nos doces versos de Virgilio  
De umas flores, que tem de Reis os nomes  
Escritos fôbre as folhas, e do fitio,  
De que trez bracas fô do Céu se avista.  
O Chefe, Dorotheo, só quer dinheiro,  
Edando aos militares regalias,  
Podem os grandes postos, que lhes vende,  
Saber á proporção tambem de preço.  
Tu assim o conheces Cata Preta,  
Pois d'este mil citavas trazeres  
Lavrado castão de ouro fôbre a cana.  
Tu tambem Capanema assim discorres;  
Pois largaste fôis centas por vestires  
De Capitão Maior vermelha farda.  
Todos assim o julgão. Ah! só pensa  
De diversa maneira aquelle necio,  
Que soffreo, que Matúbio lhe rompesse  
A nasçada Patente á sua vista,  
Por não largar de luvras os trezentos.  
É Dize-me, Dorotheo, um Chefe sábio  
Levanta nas Conquistas umas Tropas,  
Comque não pôde a força do distante  
Conquistador Imperio? É infunde, inspira  
Nos Cabos tanto orgulho, que se atrevão  
A resistir aos mesmos Magistrados,  
Que a pessoa do Augusto representa?  
Maldito, Dorotheo, maldito seja  
Um Bruto, que só quer a todo o custo  
Entesourar o fôrdido dinheiro.



9 Em que se contão as desordens maiores, que Tanfar-  
rão fez no seu Governo.

Luiz, Amigo, compôr fentidos versos  
A uma longa ausencia, e para encher-me  
De ternas expressões, de imagens tristes,  
A banca fui sentar-me com projecto  
De lêr primeiramente algumas obras  
No meo já roto, destroncado Ovidio.  
Acriso nas faudosas alegrias,  
E quando me embebia na leitara  
Dos casos lastimosos, que elle pinta  
Na passagem, que fez ao Tonto Euxinio:  
Encontro aquelles versos, que descrevem  
As ondas decumantas: de repente  
Me fôbe ao pensamento, que estas erão  
Do nosso Tanfarrão imagem viva.  
Os mares, Dorotheo, já mais descansão:  
Aguão sem cesar as verdes águas;  
E depois que levantão ondas nove  
Com menos fortidão, despedem outra,  
Que corre mais ligeira, e que se quebra  
Nos musgosos rochedos com mais força.  
Assim o nosso Chefe não descança  
De fazer, Dorotheo, no seu Governo  
Asneiras, sobre asneiras: e entre as muitas,  
Que menos violentas nos parecem,  
Pratica outras, que excedem muito, e muito  
As raças dos humanos desconcertos.  
Perdoa minha Nise, que eu desista  
Do intento começado. Tu mil vezes  
Nos meos olhos já lêste os meos affectos,  
Não careces de os lêr nos meus escriptos.  
Perdoa pois que eu gaste as br<sup>as</sup> horas  
A contar as asneiras deshumanas  
Do nosso Tanfarrão ao charo Amigo.  
E tu, meu Dorotheo, antes que lêas  
O que vou a contar-te, jurar deves  
Pelos olhos da tua amada esposa,  
Por seu louro cabello, e pelo dia,  
Em que viste na sua alegre boca  
O primeiro sorriso, que não hasde  
Duvidar do que lês, bem que feião  
Desordens, que pareçam impossiveis.  
A Junta, Dorotheo, a quem pertence  
Evitar Contrabandos, prende, envia



82  
A' fúria. Delação do Continente,  
A trinta delinquentes, para serem  
Castigados conforme os seus delictos.  
Entende o nosso Chefe, que esta Junta  
Não devia mandar aos malfeitores  
Sem sua auctoridade; e della toma  
O mais extranho, barbaro despique.  
Manda embargar aos presos na Cadeia  
Do nosso Sant'iago, e manda ao pobre  
Do conductor meirinho, que os sustente,  
Assistindo tambem aos que enfermarem  
Com medicos, remedios, e gallinhas.  
Acaba-se o dinheiro, que lhe dão,  
Para fazer os gastos do caminho.  
Recorre neste apuro ao bruto Chefe,  
Expõe-lhe, que não tem, com que alimentar  
Atmenos a si proprio. pede, e roga,  
Que o deixe recolher á patria terra,  
Para nella exercer seu pobre officio.  
Tão tova rogativa não merece  
Do Chefe a compaixão; antes lhe ordena,  
"Que assista, como d'antes, aos culpados,  
"De todo o necessario na enxovia."  
"Que a saltar lhe o dinheiro para os gastos,"  
"Ou que o peca, ou que o furte," el Chato Amigo,  
Da boca dá uma Furia fúria  
Mais dura decisão. É porque motivo  
Deve um pobre meirinho dar sustento  
A mais de trinta presos? É são seus filhos?  
É ainda a serem filhos, um tão justo,  
Que fazenda não tem, vive obrigado  
A sustentar infames malfeitores  
Por meio de culpaveis latrocinios?  
Supponho, Dorotheo, supponho ainda,  
Que a Junta fez excessos na remessa  
Dos presos sem licença. É Neste caso  
Merece o conductor algum castigo?  
É Elle fez outra coisa, que não fosse  
Cumprir o que mandarão seus maiores?  
É Podia repugnar-lhes sem delicto?  
Amigo Dorotheo, o nosso Chefe  
É qual mulher ciosa, que não pôde  
Vingar no vario amante os duros celos,  
E vai desafogar as suas iras  
Bebendo o sangue de innocentes filhos.  
Depois de se passarem alguns annos;  
Depois que o bom meirinho já não tinha  
Vestido que vendesse, nem pessoa,  
Que um avaro lhe fiasse, o bruto Chefe  
Passa a fazer um novo despotismo.



Ordena, que os culpados sejam soltos.  
 Edixem-lhes mandara vinte oitavas  
 Para os gastos fizerem da fugida.  
 Até aqui pagou o seu desgosto  
 O pobre conductor: agora o paga  
 A triste, afflictiva pátria; pois lhe augmenta  
 Das torpes malfeitores a quadrilha.  
 É esta, Dorotheo, a sua gente;  
 Trafica em cousa santa, no comércio  
 Da compra, e mais da venda de feizinhos,  
 Negócio avantajado, e mais seguro  
 Que o metter entre os fardos das baetas  
 Os pesados galcos, e as drogas finas.  
 Preza o bravo Leão aos Leões bravos,  
 A fraca pomba preza as pombas fracas;  
 E o homem apesar do raciocínio,  
 Que a verdade lhe mostra, estima aos homens,  
 Que tem iguaes paixões, e os mesmos vícios.  
 Ardeão ao bom Chefe, que um Ministro  
 Queria que os soldados lhe mostrassem  
 As orações, com que entravam a fazerem  
 Priscos no seu districto. Inverte o bruto  
 Qual touro levantado, a quem acenão  
 Com vermelhos droquetes os Capinhas.  
 Escreve-lhe uma carta, em que lhe ordena,  
 Que dê logo as razões, em que se funda.  
 Inda pede as razões, e já lhe estranha  
 O nescio proceder: aqui não pára  
 Tão rápida desordem: manda um corpo  
 De auidados Militares, que conduzão  
 Ao Magistrado a carta, e lhes ordena,  
 Que fiquem nesta villa sustentados  
 A custa, Dorotheo, do afflictivo povo.  
 Não se concede ao pobre, que sustente  
 Em casa o seu soldado: manda o Chefe,  
 Que a cada um se dê em cada um dia  
 Para sustento meia oitava de ouro.  
 Forra milho, e capim para o cavallo.  
 E não entrando aqui o Regio soldo  
 Que tanto proceder! um Deus indo,  
 Se houvessem sette justos, perdoava  
 Os immensos delictos de Sodoma:  
 E o nosso grande Chefe pelo crime,  
 Pelo fornado crime de um só homem  
 Castiga como réo de Magestade  
 Fornado de innocentes todo um povo.  
 Faz penhora Macêdo em certas barras,  
 Que a um seu devedor devia Mevio.  
 Recorre ao Magistrado Silverino,  
 Pedindo que mandasse, que o dinheiro



A Juizo viesse; pois queria  
Sobre elle disputar a preferencia  
Na forma, que concede a Lei do Reino.  
Lita-se ao triste Mervio, e deposita  
As camas em Juizo promptamente.  
Conhece Silverino, que Abacedo  
Para a victoria tem melhor direito;  
Não quer seguir a causa na presença  
De um recto Magistrado, que profere,  
Na forma, que as Leis mandão, as sentenças.  
Recorre ao General, eo bruto Chefe  
Decide desta forte o longo pleito.  
Habita nesta terra um homem rico,  
Que tem de Albino o nome; e dizem trata  
A Mervio devedor por seu sobrinho.  
Manda pois, Dorotheo, o grande Chefe,  
Que Albino se recolha na Cadeia,  
Emore com os negros na encovia,  
Em quanto não pagar a Silverino,  
Outra tanta quantia, quanta Mervio  
Depositou doloso, porque houvesse  
Entre os dous accretores um litigio.  
Eis aqui, Dorotheo, o que e sciencia!  
As nossas Leis não querem, que o Tão solva  
O calote, que fez o proprio filho.  
E quer um General, que Albino pague  
Da furdada masmorra novamente  
A forma que pagou o bom sobrinho!  
E donde existe o dolo? Lá lei não manda,  
Que todo o que temer, que alguém lhe peça  
Segundo pagamento, se segure  
Mettendo no deposito o que deve?  
Pois se isto nos faculta o tão direito,  
Que delicto comette aquelle triste,  
Que a divida em Juizo deposita,  
Quando o sabio Juiz assim o manda,  
Porque o mesmo Credor assim o pede?  
E se Mervio fez dolo, porque causa  
Ha de Albino pagar a culpa d'elle?  
E porque lhe aconselhou, que não pagasse  
Outra tanta quantia a Silverino?  
E aconselhar conforme as Leis do Reino,  
E culpa que mereça um tal castigo?  
E pôde ser castigo regulado  
Pagar o aconselhado aquella forma,  
Que o mesmo aconselhado não devia?  
E não é isto furto? E não é violencia?  
Ah pobre, ah pobre povo, a quem governa  
Um bruto General, que ao Céu não teme,  
Nem tem o menor pejo, de lhe verem



Tão indignas accões os outros homens!

Não neste regimento um moço Adonis,  
Amores de uma escrava, cuja dona  
Depois de captivar a muitos peitos,  
Ao nosso Herói atou também ao Carro  
Dos seus cruéis triumphos. Rego Numen,  
Qual é; qual é dos homens, que não honra  
Com purtos sacrificios tous altares!  
Tu vences os pequenos, mais os grandes:  
Tu vences os estultos, mais os sábios:  
Tu vences, que inda é mais, as mesmas feras;  
E bem que cinja o grosso peito d'aco,  
Não pôde resistir ás tuas fletas  
O duro coração do proprio Abarte.

Intenta este soldado, que o Ministro  
Lhe remate umas casas, e conegue  
Um despacho do Chefe, em que decreta,  
Que nellas ninguém lance: icouza estranha,  
Que entendendo nunca vio nenhuma idade!  
O recto Magistrado, que respita  
Mais que ao Chefe, as Leis do seu Monarcha;  
Ordena, que o Porteiro em continente  
As pretendidas casas metta a lance.  
Honrado cidadão o preço cobre.  
O Porteiro passea pela rua:  
Repete em alta voz o lance novo,  
E prossegue a fallar assim dizendo:  
„Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe tres,„  
„Dou-lhe outra mais pequena: affronta fúco,„  
„Se ninguém mais me offerece, arre-mato,„  
Ao lance do Brunducto ninguém chega.  
Informado o Juiz ordena, e manda,  
Que o predio se remate: então se chega  
O Porteiro risinho ao Licitante,  
E lhe diz, „que lhe faça bom proveito,„  
Ao mesmo tempo, que lhe entrega o ramo.  
Parte logo o soldado, e conta ao Chefe  
O successo da praça: o bruto monstro,  
Julgando profanado o seu respeito,  
Abanda lancar no pobre Licitante  
Um pesado grilhão, e manda pôllo  
Ajoijado com um despido negro  
A trabalhar nas obras da Cadea.  
O preso injuriado desalece,  
E o Chefe deshumano desce á rua,  
Para que possa de mais perto vello.  
Succede a um desmaio, outro desmaio,  
O negro companheiro então lhe acode,  
Nos braços compassivos o sustenta;  
Porém o velho Chefe que deseja



Ovello alli morrer, por um soldado  
Manda ao negro dizer, que ao preso deixe,  
E cuide em prosseguir no seu trabalho.  
Os mesmos deshumanos, que odião  
Tão bruto General; aquelles mesmos,  
Que alegres executão seus mandados,  
Aprendo escutarão tal preceito.  
Um pouco emudecerão, e tiverão  
Os rostos tristes muito tempo baixos.  
Os outros, Dorotheo, derão suspiros,  
E bem que forcejãrão, não poderão.  
Fazer, que os olhos não se enchessem d'agua.

Eu creio, Dorotheo, que tu já liста,  
Que um Cesar dos Romanos pretendêra  
Vestir ao seu cavallo a nobre toga  
Dos velhos Senadores. Esta historia  
Pode servir de fabula, que mostre,  
Que muitos homens mais que as feras brutas  
Não verdade conseguem grandes honras.  
Mas ah! presado Amigo, ique ditosa  
Não fôr a nosa Elite, se antes vísse  
Adornado um cavallo com insignias  
De General supremo, do que ver-se  
Obligado a dobrar os seus joelhos  
Na presença de um Chefe, aquem os Deoses  
Somente derão a figura de homem!  
Então, presado Amigo, o nescio Toro  
Com fittas lhe enfeitava as negras clinas:  
Ornava a estribação com tapetes,  
Com formosas pinturas, ricos pannos,  
Bordados reposteiros, e cortinas.  
Um dos grandes da terra lhe levava  
Licor para beber em baldes d'ouro.  
Outro lhe dera o milho em ricas falvas:  
Mas sempre, Dorotheo, aquelles nescios,  
Que ao bruto respeitassẽ, poderiam  
Servillo acantelladas, e de forte,  
Que dar-lhes não podesse um leve couce.  
Eis aqui, Dorotheo, o que nos nega  
Uma heroica virtude. Um Torco Chefe  
O poder exercita do Monarcha:  
Os subditos não podem, nem fugir-lhe,  
Nem tirar-lhe da mão a injusta espada.  
Mas, charo Dorotheo, um Chefe destes  
Se vem para castigo de peccados.  
Os deoses não carecem de mandarem  
Flagellos exquisitos: quasi sempre  
Aos punem com as cousas ordinarias.  
O mundo inda não vio senão um corpo  
Em branco fal mudado, e jô no Egypto



Fez novas penas de Moises a Vara.  
 Perguntarás agora, que torpezas  
 Comette a nossa Chile, que mereça  
 Tão estranho flagello? não ha homem,  
 Que viva isento de delictos graves;  
 E aonde se amontoão os videntes  
 Em Cidades, ou Villas, ahi crescem  
 Os crimes, e as desordens aos milhares.  
 Talvez, prezado Amigo, que nós hoje  
 Sintamos os castigos dos insultos,  
 Que nossos Pais fizeram. Estes campos  
 Estão cobertos de infelictos osfos  
 De innumeraveis homens, que matarão.  
 Aqui os Europeos se divertirão  
 Em andarem á caça dos Genticos,  
 Como á caça das feras, pelos matos.  
 Havia tal, que dava aos seus cachorros  
 Por diario sustento humana carne;  
 Querendo desculpar tão grave culpa  
 Com dizer, que os Genticos, bem que tinham  
 A nossa semelhança em quanto aos corpos,  
 Não erão como nós em quanto ás almas.  
 Eue muito pois que Deos levante o braço,  
 E puna os descendentes de uns tirannos,  
 Que sem razão alguma, e por capricho  
 Espalharam na terra tanto sangue?

Carta 15.<sup>a</sup>

Em que se contão as bregieirices de Tanfarrão

No meio desta terra ha uma ponte,  
 Em cujos dous extremos se levantão  
 De dous grossos rendeiros as moradas;  
 E a penas, Dorotheo, o sol declina  
 A descancar de Thetis no regaço;  
 Não agradável sitio vão sentar-se  
 Os principaes marotes, e com ellas  
 A bregieira familia de Palacio.

Aqui, meu bom Amigo, aqui se passam  
 As horas em conversa delictosa.  
 Um conta que o Ministro d' meia noute  
 Entrara no quintal de certa dama:  
 Diz outro, que se expoz uma criança



+ A porta de Floricio, e já lhe assigna  
O Pai, e mais a Mãe: aquelle augmenta  
Abulha, que Dirceu com Lauro teve  
Por ciúmes crueis da sua amasia.  
Esta chama a Simplicio caloteiro,  
E mostra ao mesmo tempo de Frondelio,  
Que o seu dinheiro guardava: enfim Amigo,  
Aqui, aqui de tudo se murmura:  
So se livra da lingua venenosa,  
O que contracta em vendas de despachos,  
E quem se alegra ao vêr que a sua moça  
Ajunta pela prenda um par de oitavas:  
Que os membros do congresso são prudentes,  
E não querem, que alguns dos companheiros  
Tomem esta conversa em ar de chasco.  
Amigo Dorotheo, ah! neste fitio  
Eu não me dilatara um breve instante  
Em dia de trovoés, bem que estivesse  
Plantado todo de Loureiros machas!

Por este fitio pois passei há pouco,  
Cuidando, que por ser mui sedo ainda,  
Não toparia a corja dos marotos.  
Mas apenas a vi, fiquei tremendo;  
Qual fructo paslagelro, quando avista  
Em deserto lagar pintadas Onças.  
Comtudo, Dorotheo, oriei esforço,  
E fui atravessando pelo meio,  
Flexando sempre o Crêdo, e por cautelia  
Fazendo muitas cruces sobre o peito.  
Apenas me salvei daquelle risco.  
Um suspiro soltei, que encheo os ares,  
Exultando o semblante para o fitio,  
Em que estas mariolas se assentavão;  
Abançando a cabeça um par de vezes,  
E soltando um furriso em ar de moço,  
Dentro do meu discurso assim lhe fallei.  
"Vósso, meus mariolas, meus tratantes,"  
"Estão contando historias das pessoas,"  
"De quem não são affectos, por que as levem,"  
"Aos ouvidos do Chefe os seus Lacaios,"  
"Pois eu tambem já vou contar verdades,"  
"Em que possam fallar os homens ferios,"  
"Inda daqui a mais de um cento de annos,  
Recolhi-me á choupana, e d' repente,  
Sem tirar a gravata do pescoço,  
Entre a pôr em limpo esta cartinha,  
Que já pelo caminho vim compondo.  
Entendo, Dorotheo, que as nossas almas  
Não são todas iguaes: que o grande Jove  
Fex umas de materia muito pura,



Faz outras de materia mais grosseira,  
 Por não perder as borras, que ficaram.  
 Entendo ainda mais, que o despenseiro,  
 Quando lhe vão pedir algumas almas,  
 Vai dando aquellas, que primeiro encontra;  
 Por isso ás vezes nascem os machilas  
 Com brios de fidalgos; outras vezes  
 Os nobres com espiritos humildes,  
 Só dignos de animarem vis lacaios.  
 O nosso Fanfarrão, presado Amigo,  
 Nos dá mui boa prova: não se nega,  
 Que tenha illustre sangue; mas não dizem  
 Com seu illustre sangue as suas obras.

Apenas, Dorotheo, a noite chega,  
 Ninguém andar já pôde sem cautela  
 Nos cujos corredores de Palacio.  
 Uns batem com os peitos noutros peitos;  
 Outros quebrão as testas noutros testas;  
 Qual leva um encontrão que o vira em roda;  
 E qual por defender a cara, fura  
 Com os dedos, que estende, incautos olhos.  
 Aqui se quebra a porta, e ninguém falla.  
 Alli range a couceira, e fôa a chave.  
 Este anda de mansinho: aquelle corre.  
 Um grita que o pisarão: outro inquire  
 Quem é? ao vulto, que lhe não responde.  
 São temas, Dorotheo, que não é nada;  
 São fão ladroes, que offendão, fão donzellas  
 Que buscão aos devotos, que costumão  
 Fazer de quando em quando a sua esmola.

Chegão-se enfim as horas, em que o somno  
 Estende na Cidade as negras azas  
 Em cima dos viventes, espremendo  
 Viciosas dormideiras. Tudo fica  
 Em profundo silencio; fô a casa,  
 A casa, acende habita o grande Chefe,  
 Parece, Dorotheo, que vem a baixo.  
 Fingindo a mocá, que levanta a saia,  
 E boando nas pontas dos dedinhos,  
 Briga no machacax de quem mais gosta,  
 Alascixa embigada, abrindo os braços.  
 Então o machacax mechendo a bunda,  
 Pondo uma mão na testa, outra na ilhargia,  
 Ou dando alguns estalos com os dedos,  
 Seguindo das violas o compasso,  
 The diz, eu pago, eu pago; e de repente  
 Sobre a torpe michela atira o salto.  
 O dança venturosa! tu entravas  
 Nas humildes choupanas, onde as negras,  
 Aonde as vis mulattas, apertando



Por baixo do bandulho a larga cinta  
Te honravão cõs mariotas, e Brigueiros,  
Batendo fõbre o chão o pi' descalço.  
Agora já consegues ter entrada  
Nas casas mais honestas, e Palacios.  
Ah! tu, famoso Chefe, dás exemplo.  
Tu já, tu já batucas escondido  
Debaixo dos teus tecos, com a moça,  
Que furtou ao fenhõr o teu Piberio!  
Tu também já batucas fõbre a sala  
Da formosa Comadre, quando o pede  
A borraça fũcão do fãto Entrudo!  
Ah! que isto sendo pouco, e mui'to, e mui'to,  
Que os exemplos dos Chefes logo correm,  
E correm mui'to mais, quando fomentão  
Aquelles vicios, a que os genios puchão.

O tempo, Dorotheo, voando foge,  
E nunca os de Palacio imaginãto,  
Que tão veloz fugia, como agora.  
Acaba-se a fũcão, e chega o dia.  
Vem abrir as janellas um criado.  
E o Chefe lhe pergunta, que algasarra  
Fizerão os mais fervos toda a noite,  
Que o não deixou dormir um breve instante.  
O criado, que sabe, que o bom Chefe  
Só quer, que lhe confessem a verdade,  
O successo lhe conta desta forte.  
„Fizemos esta noite um tal batuque:..“

„Na cẽa todos nĩs nĩs alegrãmos:..“  
„Entrou nelle a mulher do teu Lacaio.“  
„Um fĩ, fenhõr, não houve, que lascivo “  
„Com ella não brincasse: todos elles,“  
„De bebedos, que estavão, não pôderão“  
„O intento conseguir; fĩ eu mais forte....“

Apenas isto diz o vil criado,  
O Chefe as costas vira, e lhe responde,  
Saltando um grande riso, fõra fracos.

Jã disse, Dorotheo, que as mocetonas  
Sõ entrão em Palacio, quando estende  
A noite fõbre a terra a negra capa.  
Que a formosa virtude da cautela  
Atẽ parece bem naquelle mesmo,  
A quem a profissão lhe não exige,  
Que viva recatado, como vivem  
As moças, que inda querem ser donzellas.  
Agora, Dorotheo, julgar já podes,  
Que sahem de Palacio mui'to cedo.  
Assim e', Dorotheo, as donzellinhas  
Pela porta travesa vão sahindo  
Mal tocao as gamidas a primeira.



40  
Mas a bella Rosinha fica, e dorme  
Nos braços de Matúcio a madrugada.  
To sabe de dia claro, e o grande Chefe  
Lhe atira uma pedrinha da janella,  
Se para que lhe dê um ar de graça.  
Que grande estimacão, Rosica' bella!  
Aqui se mostra bem, que as outras moças  
Não trazem, como trazes lucro á casa.

Não ha, presado Amigo, quem não queira  
Mostrar-se liberal com sua dama.  
Para dar-lhe o vestido, mais a capa,  
O manto, a faixa, a meia a fita, o pente,  
Tira o pobre de si, e destro furta  
O peralta rapaz ao Tão janeta.  
Eu mesmo, Dorothea, que fui dos fantos,  
Que em Salamanca andávão, umas vezes  
Doenças affectava, outras fingia  
Necessitar de livros, ou de um tratado  
Para mandar de mimo a certo Lente.  
Maldita sejas tu, harpia Olaya,  
Que emquanto não abria a minha bolsa,  
Não mostravas também alegre os dentes!  
Esta paixão, Amigo, que nos vence,  
Nos proprios animaes também se observa.  
Esgravatão os gallos sobre a terra,  
E mal topaõ o grão, ou a migalha,  
Contentes cacarejão, por que a moça  
Se vá utilizar do seu trabalho.  
O nosso illustre Chefe, que se julga  
De mui diversa magã, do que fomos,  
Neste ponto também, também conhece  
Que está fugido á miseria d'homem.

Nas obras, doce Amigo, da Cadeia  
Trabalhão jornaleiros por salario.  
Aquelles, que carregão cal, e pedra,  
So ganhão por semana moço oitava.  
Aquelles, que trabalhão de Canteiro  
So menos ganhão cada dia um quarto.  
Tem pois certa mocinha quatro negros,  
Que apenas são ferventes: mas o Chefe  
Ordena, que na feria se lhes pague  
A quarto os seus jornaes, e creio, Amigo,  
Que ainda não consente se descontem  
Os muitos dias, que nas obras faltão.  
As casas, onde mora esta madama,  
Ainda não estavão acabadas.  
Agora já de longe a cal alveja:  
Quem entra dentro dellas já recrea  
Os olhos nas pinturas das paredes,  
E tecto apainellado, a quem um dia



Supplicia, Dorothea, a grossa esteva.  
Não quiz o nosso Herói, chamasse a moça  
Para mestre das obras um pedreiro,  
Entregou o concerto ao grão Tenente,  
Que o fez bem baratinho cò macame,  
Que pertencia ás obras da Cadeia.

Entende Tanfarrão, que não devia  
Deixar ao desamparo a sua dama;  
Que a Lei da Igreja pede, que amparemos  
As que por nossa culpa se perderão,  
E a Lei da fidalguia, que professa  
Nosso Chefe, manda, que elle ampare  
As mesmas, que na fama já tem nota,  
Comtanto, que isto seja á custa alheia.  
Chama pois o bom Chefe a um poralta,  
Que era cabo de esquadra, e lhe cõmette  
A gloria de casar com uma dama,  
Que se não fez descer dos Ceos á terra  
A o supremo Tenente, fez com tudo  
Humanizar um Chefe, que descende  
Da mais distincta, mais soberba raça.

Que subita alegria banha o rosto  
Doce innocente Cabo! nos seus olhos  
As lagrimas rebentão, e os seus beicos  
Formar não podem uma só palavra.  
A dita, Dorothea, é muito grande.  
É Que fortuna não é casar um pobre  
Com a rica viuva de um fidalgo?  
É Chamar ao fidalquinho, que elle deixara,  
Ou enteado, ou filho? É apparentar-se  
Com todos os magnates desta terra  
Em grão tão conhecido, e tão chegado?  
Esta grande ventura, doce Amigo,  
Para todos não é. Onegro de mo.

A guarda para premio dos serviços  
Dos Chefes principaes dos seus bandalhos.

Mas ah! presado Amigo, que o bom Chefe  
Já manda aparelhar as magras bestas,  
Que tem de conduzir-lhe o pobre feto,  
Que trouxe lá da Corte, e se o casquinho  
Não chega a receber a cara esposa,  
Primeiro que elle no governo morra,  
Bem pôde ser, Amigo, se arrependa,  
E que depois de ter cingido a banda,  
Empunhado o bastão, lhe pregue o mono.  
Faltarão ás promessas outros homens,  
Que de honrados nos dêrão muitas provas.  
Como faltar não pôde ao seu ajuste  
Um fraco coração, uma alma indigna,  
Que por tão baixo preço a honra vende?



Cautela e mais cautela, fim o Chefe  
 Não saberá mandar armadas tropas,  
 Nem saberá reger as cultas gentes.  
 Mas para o não lograrem, sabe astuto  
 Dar todas as cadômes providencias.  
 Escreve ao velho Bispo, e lhe supplica,  
 Que em todos os trez banhos o dispense.  
 Não expende razão, que justa seja:  
 Porém o velho Bispo tem bom genio,  
 E em todos os proclamas o dispensa:  
 Que elle tem grandes letras, e bem sabe,  
 Que os Canôes da Igreja não pensirão  
 Da especie singular de quando um Chefe  
 Quer á pressa casar a sua amasia.  
 Ath! se elle estas desordens não fizesse,  
 Não daria motivo a ser cantado  
 Por fabia, occulta Abusa em um Poema!

Agora inquirirás, presado Amigo,  
 Se este fabio Bispo aquelle mesmo  
 Que o bruto Tanfarrão em certo dia  
 Abetteo na sua fege ao lado esquerdo?  
 É este, sim, senhor, o mesmo Bispo,  
 A quem o nro Chefe desalmado,  
 Emquanto governou a nosa Chile,  
 Já dentro de Palacio, e já na rua  
 Tractou, como quem tracta um vil podengo.  
 De novo inquirirás, então um Chefe,  
 „Que tracta desfa forte ao seu Prelado,  
 „Atreve-se a pedir-lhe, que lhe faça  
 „Dispensa em uma Lei a beneficio,  
 „Da sua torpe amasia, eu, doce Amigo,  
 Ainda duvidava, se pedira,  
 Me desse absolvição dos meus peccados,  
 Ao ver-me para dar a Deos minha alma.

O mesmo, Dorotheo, também fizesse:  
 Mas tu, presado Amigo, não conheces  
 O sistema, que tem tão vil canalha.  
 Uma mui grande parte destes Chefes  
 Aglenta em procurar seu interesse  
 Por todos os caminhos, e acredita,  
 Que o brio, e pundonor que nós presamos,  
 São umas vaas fantasmas, que só devem  
 Honrar de simples voz aquelles homens,  
 Que vêm de uma distincta, e velha raça.  
 Para estes a nobreza está nos termos  
 Do fardido monturo, em que se deita  
 Quanta imundice tem as velhas casas.  
 Ditoso de quem vive neste mundo  
 No estado de ver rir os outros homens  
 Das suas vis accoções, sem que lhe suba



Um vermelho signal de pejo á cara!  
i Mas ah! i meu doce Amigo, quanto, quanto  
Se enganão estes monstros, que a nobreza  
É um vestido branco, aonde logo  
Aos olhos apparece a leve mancha!

Já chega, Dorotheo, o alegre dia,  
O dia venturoso do noivado:

Entra no Santo Templo a linda esposa  
Coberta toda de umas novas graças.  
Os seus louros cabellos não fluctuão  
Levados pelo vento a toda a parte.  
Em tranças se devidem, e se prendem  
No pente, a quem esconde um branco laço.  
Nos cabellos da frente resplandecem  
Das pedras de maiscuso os fogos varios.  
A sua testa iguala a pura neve,  
E são da cor da rosa as suas faces;  
São pérolas mimosas os seus dentes,  
As gengivas rubins, e os grossos beicos  
Estão cobertos dos cheirosos cravos.  
Talvez, talvez não fosse tão formosa  
Amesma, que obrigou ao forte Achilles,  
A que termo vestisse a molle saia.

Neste sagrado Templo não se adora  
A Imagem do Hymeneo: aqui os noivos  
Para prova da fé, que eterna dura,  
Não recebem na mão accessa tocha.  
Ministro do Senhor é quem os prende  
Cobrindo as castas mãos, com que se enlaçaõ  
Co a branca ponta da pendente estola.  
Aqui lascivas graças, mis Amores,  
Não cercão os confortes, nem manêõ  
Em torno dos altares, e das piúras  
Os vistosos festões de lindas flores.  
Aqui, aqui só entrão as virtudes,  
A candida Modestia, a Innocencia,  
A Santa Honestidade, e a Vergonha.  
São estas, e não outras as que cohem  
A receber á porta do Edifício  
Os sinceros amantes: sim são estas,  
São estas, e não outras, as que espalhão  
Debaixo dos seus pés cheirosas folhas,  
E as que fazem queimar sobre os braseiros  
O incenso devoto, e os mais aromas.

Recebem estas Genios aos dous noivos,  
Cao Ministro do altar os apresentão.  
i Ah! i formosa Marília, agora, agora  
Se augmentão tuas graças, pois te aviva  
Acôr da linda face um novo pejo!  
i Com que custo não dáis a mão nevada



Ao teu amado Adonis, que a recebe,  
 Como quem lucra nella o seu Thesouro!  
 Já não veste Felonio a grossa farda  
 Com divisas de lá, e sobre a testa  
 Não põe a barretina, que enfeita  
 Com armas, e botoes de grosso estanho.  
 Já não cinge as correias amarellas,  
 Nem camêga na cinta o peso enorme  
 Dos ferreos côpos da comprida espada.  
 Felonio se mudou, Felonio é outro.  
 Já brillão nos Canhões os alamares  
 Das finas lentejulas, e nos hombros  
 Já brillão as dragonas enfeitadas  
 Cós grandes cachos das lustradas flores.  
 Felonio se mudou, Felonio é outro.  
 A veste de setim já resplandece  
 Orlada cõ galão da fina prata,  
 E por finta da veste, já se enrola  
 Na cintura a vermelha, e rica banda.  
 Felonio se mudou, Felonio é outro.  
 Como está bello! como está casquilho!  
 Concerta do babado a fina renda,  
 Olha uma, e outra vez os alamares;  
 Endireita a cuculla, estende a perna;  
 Não consente um fio fio sobre a farda:  
 Levanta o pescocinho, morde os beiços,  
 E o seu cabello com a mão afaga.  
 Felonio se namora de si mesmo,  
 Ainda, ainda mais que o torno Adonis.  
 Quando rio o seu rosto dentro d'agua.  
 Felonio se mudou, Felonio é outro.  
 Então os militares, que o rodeão,  
 Amado Dorotheo, risinhos mofoão.  
 Um pisa com o pé nos pés vizinhos.  
 Picha outro pelas pontas das fardetas  
 Aos Amigos chegados: este acena  
 Cós olhos, e cabeça aos companheiros,  
 Que lhes ficam de fronte: aquelle tapa,  
 Fingindo que tem tosse, a alegre boca.  
 Lulal foge da presença... inlas que vejo!  
 Tu, Dorotheo, carregas sobre os olhos  
 As grossas sobrancelhas? e tu enrugas  
 A testa levantada? e tu inflammas  
 As faces já desfeitas, e suspiras?  
 Accaso tu presumes, que eu murmuro  
 Do facto de casar o nosso Chefe  
 A sua torna amasia? Não Amigo;  
 Eu conheço tambem aonde chegam  
 Os deveres de quem nasceo fidalgo.  
 Obrou onosso Chefe, o que eu faria.



Murmuro, Dorotheo, mas é do dote:  
Do dote, fim da dote! Diz e a banda,  
O castão de coquilho, as mais insignias,  
São dotes, que se dêem a um soldado,  
Transferro ao Chefe, em receber-lhe  
Sem vergonha do mundo a sua amiga?  
E Não lhas infolencia, e desaforo  
Vir os Portas bandeiras, os Cadetes,  
Eos Turnéis já velhos preteridos,  
Só para premiar-se com o posto,  
Que por Lei lhe pertence, um torpe crime?  
São estes, Dorotheo, os grandes Cabos,  
De quem a triste Pátria fiar deve  
A sua salvação? São estes? dize:  
Agora já té calas: pois não tornes  
A mostrar-me outra vez o gesto irado:  
Que um dia heo de enfiar-me, e se me enfiadas,  
Ainda que me peças de joelhos,  
Não has de receber da minha penna  
Em verso, ou prosa mais, uma só carta.

### Carta 12.<sup>a</sup>

Aquelle, que se jacta de fidalgo,  
Não cessa de contar progenitores  
Da raça dos Suevos, mais dos Godos.  
O valente soldado gasta o dia,  
Em fallar das batalhas, e nos mostra  
Das feridas, que presa, cheio o corpo.  
O louco namorado não descança,  
Emquanto tem quem ouça as aventuras,  
Que fez com as madamas, mais senhoras;  
Pensando-se mil vezes, quando chega  
Aos lances apertados de ser visto  
Dos maridos, dos Pães, e dos parentes,  
Em que fô por milagre não foi morto.  
Assim, assim também o teu Critillo,  
Não cansa de escrever-te, em quanto encontra  
Do tolo Tanfarrão, do Indigno Chefe,  
Estranhas bandalhões, que te conte.  
i Ah! soffre, Amigo, que te gaste o tempo,  
Pois conter-se não pôde, bem que queira,  
Que a força da paixão asproa a chama;  
Achama activa do picante genio.  
já sabes, Dorotheo, aonde chega



Do nosso Tansarrão a bizarrice,  
 Em premiar serviços de uma Dama.  
 Agora nesta carta vou mostrar-te,  
 Até aonde chegam as grandezas,  
 Que fez com os marotos, por que tenhas  
 Do seu fidalgo genio noção clara.  
 Qual negra tempestade, que carrega  
 As nuvens de Copins, e de Formigas,  
 Que crião com as chuvas longas asas:  
 Assim o nosso Chefe traz com si  
 Arribação infame de bandalhos,  
 Que gerão também asas com a muita  
 Noíva audacia, que lhes dá seu amo.  
 Na corja dos marotos apparece  
 Um magrico mulato, a quem o Chefe  
 Por occultas razões estima, e preza.  
 Talvez que noutro tempo lhe levasse  
 Os miúdos papeis ás suas damas.  
 Occupação distincta, que já teve  
 Um famoso Mercurio, que comia  
 Sentado á mesa dos mais altos Deuses.  
 Deseja o nosso Chefe, que este lucre  
 Quatrocentas citavas pelo menos:  
 E para que não faia do seu bolso  
 Descobre esta feliz, e nova idea.  
 Dispõe dos bens alheos como proprios;  
 No publico Theatro de Lupesio  
 Ordena, Dorotheo, se represente  
 Uma vista comedia, porque fiquem  
 Para o velho mulato os lucros della.  
 Ordena ainda mais, que o seu Proberio  
 Os boletos reparta pelas damas,  
 Pelos contractores opulentos,  
 E por quantos casquilhos os quizerem  
 Pagar ao menos por dobrado preço.  
 Agberio assim ofaz: suppõe coitado,  
 Que prometteo pedir alguma Missa:  
 E junto c' o mulato vai entrando  
 Em uma, e outra casa, aonde deixa  
 Ou sellado papel para a Platea,  
 Ou com taboa pendente a velha chave.  
 Ah nota, Dorotheo, que accão tão feia!  
 Aquelle bruto Chefe, que não paga  
 As pessoas mais nobres o cortejo,  
 Se quer por um criado, agora manda,  
 Que o seu proprio Proberio, o seu bom aio,  
 Ande de porta em porta qual mendigo,  
 Pedindo para um bode a benta esmola:  
 Então, Amigo, a quem? É a quem? aos mesmos,  
 Que tem desfeitoado muitas vezes;



Cas pobres, que ~~é~~ é mais, as pobres moças,  
Que hão de ganhar a custa do seu corpo  
Com que possam pagar deste convite  
Um tão avantajado, indigno preço.  
i Maldita sejas tu, pouca vergonha,  
Que tanto influxo tens sobre este Leso!

Chegou-se, Dorotheo, a noite alegre,  
Destinada á função, e o vil Probetio  
Dá nova prova de fervor, e zelo.

Vai-se pôr com o traste do mulato  
Na porta da plateia, e quando acaba  
A primeira jornada, também corre  
Os cheios camarotes, i fina idéa!

Para xer, se os tolinhos assim largão  
Na copa do chapeo, que a cometa apanha,  
Embrulhos de mais peso. i Ah doce Amigo,  
Quem bandalho nasceo, inda que suba  
Ao posto de Major: morreo bandalho,  
Que o tronco, se dá fructo azedo, ou doce,  
Procede da semente, e qualidade  
Da negra terra, em que foi gerado.

Servia-se este chefe de um Lacario,  
E por não lhe pagar salario certo,  
Deo neste ardil também: quando hia as festas,  
Lhe dava o seu brandão, e as mais pescoas,  
Que estavam na tribuna por obsequio.  
Lhe davão as compridas, grossas vélas.  
Se dava algum despacho, de que vinha  
Porreiro á parte rica, lho entregava;  
Porque fosse ganhar o grande premio,  
Com que os necios fervidos o brindarão.  
Nas vespuras, Amigo, da partida  
Tractou de lhe fazer maior a fatura.  
Passou attestações a todo o mundo,  
E sem saber, se o mundo lhas queria,  
Abandonou do mesmo ferro as entregasse,  
E os premios do trabalho recolhesse.  
i Maldita sejas tu, pouca vergonha,  
Que tanto influxo tens sobre este Leso!

Havia, Dorotheo... mas não gastemos  
O tempo em referir mais bandallices  
Da mesma natureza; refiramos  
Outras que sejam de diversa classe.  
Não quero, Dorotheo, que o justo tedio,  
Que infunde a similitude, te duplique  
O tedio, que produz a minha fúria.

Fizemo os devotos de uma Imagem  
Da festa protector ao grande chefe.  
Aceita o Tanfarrão do Cargo a honra  
E medita fazer um grão festejo.



Ordena aos Cavalleiros, que vierão  
 Correr as argolinhas em obsequio  
 Do ditoso Conforcio dos Infantes,  
 Que esperem nesta terra a sua custa,  
 E que nos dias da função repitam  
 Os feitos jogos com o mesmo lustre.  
 Mandas, que o grande cura, que o Senado  
 Fx levantar na praia, permaneca,  
 E venhão os boiunhos, que por serem  
 Mais bravos do que os outros, se guardávão,  
 Mal reparão no chão, e mal corrião  
 Atroz do máo capinha no terreiro.  
 Eis aqui, eis aqui, Amigo, o como  
 Se fazem cousas grandes sem despora.  
 Mandas mais o bom Chefe, que se aluguem  
 Os palanques a quatro oitavas d'ouro,  
 Para que se comprasse um patrimonio  
 A' Sacra Santa Imagem deste lucro.  
 E que fábias intencões, que fins tão santos!  
 Celebrão se os festins, e não escapa  
 Um camarote só que não se alugue.  
 Mas deste rendimento não se sabe,  
 Que a compra se metteo de toda a bulha.  
 São penses, Dorotheo, que o nosso Chefe  
 Comeo este dinheiro. Longe, longe  
 De nós este tão baixo pensamento.  
 Indo já no caminho o seu Matasio  
 Passou sobre Marquêsio certa Letra,  
 Para que se pagasse ao Santo Christo.  
 Agora considera, se este facto  
 Não mostra que elle zela a consciencia.  
 E Agora inquirirás, se o tal Marquêsio  
 Deu na facada Letra o seu, accito.  
 Não pôs, não pôs, Amigo, porque disse,  
 Que dieste pagador não tinha effeitos.  
 Porém o bom Matasio, mais seu amo  
 Levão as consciencias descarradas,  
 Pois não devem suppor pelo costume,  
 Que a Letra não pagasse o máo Brondairo.  
 Maldita sejais tu, pouca vergonha,  
 Que tanto influxo tens sobre este Lazo!  
 Roubou um seu criado a certa escrava,  
 E dentro lha metteo do seu Palacio.  
 Conheceo o Senhor, quem fez o furto,  
 E foi pedir ao Chefe, que mandasse,  
 Que o terno roubador restituísse  
 A serva com os lucros, pois cedia  
 De toda a mais acção, que a Lei lhe dava.  
 E que entendes, Dorotheo, que oprou o Chefe?  
 E que fez um serio exame sobre o caso.



Que conhecendo ser a queixa justa,  
Metto em duras ferras ao Criado?  
E que não lhe perdoou, em quanto o mesmo  
Offendido queixoso não lhe veio  
Supplicar o perdão da culpa grave?  
Devias esperar, que assim fuisse:  
Mas quando a razão pede certa coisa,  
Elle então executa o seu contrario.  
Não zela, Dorothea, a sua justiça,  
Nem zela a honra propria maculada  
Na sua habitação, que o servo muda  
Em torpe Lupanario: não, não zela.  
Antes, prestado Amigo, austero estranha  
Ao misero queixoso, que se atreva  
A suppor, que os seus servos são capangas  
De poderem obrar tantos crimes.  
Maladita sejas tu, pouca vergonha,  
Que tanto influxo tens sobre este Lazo!

Tusfado alguns tempos Ludovino  
Encontrou uma noite a sua escrava,  
Ea casa a conduzio do bom Saonio,  
Aonde em hospedagem se abrigava.  
Aqui lhe perguntou a longa historia  
Da fugida, que fez; e a triste ferra,  
Com animo sincero assim lhe fellá.  
"Riborio me induzio a que fugisse."  
"Metto-me no seu quarto, donde estive,"  
"Fechada muitos dias. Augou-me,"  
"Depois uma casinha, aqui me dava,"  
"Das fobejas da mesa de seu amo,"  
"Para eu alimentar a pobre vida."  
"Tive delle dous filhas: o Demonio,"  
"Enganou-me, Senhor, cuidei...," Enisto  
Eleria mais dizer; porém de peso  
As lagrimas lhe estalão; e se cortão  
As ultimas palavras com suspiros.  
Agora dirás tu, Amigo honrado,  
"Agora, agora fim, agora é tempo,"  
"Insolente Riborio, de nós vermos,"  
"Para exemplo dos mais o teu castigo."  
"Os soldados já marchão: já te prendem,"  
"Já tens maneado; já te mettem,"  
"Na fardada enxada; já te encaração,"  
"No pescoco a corrente; e vais marchando,"  
"Com rosto baixo a vôr Angola, ou India."  
De vagar, de vagar com essas cousas.  
Os servos de Palacio são os Duques  
Do nosso Sant'ago, e não se prendem  
Por essas, nem por outras ninharias.  
Atrevidos soldados já se aprontão,



Mas não para prenderem a Ribeiro,  
 Sim para conduzirem entre as armas  
 Ao pobre Ludovino, e a sua ferra.  
 Que já buscando vão a sua casa,  
 Que dista desta terra muitas legoas.  
 É o mesmo Ribeiro, quem caminha,  
 A fazer, Dorotheo, a diligencia,  
 Cobrindo a testa da insolente esquadra.  
 É já viste, Dorotheo, insultos destes?  
 É já viste, que pertenda um homem serio,  
 Que á força um bom senhor de si demitta  
 A senhora deshonesta, porque passa  
 Ficar na mancebia: já, já viste,  
 Que se mande prender ao ultrajado  
 Pelo mesmo ladrão: tih! charo Amigo.  
 Que destas insolencias, que te conto,  
 Apenas pôde ver quem mora em Chile!  
 Maldita sejas tu, pouca vergonha,  
 Que tanto influxo tens sobre este Lazo!

Na esta grande terra um homem sabio,  
 É o unico formado em Medicina.  
 Aeste bom Doutor estimão todos  
 Por sua profissão, por seus talentos,  
 Por seu affavel modo, e mais que tudo,  
 Pelas muitas virtudes, que respira.  
 Curava o nazo sabio a certo enfermo,  
 E vendo a virida febre, e os mais symptomas  
 Ordena, que elle tome um copo d'agua,  
 Aque da' de Inglaterra o povo o nome.  
 Manda-lhe o Boticario uma botelha,  
 Que já servido tinha. O sabio attento  
 Aque ella poderia ter perdido  
 A força natural, a não approva,  
 E passa a receitar outro composto,  
 Que passa produzir o mesmo effeito.  
 Chorando o Boticario sobe ao Chefe,  
 E diz-lhe, que o Doutor a regeitara,  
 Por ser seu inimigo, e desta sorte  
 Tirar-lhe da botica o bom conceito.  
 Manda o Chefe chamar aos boticarios,  
 E manda, que examinem a garrafa.  
 Concordão os Doutores, que não tinha  
 Ainda corrupcão; talvez por verem  
 Que ainda conservava algum amargo.  
 Então, então o Chefe enfurecido  
 Ordena ao Ajudante, que alli mesmo  
 Avise ao Professor, que elle tem ferros,  
 Cadêas, e galeas, com que reprima,  
 Se nellas proseguir, os seus excessos.  
 Maldita sejas tu, pouca vergonha,



Eue tanto influxo tens sobre este Lixo!

E pensavas, Dorotheo, que o nosso Chefe  
Passasse á insolencia, que refiro,  
De insultar por amor de um vil mulato  
Um velho professor tão bem acceito,  
Um velho professor, além de sábio,  
Na terra singular no seu officio?

Não, meu presado Amigo, não pensavas.

Pois quero, Dorotheo, abrir-te a calusa.

Ésta grave ameaça, e grave insulto  
Fol festa em tom de paga, porque o bode  
Cuidava cuidadoso ao proprio Chefe  
De mal occulto, que a modestia cula.

i Maldita feias tu, pouca vergonha,

Eue tanto influxo tens sobre este Lixo!

i Ah! E dize, Dorotheo, por que motivo  
O Tão de Tanfarrão, o não pôz antes  
Na loja de algum habil Capateiro  
Cós moços aprendizes deste officio?

Agora dirás tu: Nasceo Fidalgo;  
As grandes personagens não se occupão  
Em baixos exercicios. Nada dizes.

Tonante, Dorotheo, é Tão dos deuses.

Nasceo-lhe o feu Vulcano, e nasceo feio.

Mal o bom Tão o vio, pregou-lhe um couce,

Eue o pôz do Olympo fóra; e o pobre moço  
Foi abrir uma Tenda de Feneiro.



Ainda, charo Amigo, ainda existem  
Os vestígios dos Templos sumptuosos,  
Que a mão religiosa do bom Numa  
Ergeu a Marte, e levantou a Jano.  
Ainda, ainda temos, que elegera  
Para estas divindades Sacerdotes,  
E que muitas Donzellas consagrara  
Afim de conservar-se accendo o fogo  
Em o templo de Vesta sobre as Aras.  
Tambem, tambem sabemos, que este sabio,  
Para ter mais conceito entre o seu povo,  
Fingio, que a Ninfa Egeria, sendo noite,  
Vinha fallar com elle, e que benigna  
A forma do Governo lhe inspirava.  
O mesmo fez Sertorio, que dizia,  
Que nada executava, que não fosse  
Ensinado por uma branca cervo,  
Que a deusa caçadora lhe mandára.  
Masfoma, o vil Masfoma, astuto segue  
Tambem este systema. Ao seu ouvido  
Acostuma a chegar-se a mansa pomba.  
A Nação ignorante se convence  
De que este seu Profeta conhecia  
Os segredos do Ceo por este meio.  
Não ha, meu Dorotheo, não ha um Chefe,  
Sem que perverso seja, que não finga  
Pela Religião um justo zelo,  
E quando não o faça por virtude,  
Sempre aomenos o mostra por systema.



